

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS (CCJE)
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS (FACC)
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DE UNIDADE DE INFORMAÇÃO (CBG)

ISADORA CRISTAL ESCALANTE

O IMPACTO CAUSADO PELO ESTEREÓTIPO DE GÊNERO SOBRE A MULHER
BIBLIOTECÁRIA DO SÉCULO XXI NO BRASIL

Rio de Janeiro

2017

ISADORA CRISTAL ESCALANTE

**O IMPACTO CAUSADO PELO ESTEREÓTIPO DE GÊNERO SOBRE A MULHER
BIBLIOTECÁRIA DO SÉCULO XXI NO BRASIL**

Trabalho apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Patrícia Mallmann Souto Pereira

Coorientador: Prof. Dr. Luciano Rodrigues de Souza Coutinho

Rio de Janeiro

2017

Ficha catalográfica

E74i ESCALANTE, Isadora Cristal.
O impacto causado pelo estereótipo de gênero sobre a
mulher bibliotecária do século XXI no Brasil /
Isadora Cristal Escalante. - Rio de Janeiro, 2017.
158 f.

Orientadora: Patrícia Mallmann Souto Pereira.
Coorientador: Luciano Rodrigues de Souza Coutinho.
Monografia (Graduação em Biblioteconomia e Gestão
de Unidades de Informação) – Curso de Biblioteconomia
e Gestão de Unidades de Informação, Universidade
Federal do Rio de Janeiro.

1. Estereótipo de gênero. 2. Mulher bibliotecária.
3. Biblioteconomia no Brasil. I. Pereira, Patrícia
Mallmann Souto. II. Coutinho, Luciano Rodrigues de
Souza. III. Título.

CDU: 02-055.2(81)“20”

CDD: 023.2098108

ISADORA CRISTAL ESCALANTE

**O IMPACTO DOS ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO SOBRE A MULHER
BIBLIOTECÁRIA NO SÉCULO XXI NO BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Rio de Janeiro, 21 de dezembro de 2017.

Prof^ª. Dra. Patrícia Mallmann Souto Pereira (UFRJ)
Orientadora

Prof. Dr. Luciano Rodrigues de Souza Coutinho (UFRJ)
Coorientador

Prof^ª. Dra. Regina Maria Macedo Costa Dantas (UFRJ)
Membro interno

Me. Nádia Bernuci dos Santos (IBICT- UFRJ)
Membro externo

Dedico este trabalho a todos que contribuíram para o seu desenvolvimento, fazendo dele uma experiência e, especialmente, às mulheres que em diferentes épocas resistem às hegemonias.

AGRADECIMENTOS

Escrever nunca é um exercício plenamente autoral, mas sim uma produção coletiva edificada por uma série de acontecimentos. Quem escreveu este trabalho não foi um “eu”, pois este tem autoria dos mais diversos encontros. Por isso, todas as palavras que aqui escrevo são poucas para expressar tamanhos “acontecimentos”. Ainda assim, agradeço:

À minha orientadora, Professora Doutora Patrícia Mallmann Souto Pereira, por toda a troca de conhecimento, dedicação, paciência e por proporcionar as orientações coletivas que são riquíssimas para a experiência da pesquisa acadêmica. Além de me guiar nos caminhos da pesquisa, me trouxe alegria inestimável em momentos difíceis.

Ao meu coorientador, Professor Doutor Luciano Rodrigues de Souza Coutinho, por suas observações imprescindíveis para algumas reflexões ou questões estruturais da monografia. Também por ter aceitado o convite/convocação, mesmo sabendo do desafio de uma orientação nestes períodos temerosos.

À minha inspiração pedagógica na Biblioteconomia e na vida, Professora Doutora Marianna Zattar, por suas aulas incríveis, pelos projetos de construção de aprendizagem, pela competência extraordinária, pelos cafés, risadas e, sobretudo, pela amizade infinita que me foi porto seguro tantas vezes durante o desenvolvimento deste trabalho.

Aos/às demais professores/as do CBG por todo conhecimento proporcionado ao longo desta jornada.

À minha mãe, Véra Lúcia, por ser minha melhor amiga de todas as horas, por questionar, compreender e se orgulhar da pesquisa. Por, acima de tudo, dar um voto de confiança no trabalho da filha que sempre lhe deu (muito) trabalho. Ao meu irmão, Alberto Magno que, mesmo com perspectivas divergentes, nunca deixou de se preocupar com meu futuro profissional (ainda que fosse como goleira da seleção) e ficar todo prosa com minhas vitórias.

Ao restante da família, em especial às queridas, Érika e Tia Lêda, pela energia da torcida, apoio total dos estudos e elevar meu ego do jeito mais afável possível.

À minha babá de toda vida, Mere Modesto, e ao meu amigo e motorista, Fenelon de Souza, que por quatro suportou minhas cantorias no carro em todas as idas e vindas à UFRJ.

Aos grandes amigos do peito Letícia Dias, Yuri Oliveira, Pablo Moraes, Julio Modesto, Lysis Sevilha, Lara Rabello, Gabriela Del Prete, Camila Camargos, Nelson Vitor, Guilherme Sousa e Roberta Nucci por terem me acompanhado, crescerem comigo, aguentado

a pressão durante períodos complicados da minha vida e cuidarem de mim com dedicação, carinho e amor.

A todos aqueles com quem fiz estágios, mas, sobretudo, às minhas queridas chefes: Monique Martins (DGDI), Juliana Batista (Celso Lisboa) e Maria Angélica Savelli (Finep). Que sorte a minha de ter gestoras de unidades de informação maravilhosas, com quem pude aprender tanto e me espelhar profissionalmente.

Ao grupo de pesquisa Gênero, Ciência, Tecnologia e Sociedade que me permitiu mergulhar de cabeça na temática aqui trabalhada, por meio de inúmeras discussões, debates e produções colaborativas. A convivência com os integrantes foi essencial para o desenvolvimento da minha pesquisa. Ao grupo de pesquisa aqui trabalhada, por meio de inúmeras discussões, debates e produções colaborativas. A convivência com os integrantes foi essencial para o desenvolvimento da minha pesquisa.

À bibliotecária Erica Resende pelas palavras de apoio desde os primeiros passos da investigação e por ter contribuído com o pré-teste da coleta de dados. Se eu já a admirava como profissional, depois de ter escutado um pouquinho de sua história então... Foi lindo!

Às bibliotecárias-chefes participantes da Rede de Bibliotecas de Pesquisa (RBP) do Ministério de Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicação (MCTI) pela coragem, resistência em seus espaços e na vida. Toda minha gratidão por terem compartilhado suas experiências e terem sido objeto deste estudo.

À Banca examinadora do meu trabalho, composta pelas queridas Regina Dantas e Nádia Bernuci que sempre admirei. Agradeço por aceitarem ler e avaliar esse trabalho, que marca o início de uma provável jornada acadêmica.

Às minhas heroínas, mulheres protagonistas e coadjuvantes invisibilizadas, que foram fundamentais para o avanço da condição humana e feminina em toda história; às mulheres que sonham e às mulheres castigadas por sonhar, que me ajudaram a observar o mundo sob novas perspectivas e me estimulam a lutar todos os dias pelos nossos direitos; mulheres que sobrevivem e nos ajudam a sobreviver. Juntas somos outros modos de existência.

Toda minha gratidão a todos que me ouviram, que me deixaram falar, que acreditaram em mim, me incentivaram com abraços afetuosos, com relações singulares, com loucuras, com liberdades, com muito apoio, força e ótimas energias enviadas ao longo da graduação.

Por fim, agradeço imensamente aos encontros e desencontros que tecem a arte da vida, que inspiram e despertam a coragem necessária para superar as expectativas, extrapolar as probabilidades e, com ternura e humildade, impulsionam a determinação para alcançar os mais utópicos sonhos. Obrigada!

“O auto-conhecimento não garante a felicidade, mas a favorece e fornece coragem para lutar por ela.” (BEAUVOIR, 1963, p. 192).

“Entonces mi padre me dijo que dejara la escuela, porque ya sabía leer y leyendo podía aprender otras cosas. Pero yo no acepté y me puse fuerte y seguí yendo a clases.” (BARRIOS DE CHUNGARA, 1977, p. 39).

“In time of trouble, I had been trained since childhood, read, learn, work it up, go to the literature. Information was control.” (DIDION, 2005, p. 44).

RESUMO

A imagem construída historicamente da mulher bibliotecária, a qual permanece a influenciar o imaginário das pessoas, bem como os impactos que esta projeção tem sobre a forma como a profissão se apresenta, é perspectivada e tratada, precipuamente, a partir de uma lógica que hierarquiza e estigmatiza gêneros e áreas de conhecimento. Esta temática tem sido enfoque de importantes debates, sobretudo a partir de uma forte associação a diversos estereótipos que marcaram e ainda marcam os dias atuais, tanto na inserção como na perspectiva de ascensão dentro da carreira, quanto quando se trata do mercado de trabalho como em outros aspectos relevantes na sociedade. Este estudo objetiva analisar os impactos causados pela perpetuação destes estereótipos de gênero sobre a mulher bibliotecária no Brasil, em especial em suas atividades biblioteconômicas e cotidianas em bibliotecas vinculadas à Rede de Bibliotecas das Unidades de Pesquisa (RBP) do Ministério de Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC). Utilizou-se a entrevista como técnica de coleta de dados e a análise de conteúdo como técnica de análise, para identificar a força e as consequências geradas pelos estereótipos na construção da imagem profissional das mulheres bibliotecárias-chefes das instituições de pesquisa em Ciência, Tecnologia e Inovação do Brasil associadas à RBP, particularmente, ao confrontarmos com as consequências históricas da inserção da mulher no mercado de trabalho para o exercício profissional, bem como as oportunidades de atuação e reconhecimento social da profissão. Os resultados apontaram que tal reconhecimento deriva da observação que a imagem da mulher bibliotecária, decorrente de uma visão estereotipada, não corresponde ao fazer profissional dessas mulheres, as quais acabam sendo compelidas e/ou, ainda, forçadas a corresponderem às demandas sociais, construídas a partir de um modelo estereotipado e distorcido da realidade, o que traz problemas a sua inserção no mercado de trabalho e na sociedade da informação, de maneira geral. Os resultados indicaram ainda que, para além do estereótipo de gênero como marcador social contributivo para a desvalorização da profissão, há uma priorização de poder conforme a distribuição de bibliotecários do sexo masculino nos Conselhos Regionais de Biblioteconomia. Por fim, pode-se considerar que a inferência do gênero na profissão existe, persiste e permeia a vida das mulheres bibliotecárias em cargos de chefia nas questões observadas sob o prisma das variáveis da pesquisa (formação acadêmica, faixa etária, tempo de profissão, cargo ocupado), embora nem sempre seja percebida pelas entrevistadas.

Palavras-chave: Estereótipo de gênero. Mulher bibliotecária. Biblioteconomia no Brasil.

ABSTRACT

The image built historically on librarian women, which remains the influence the imagery of people, as well as the impacts that this projection has on how the profession presents itself is considered and treated, principally, from a logic that hierarchical and stigmatizes genres and knowledge areas. This issue has been important debates approach, especially from a strong association to several stereotypes that have marked and still mark the present day, both in the insertion and in the perspective of career advancement, both in the labor market as in other relevant aspects in society. This study aims to analyze the impacts caused by the perpetuation of these gender stereotypes about the librarian women in Brazil, especially in their daily and library activities in their libraries linked to the Library Network of Research Units (RBP) of the Ministry of Science, Technology, Innovations and Communications (MCTIC). It uses semi-structured interviews as technique for data collection and the method of Content Analysis as technical analysis with qualitative nature approach to identify the strength and the consequences generated by stereotypes in the construction of the professional image of librarians-heads women of research institutions in science, technology and innovation of Brazil associated with RBP, particularly when faced with the historical consequences of the insertion of women into the labor market for the professional practice, as well as opportunities for updating and social recognition of the profession. The results of this study evidenced such recognition stems from the observation that the image of the librarian women, arising from a stereotypical vision, does not match the result of women's professional job, which end up being compelled and/or forced to satisfy the demands social, constructed from a stereotyped and distorted model of reality, which brings problems to their insertion in the labor market and in the information society. The results also pointed that, in addition to the gender stereotype as contributory social marker to the devaluation of the profession, there is a power prioritization according the distribution of male librarians in the Regional Librarianship Councils (CRBs). Finally, one can consider that the inference of the genre in the profession exists, persists and permeates the lives of librarian women in leadership positions on the observed issues under the prism of the research variables (academic formation, age group, position held, profession time), although it is not always perceived by the research interviewees.

Keywords: Gender stereotype. Librarian woman. Library Science in Brazil.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BN	Biblioteca Nacional
CBPF	Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas
CETEM	Centro de Tecnologia Mineral
CETENE	Centro de Tecnologias Estratégicas do Nordeste
CFB	Conselho Federal de Biblioteconomia
CNEN	Comissão Nacional de Energia Nuclear
CRB	Conselho Regional de Biblioteconomia
CTI	Centro de Tecnologia da Informação Renato Archer
DLLLB	Departamento de Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas
FBN	Fundação Biblioteca Nacional
FINEP	Financiadora de Estudos e Projetos
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
INPA	Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia
INPE	Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
INSA	Instituto Nacional do Semiárido
INT	Instituto Nacional de Tecnologia
LNA	Laboratório Nacional de Astrofísica
LNCC	Laboratório Nacional de Computação Científica
MAST	Museu de Astronomia e Ciências Afins
MCTIC	Ministério de Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações
MinC	Ministério da Cultura
MPEG	Museu Paraense Emílio Goeldi
ON	Observatório Nacional
PPGCI	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
RBP	Rede de Bibliotecas das Unidades de Pesquisa
SAI	Secretaria de Articulação Institucional
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Distribuição de cargos por sexo no IBICT.....	45
Figura 2 - Distribuição de mulheres por formação no IBICT.....	46
Figura 3 - Distribuição dos pesquisadores do PPGCI/IBICT-UFRJ por sexo.....	46
Figura 4 - Distribuição de mulheres pesquisadoras do PPGCI/IBICT-UFRJ por formação.....	47
Figura 5 - Divisão por sexo de presidentes do CFB (1966-2017).....	48
Figura 6 - Mulheres líderes em grupos de pesquisa de Ciência da Informação por área de formação.....	48
Quadro 1 - Presidentes do Conselho Federal de Biblioteconomia (1966-2017).....	50
Figura 7 - Mulheres líderes em grupos de pesquisa de Biblioteconomia por área de formação.....	50
Figura 8 - Divisão por sexo de presidentes do CFB do século XXI no Brasil.....	51
Quadro 2 - Presidentes dos Conselhos Regionais de Biblioteconomia em 2017.....	51
Figura 9 - Divisão por sexo de presidentes dos Conselhos Regionais de Biblioteconomia em 2017.....	57
Figura 10 - Estereótipo masculino.....	61
Figura 11 - Estereótipo feminino.....	61
Figura 12 - Imagem dos bibliotecários.....	67
Figura 13 - Boneca bibliotecária.....	71
Figura 14 - Estereótipo 2: imagem da bibliotecária velha, ranzinza e carrancuda.....	74
Figura 15 - Estereótipo 1: imagem da bibliotecária jovem, sexy e provocativa.....	74
Quadro 3 - Identificação dos estereótipos sobre resultados da pesquisa regional no Google Imagens.....	75
Quadro 4 - Identificação dos estereótipos sobre resultados da pesquisa regional no Yahoo Imagens.....	75
Figura 16 - Publicação em rede social sobre a representatividade da boneca bibliotecária.....	76
Figura 17 - Respostas de mulheres que se sentem representadas pela boneca bibliotecária na publicação em outubro de 2017.....	77
Quadro 5 - Ocupação por sexo da Diretoria/Presidência das Instituições das bibliotecas da RBP em 2017.....	81

Quadro 6 - Caracterização geral das entrevistadas.....	84
Figura 18 - Bibliotecárias por formação acadêmica.....	85
Figura 19 - Bibliotecárias por década de formação.....	86
Quadro 7 - Competências requeridas pelo mercado de trabalho.....	104
Quadro 8 - Atividades da Biblioteconomia realizadas de acordo com o sexo do profissional.....	109

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
1.1	JUSTIFICATIVA.....	17
1.2	OBJETIVOS.....	19
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	20
2.1	A MULHER E A BIBLIOTECONOMIA.....	20
2.2	BIBLIOTECONOMIA COMO PROFISSÃO NO BRASIL.....	23
2.2.1	As mulheres na construção da Biblioteconomia brasileira.....	26
2.3	INSERÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO.....	33
2.3.1	Teto de vidro: metáfora para segregação vertical no mercado.....	38
2.4	DISTRIBUIÇÃO DE MULHERES BIBLIOTECÁRIAS NA ESFERA PÚBLICA E NA CIÊNCIA.....	41
3	ESTEREÓTIPO DE GÊNERO SOBRE A MULHER BIBLIOTECÁRIA.....	54
3.1	BREVE ABORDAGEM AO CONCEITO DE GÊNERO.....	54
3.2	CONCEITO DE ESTEREÓTIPO.....	58
3.3	ESTEREÓTIPO MASCULINO E ESTEREÓTIPO FEMININO.....	59
3.4	ESTEREÓTIPO DE GÊNERO E A MULHER BIBLIOTECÁRIA.....	63
3.5	ESTEREÓTIPO DE GÊNERO DA MULHER BIBLIOTECÁRIA: STATUS E ESTIGMATIZAÇÃO NA WEB.....	73
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	78
4.1	A Rede de Bibliotecas de Pesquisa.....	80
5	IMPACTOS CAUSADOS PELO ESTEREÓTIPO DE GÊNERO NA MULHER BIBLIOTECÁRIA DO SÉCULO XXI NO BRASIL.....	82
5.1	IDENTIFICAÇÃO DAS PARTICIPANTES.....	84
5.2	PERGUNTAS SOBRE A PROFISSÃO.....	86
5.2.1	Interferência de gênero na profissão.....	86
5.2.2	Interferência de gênero no mercado de trabalho da mulher bibliotecária.....	99
5.2.3	Hierarquia e divisão sexual do trabalho na Biblioteconomia.....	106
5.2.4	O impacto do estereótipo de gênero sobre a mulher bibliotecária.....	117
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	129
	REFERÊNCIAS.....	132

APÊNDICE A – CONTATO VIA E-MAIL COM USUÁRIOS DA WEB.	147
APÊNDICE B – RESULTADO DE BUSCAS DE USUÁRIOS DA WEB.	149
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	154
APÊNDICE D – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	156

1 INTRODUÇÃO

Os temas abordados neste trabalho são Gênero e Biblioteconomia. É possível observar que não é marginal a tentativa de naturalização das divisões entre os sexos, fundamentação esta que passou a legitimar e confirmar a dominação masculina na sociedade (BORDIEU, 2003). Essas tentativas são fundadas e alimentadas pela construção da dominação do masculino sobre o feminino e interferem em todos os campos da sociedade, inclusive definindo as relações de trabalho, e na Biblioteconomia isso não seria diferente. Assim, este estudo abordará a condição da mulher bibliotecária¹ em sua atividade profissional no século XXI, e em suas questões pessoais relacionadas à sua vida cotidiana, impactadas pelo estereótipo de gênero na área biblioteconômica.

O estudo de Marcondes (2013) demonstra que o “cuidado” sempre esteve conectado à feminização do mundo do trabalho e, em decorrência, à divisão sexual do trabalho; e a partir desta foram designadas às mulheres atividades semelhantes às que eram exercidas no ambiente doméstico. Em virtude dessas atividades voltadas ao cuidado, nasceram diversas profissões femininas (e/ou foram transformadas em), entre as quais se inclui a Biblioteconomia (FERREIRA; BORGES; BORGES, 2010).

Segundo Avelar e Dumont (2015), o aumento da tecnicidade na profissão bibliotecária foi um dos importantes fatores para a feminização da profissão, e não somente as características das bibliotecas como espaços de cuidado e armazenamento, ligadas ao ideal maternal. Os primeiros cursos de Biblioteconomia no país, influenciados pelo modo de fazer biblioteconômico europeu, se orientavam por uma formação mais humanista da profissão bibliotecária. Com o tempo, os novos cursos criados se voltaram para um modo de fazer estadunidense, mais técnico e menos erudito. Para Martucci (1996), é nesse período que há uma feminização maior da profissão bibliotecária, com uma procura maior de mulheres pelos cursos de Biblioteconomia, que passaram a atrair mulheres da “classe dominante”.

A imagem construída historicamente da mulher bibliotecária, a qual permanece a influenciar o imaginário das pessoas, bem como os impactos que esta projeção tem sobre a forma como a profissão é perspectivada e tratada, precipuamente, parte de uma lógica que hierarquiza e estigmatiza gêneros e áreas de conhecimento. Para Pierucci (2000), diferenças socialmente divididas, sejam elas conectadas por raça, cor, etnia, idade, etc. são colocadas

¹ Neste trabalho, utiliza-se a expressão “mulher bibliotecária” como forma de sinalizar a construção das identidades e a constituição dos sujeitos. Entendendo que não existe a identidade “mulher bibliotecária”, fixa e universal, mas várias e diferentes mulheres, que não são idênticas entre si, que aprenderam/ aprendem a agir e se reconhecer tanto como bibliotecária quanto como mulher.

como um sinal positivo representado por “nós”, por “nossa diferença”, ou uma negativa representada pela diferença de outros, do outro.

O autor afirma que: “[...] mesmo sociedades mais simples, com pequenas diferenciações, são organizadas em torno de no mínimo duas diferenças coletivas que hierarquizam as pessoas, alocam poder e divisão de trabalho, as diferenças de sexo/gênero e idade/geração.”. Além disso, essas características são diferentemente avaliadas e suas bases são construídas nas práticas sociais que direcionam o foco para diferenciá-las ou ignorá-las. “Mostrar ou esconder, este é o dilema da diferença.” (PIERUCCI, 2000, p. 106).

Nas últimas décadas do século XX, o país passou por importantes transformações demográficas, culturais e sociais que tiveram grande impacto sobre o trabalho feminino. Para além dessas mudanças, Bruschini e Puppini (2004) apontam mudanças expressivas nos padrões culturais e nos valores relativos ao papel social da mulher que alteraram a identidade feminina, agora cada vez mais voltada para o trabalho produtivo. Ao mesmo tempo, a expansão da escolaridade e o ingresso nas universidades viabilizaram o acesso das mulheres a novas oportunidades de trabalho. Todos esses fatores explicam não apenas o crescimento da atividade feminina, mas também as transformações no perfil da força de trabalho desse sexo.

Os estudos de Olinto (1997) demonstram que a relação da temática de Gênero, sobretudo com a Biblioteconomia, apesar de ter uma abordagem recorrente tanto no âmbito acadêmico quanto na militância feminista, ainda necessita de um maior aprofundamento quando se trata da literatura nacional da área. Ainda hoje, parece não ter havido mudanças muito significativas nesse sentido, embora a produção tenha aumentado um pouco.

As mulheres, que somam a maior parte de profissionais da área biblioteconômica e possuem ampla participação na sua construção enquanto ciência e profissão, são estigmatizadas não somente pelo lugar que ocupam na sociedade como também são estereotipadas em suas funções laborais. É possível observar que esse fato se demonstra na atualidade e causa verdadeiros impactos não somente na mulher bibliotecária enquanto profissional da informação do século XXI no Brasil, como no reconhecimento social da profissão. Dessa maneira, este trabalho procura responder ao seguinte problema: Quais são os estereótipos de gênero e como interferem na vida da mulher bibliotecária do século XXI no Brasil?

A coleta de dados que responderá a esta questão-problema se dará por meio de entrevista semiestruturada com mulheres bibliotecárias da Rede de Bibliotecas das Unidades de Pesquisa (RBP) do Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação e Comunicação (MCTI) do Brasil.

1.1 JUSTIFICATIVA

A ideia para o tema e o assunto tratados surgiu de um interesse pessoal e profissional pela inserção da mulher em segmentos sociais predominantemente masculinos e/ou sustentados pelo patriarcado moderno². Reconhecer o recente processo de emancipação feminina, desde a conquista do direito à educação – com a lei geral do ensino de 5 de outubro de 1827³ até a inserção das mulheres no mercado de trabalho – que começou após a primeira guerra mundial e se fortaleceu na década de 1960⁴ mediante os movimentos sociais feministas, possibilitando a inclusão das mulheres no âmbito público, com participações políticas e trabalho fora do ambiente doméstico, tornou-se um grande impulso para leituras inter e multidisciplinares, fundamentais para este estudo.

A distinção de profissões para homens e mulheres que resulta em disparidade salarial e ocupacional e em empecilhos visíveis ou invisíveis para que mulheres assumam cargos de poder, respectivamente, é consequência da divisão sexual do trabalho que origina a chamada segregação horizontal e vertical (BARROS, 2006). Por essa razão, mesmo que inseridas no mercado de trabalho, as mulheres quase sempre assumem ocupações consideradas femininas ou raramente chegam ao topo da pirâmide organizacional (STEIL, 1993).

Forrest (2014) afirma que refletir sobre as questões de gênero na Biblioteconomia se faz pertinente ao observar que há evidências de segregação horizontal na profissão, uma vez que as atividades desenvolvidas nesta são consideradas uma “extensão” das tarefas domésticas, espaço que foi designado às mulheres no decorrer da história; e segregação vertical evidenciada ao observar que é desproporcional a quantidade de mulheres na Biblioteconomia – podendo ser considerada uma profissão feminina – com relação às que assumem cargos de poder nessa área. Para Ferreira e Veiga (2013 apud FORREST, 2014), é possível observar que os poucos lugares de poder na Biblioteconomia são ocupados por homens.

² Considera-se, aqui, o conceito de patriarcado moderno utilizado por Carole Pateman (1993) que o afasta em relação ao uso de patriarcado na sua forma adjetiva e como tipo-ideal weberiano, e contrapõe o argumento patriarcal tradicional e à premissa patriarcal clássica. Para a autora, a história do contrato social colocou em silêncio profundo o contrato sexual, na medida em que “[...] o contrato original é um pacto sexual-social, mas a história do contrato sexual tem sido sufocada.” (PATEMAN, 1993, p. 15).

³ Ver. PINSKY, C. B. **Nova história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 334.

⁴ Ver. RIDENTI, M. S. **As mulheres na política brasileira: os anos de chumbo**. São Paulo: Tempo Social, 1990.

Em seu artigo, Olinto (1997) aponta que, enquanto outros países são vanguardistas sobre a questão de gênero na Biblioteconomia, o Brasil ainda está muito aquém em sua produção literária na temática da área. A autora explicita, ainda, que uma das possíveis explicações para a ausência da abordagem da questão do gênero na Biblioteconomia brasileira talvez esteja no fato de que o feminismo dentro da profissão ainda esteja em fase embrionária, o que faria com que a abordagem do tema seja vista não como uma contribuição ao desenvolvimento da profissão, mas como uma ameaça à imagem do profissional.

Ferreira (2003, p. 193) faz alusão à carência de literatura em questão, enfatizando a ausência do gênero como objeto de pesquisa nessa área:

As pesquisas sobre a mulher e gênero na Biblioteconomia são ainda em número bastante limitado, o que torna a discussão quase sempre difícil, já que as profissionais da informação, em geral, não relacionam a desvalorização social da profissão com o fato dela ser uma categoria predominantemente feminina. Este domínio, entretanto, não é criticamente analisado pelos profissionais da área que ainda não se deram conta das relações de gênero que estão impregnadas na sociedade e que, tal como as relações de classe e etnias precisam ser revistas, estudadas e incorporadas nos conteúdos dos programas dos Cursos de Biblioteconomia, para que se possa questionar a realidade buscando uma saída para transformá-la.

Compreendendo que esta imagem sofre historicamente o peso de um estereótipo negativo feminino e influencia a mulher bibliotecária do século XXI, este estudo pretende se somar aos trabalhos que caminham para o rompimento deste paradigma, em busca de conhecer a realidade e os mecanismos socioculturais que sustentam desigualdades pelo olhar dessas mulheres, de modo a contribuir para a pesquisa do movimento das mulheres na Ciência da Informação e na produção bibliográfica sobre gênero nas Ciências Sociais Aplicadas no Brasil.

Inicialmente, o objetivo deste estudo era pesquisar mulheres bibliotecárias-chefes dos Sistemas de Bibliotecas Universitárias ligadas à área de pesquisa na Ciência da Informação do Brasil. No entanto, logo após iniciar as atividades de estágio na Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), a biblioteca da instituição começou a fazer parte da RBP do MCTIC do Brasil. A partir dessa iniciativa, foi possível ter um contato direto com mulheres bibliotecárias de diversas instituições de pesquisa do Brasil, e percebeu-se que este campo de pesquisa facilitaria tanto o acesso aos dados da coleta quanto a experiência empírica promovida por este estudo.

1.2 OBJETIVOS

O objetivo geral deste estudo é analisar quais são os estereótipos de gênero e quais impactos causam na mulher bibliotecária do século XXI no Brasil durante a atividade biblioteconômica e cotidiana, em bibliotecas vinculadas à Rede de Bibliotecas das Unidades de Pesquisa (RBP) do Ministério de Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC).

Como objetivos específicos, apresentam-se os seguintes pontos:

- a) verificar o cenário nacional de mulheres bibliotecárias por formação e pesquisadoras vinculadas ao Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e ao seu Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) em 2017;
- b) avaliar a evolução histórica da condição de atividade e ocupação feminina na Biblioteconomia no Brasil;
- c) investigar a interferência do gênero no exercício da profissão das bibliotecárias-chefes da RBP.

Vale constatar que neste trabalho os objetivos foram pensados e estudados partindo da hipótese de que há interferências do estereótipo de gênero na profissão embora, na maioria das vezes, não sejam percebidas pelas bibliotecárias. Ao considerar que as mudanças ocorridas no mercado de trabalho impactaram diretamente diversas profissões, este trabalho pretendeu verificar, a partir das perspectivas de gênero, esses impactos na Biblioteconomia por meio da percepção de profissionais da área e de um conjunto de fatores, presentes na literatura, que tornam evidente a intervenção do gênero na profissão, haja vista ser uma profissão feminizada⁵.

Assim, pôde-se compreender com mais clareza a temática a ser pesquisada, entender a origem de seus aspectos, neste caso causados pelo estereótipo, e o fato de se fazer necessário questionar o convencional que converge na aceitação por parte das bibliotecárias de que a desvalorização da profissão se emparelha diretamente a elas e/ou às instituições formadoras, ignorando demais fatores sociais, culturais e políticos que perpassam a profissão, tais como as questões de gênero.

⁵ Refere-se aqui a feminização como um significado qualitativo, exposto por Yannoulas (2011), que alude às transformações de significado e valor social de uma profissão ou ocupação, originadas a partir da feminilização ou aumento quantitativo e vinculadas à concepção de gênero predominante em uma época.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O século XVIII ainda se discutia se as mulheres eram seres humanos como os homens ou se estavam mais próximas dos animais irracionais. Elas tiveram que esperar até o final do século XIX para ver reconhecido seu direito à educação e muito mais tempo para ingressar nas universidades. No século XX, descobriu-se que as mulheres têm uma história e, algum tempo depois, que podem conscientemente tentar tomá-la nas mãos, com seus movimentos e reivindicações. Também ficou claro, finalmente, que a história das mulheres podia ser escrita. Hoje já é uma área acadêmica consolidada (PERROT, 2008, p. 11).

2.1 A MULHER E A BIBLIOTECONOMIA

No Brasil, o primeiro bibliotecário foi o jesuíta português Antônio Gonçalves em 1604 na biblioteca do Colégio da Bahia (ALMEIDA; BAPTISTA, 2013 apud FONSECA, 1979). Naquele período e até o início do século XX não havia cursos de formação de bibliotecários no Brasil. O primeiro curso de Biblioteconomia foi criado apenas em 1911 na Biblioteca Nacional. Somente em 1962, a Biblioteconomia foi elevada a status de profissão de nível superior (ALMEIDA; BAPTISTA, 2013).

Com o passar dos anos, tanto a prática como o ensino da Biblioteconomia foram deixando de lado o aspecto erudito e assimilando a vertente tecnicista dos Estados Unidos. Ensino e prática ficaram reconhecidos a partir da adequação às demandas informacionais da sociedade da época, fato que aumentou a aceitabilidade profissional e acelerou o processo de criação de mais bibliotecas. Dessa forma, a procura pela formação de práticas biblioteconômicas cresceu proporcionalmente (ALMEIDA; BAPTISTA, 2013).

Apesar do primeiro profissional da área ser um homem, como originário da Antiguidade e da Idade Medieval, provindo dos Monges, Olinto (1997) relata que, desde 1970, e ainda atualmente, no mínimo 90% das profissionais no campo da Biblioteconomia são mulheres. As profissões têm sido consideradas mais ou menos femininas em função da proporção de mulheres na profissão. A feminização da Biblioteconomia é um fenômeno internacional. Estudos realizados nos Estados Unidos da América indicam que esta é uma das profissões mais estereotipadas em relação a sexo, isto é, uma das profissões avaliadas pelo público em geral como das mais femininas (OLINTO, 1997 apud MORRISEY, 1988).

Tanto evidências internacionais quanto nacionais permitem sustentar a hipótese de que a Biblioteconomia brasileira sofre dos diversos tipos de segregação por gênero: como tipicamente feminina a profissão estaria desvalorizada em relação a outras profissões que não

têm esse perfil de gênero. Além disso, dentro da Biblioteconomia, as mulheres teriam menor perspectiva de carreira e menor salário do que os homens (OLINTO, 1997). Apesar de ter passado por importantes mudanças na virada do século XX para o XXI, nos últimos anos, Biblioteconomia tanto na sua evolução como Ciência, como na diversificação do campo de trabalho ocasionadas pela incorporação das TICs na área; bem como pela expansão do ensino superior que abriu mais vagas de trabalho para essa profissão, as bibliotecárias ainda convivem com baixos salários e falta de reconhecimento social. Contando também, com uma discriminação dissimulada, através de estereótipos depreciativos dos quais são vítima (OLINTO, 1997; TARGINO, 2006).

Pereira et al. (2002, p.389-390) em estudo sobre a evolução dos métodos de estudo dos estereótipos e do processo de estereotipização evidenciam as diferenças e contornos que esse conceito foi adquirindo, passando por entendimentos em que eram caracterizados “[...] como crenças compartilhadas pelos percebedores [...]”; “[...] fotografias na cabeça do percebedor [...]”; “[...] estruturas que contêm o conhecimento, as crenças e as expectativas do percebedor em relação a algum grupo humano.”; para, considerar os estereótipos, como “[...] crenças compartilhadas referentes aos atributos pessoais, especialmente traços de personalidade e aos comportamentos de um grupo de pessoas [...]” (WALTER; BAPTISTA, 2007, p. 38).

No grupo profissional dos bibliotecários a preocupação com a imagem e com os estereótipos tem sua razão de ser e trabalhos que tratam desses temas, em geral, focalizam suas percepções e estudos associando os estereótipos à questão da imagem corporal em primeiro plano e à comportamental, como item posterior em termos de identificação dos profissionais (WALTER; BATISTA, 2007).

A construção de um estereótipo negativo para os bibliotecários atrapalha o recrutamento para a profissão; diminuem o respeito que os grupos de usuários e de administradores manifestam pelos bibliotecários; inibem iniciativas individuais ou de grupos; e, por fim, atrasam o avanço da profissão (WALTER; BAPTISTA, 2007). No caso da mulher bibliotecária o peso do estereótipo contribui para o aspecto estrutural da segregação ocupacional (OLINTO, 1997).

O aspecto visual e comportamental dos bibliotecários realmente permeia o imaginário popular, associando a profissão a mulheres, em geral idosas e, especialmente, com dois adereços principais, como uma espécie de marca registrada, que são os indefectíveis óculos e o famigerado coque nos cabelos, além de uma postura geralmente adversa e pouco receptiva para os usuários, provavelmente em gesto que indique um enfático pedido de silêncio (WALTER; BAPTISTA, 2007).

Walter e Baptista (2007) pontuam estereótipos, que têm mais relação com o sexo feminino: a) Historicamente, as mulheres são associadas a profissões que não são competitivas, não exigem esforço intelectual, cujo exercício demanda comportamentos e atitudes relacionadas àquelas das donas de casa, como, por exemplo, ordem, asseio e servir pessoas, entre outras; b) As mulheres, no Brasil, segundo dados constantemente divulgados pela imprensa, percebem menores remunerações que os homens, nas mesmas posições; c) Das mulheres espera-se, normalmente, comportamentos dóceis e delicados e qualquer atitude mais assertiva é considerada agressividade e pode ser associada ao fato de ser “solteirona” e recalçada, enquanto que aos homens essa maior agressividade é associada a um comportamento positivo e de personalidade forte.

Apenas para contextualizar este debate podemos nos referir as críticas que a ex-presidenta Dilma Rousseff, que sofreu processo de impeachment em 2016, e que ao longo do seu governo sofreu várias críticas, não a sua plataforma política, mas sim quanto ao seu comportamento mais forte e duro e mesmo a sua forma de se vestir, sendo chamada mesmo de “tia solteirona”⁶, ou ainda, enquanto ministra foi apresentado que sua forma de se vestir seria de “bibliotecária solteirona”⁷.

No estudo de Olinto (1997), tais pontos podem se relacionar a cultura de gênero que prevalece na sociedade e que lhe é desfavorável. Esse termo serve para englobar os mecanismos culturais que atuam em várias etapas da vida da mulher, na família, na escola, na escolha e no exercício da profissão que limitam as suas chances de vida.

Outro aspecto da cultura de gênero que afeta as chances profissionais da mulher é o fato dela arcar com uma gama enorme de responsabilidades pelas tarefas domésticas. Além das já conhecidas sobrecargas relacionadas ao funcionamento da casa e da educação dos filhos, estudos recentes ressaltam que há ainda outro tipo de tarefa que ocupa a mulher: a produção de cultura no âmbito da família. Isto significa que é a mulher que vai se preocupar com a estética da casa, com a formação do gosto e do estilo de vida familiar, com a definição das rotinas e rituais da família, com a promoção dos contatos sociais, etc (COLLINS, 92 apud OLINTO, 1997).

⁶ LIVRARIA DA FOLHA. Danilo Gentili chama Dilma de tia solteirona em “Politicamente Incorreto”. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 14 dez. 2010. Disponível em: <<http://folha.com/no844869>>. Acesso em: 28 nov. 2016.

⁷ STEFANOV, V. L. Carta enviada a Revista Veja. **Portal SinBiesp**, São Paulo, 07 out. 2010. Disponível em: <<http://www.sinbiesp.org.br/index.php/sinbiesp/presidencia/presidente-na-imprensa/54-carta-enviada-a-revista-veja>>. Acesso em: 28 nov. 2016.

A mulher na profissão de bibliotecária também pode refletir de múltiplas formas as suas atividades no lar. Na organização e funcionamento da biblioteca se espelhariam as suas incumbências relativas à organização e funcionamento da casa; no interesse pelos livros estaria implícito o seu papel de produtora de cultura, aceitando chances restritas de carreira e de exercício de autoridade a bibliotecária estaria simbolizando a sua subordinação na esfera doméstica (OLINTO, 1997 apud PENA, 2007).

No entanto, considerando as perspectivas de estudos já desenvolvidos nos Estados Unidos que se ocupam com estudos a imagem do bibliotecário do sexo masculino e com a estigmatização profissional, sugerem que para se distanciarem do estereótipo feminino os homens procuram se destacar das mulheres mostrando, desde o início da carreira, o seu interesse por tarefas administrativas e se afastando das tarefas técnicas (OLINTO, 1997). Ou seja, enquanto a mulher se prepara para estar à frente do Serviço de Referência, da Circulação e do Processamento Técnico, o Bibliotecário prepara-se para exercer o cargo de “Bibliotecário-Chefe”, cuidando da área de Gestão da Unidade de Informação e da Pesquisa.

Enquanto profissão majoritariamente feminina, a Biblioteconomia possui características particulares que precisam ainda ser abordadas. Afinal, como aponta Olinto (1997) somente conscientes dos mecanismos de desigualdades que tendem a limitar ou desvalorizar a atividade profissional da mulher, a bibliotecária estará mais apta a lutar pela sua valorização profissional.

E, nesse sentido, o feminismo se mostra enquanto ferramenta essencial para a luta das mulheres bibliotecárias enquanto movimento social, uma vez que se diferencia de outros movimentos de mulheres por questionar as hierarquias nas relações de gênero e propor uma consciência de gênero feminino/feminista. “Essa consciência alicerça as estratégias políticas feministas, sejam práticas e/ou teóricas, visando ao enfrentamento das opressões de gênero, o que nem sempre acontece com outros movimentos de mulheres, cujas reivindicações não são de direitos específicos das mulheres” (SARDENBERG; COSTA, 1994).

2.2 BIBLIOTECONOMIA COMO PROFISSÃO NO BRASIL

A formação acadêmica em Biblioteconomia no Brasil data do início do século XX, mas o reconhecimento legal da profissão se deu em 1962 com a aprovação da Lei 4.084 dispondo sobre o exercício da profissão de bibliotecário e que ainda está em plena vigência. Em 1998, foi promulgada a Lei 9.674 trazendo complementações à Lei 4084. As Diretrizes Curriculares do Ministério da Educação atribuem às escolas a responsabilidade de definir o

currículo, mas a profissão é instituída pelas entidades representativas da categoria. O mercado de trabalho do bibliotecário tem apresentado mudanças com as novas tecnologias e há cobranças da comunidade biblioteconômica para que haja uma valorização de seu fazer e de seu saber profissional. Embora o bibliotecário esteja inserido na Consolidação das Leis do Trabalho - CLT como profissional liberal, ainda é nos serviços públicos onde vai encontrar mais oportunidades de atuação (JOB; OLIVEIRA, 2006).

Ao resgatar a Biblioteconomia enquanto profissão no Brasil, deve-se levar em conta história da criação das entidades brasileiras da área, as quais instituem a profissão de bibliotecário no país. Segundo Valentim (2000) o Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB) que congrega os Conselhos Regionais de Biblioteconomia (CRB), tem como objetivo maior a fiscalização do exercício e da ética profissional. Além disso, a autora discorre sobre o papel dos sindicatos, da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação, Associação Brasileira de Ensino de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação:

Os sindicatos que defendem o profissional através da legislação dos fóruns trabalhistas e negociam junto às empresas e governo o piso salarial dos profissionais, bem como outros benefícios que a lei propicia aos trabalhadores de um modo geral; A Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação (ANCIB), que congrega os pesquisadores da área de Ciência da Informação, dentre os quais o bibliotecário. Tem como importante objetivo promover o debate informacional e desenvolvimento de pesquisa na área, resultando em aumento da produção científica nacional; Finalizando, a Associação Brasileira de Ensino de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação (ABEBD) que congrega as escolas de biblioteconomia, documentação e ciência da informação do país, com o objetivo de debater todas as questões inerentes à formação do profissional, do mercado de trabalho e do próprio profissional da informação. (VALENTIM, 2000, p. 9-10).

A fiscalização do exercício profissional está sob a égide dos Conselhos que são instituições autárquicas dotados de personalidade jurídica própria agindo por delegação do Poder Público. No caso da profissão de bibliotecário, cabe aos Conselhos Regionais de Biblioteconomia, atualmente com 14 jurisdições, realizar o procedimento (JOB; OLIVEIRA, 2006).

O esforço de grupos de bibliotecários e a visão de Laura Russo remontam o início do reconhecimento à profissionalização do bibliotecário, que na época a regulamentação da profissão representou vitória a um desejo de toda a categoria:

Na década de 1950, algumas bibliotecárias brasileiras, lideradas pela dinâmica figura de Laura Garcia Moreno Russo, de São Paulo, iniciaram os esforços para ver a biblioteconomia oficialmente reconhecida junto aos poderes públicos e junto à sociedade brasileira. A primeira vitória veio em 1958, com a Portaria nº 162 do MTPS – Ministério do Trabalho e Previdência Social, através da qual a profissão de bibliotecário foi regulamentada no Serviço Público Federal, tendo sido incluída no 19º Grupo das profissões liberais. Em 1962 veio a coroação de todos esses esforços, com a aprovação da Lei nº 4084, que regula, até hoje, o exercício da profissão de bibliotecário no Brasil e estabelece as prerrogativas dos portadores de diploma em biblioteconomia no país (JOB; OLIVEIRA, 2006, p. 5).

Ainda no século XXI, muitas profissões no Brasil tentam sua regulamentação, fundadas nos desejos profissionais de reconhecimento e no receio de se virem tomadas por leigos ou estranhos à profissão. Nesse sentido, a Lei 4.084/62, artigo 6, traz as seguintes atribuições dos Bacharéis em Biblioteconomia:

São atribuições dos Bacharéis em Biblioteconomia: a organização, direção e execução dos serviços técnicos de repartições públicas federais, estaduais, municipais e autarquias e empresas particulares concernentes às matérias e atividades seguintes: o ensino de Biblioteconomia; a fiscalização de estabelecimentos de ensino de Biblioteconomia reconhecidos, equiparados ou em vias de equiparação; administração e direção de bibliotecas; a organização e direção dos serviços de documentação; a execução dos serviços de classificação e catalogação de manuscritos de livros raros e preciosos, de mapotecas, de publicações oficiais e seriadas, de bibliografia e referência.

Este artigo descreve as atribuições do Bibliotecário com status de profissional de nível superior. Job e Oliveira (2006) observam que a visão de Laura Russo ao colocar na Lei “a organização e direção dos serviços de documentação”, não citou documentos impressos tão somente, mas, pode-se inferir daí outros suportes dos documentos, tais como os eletrônicos que hoje tem-se em profusão na sociedade de informação. Salienta-se também “a organização, direção e execução dos serviços técnicos de repartições públicas federais, estaduais, municipais e autarquias e empresas particulares”, isto é, a administração e gerência dos serviços, o que hoje é visto como gestão, uma área da administração que compete ao bibliotecário quando em ambientes como bibliotecas e centros de documentação (JOB; OLIVEIRA, 2006).

Em 1965, através do Decreto n. 56.725, foi regulamentada a Lei n. 4.084/62 e, em seus Artigos 8 e 9, repetem-se, quase de forma idêntica, as atribuições expostas na lei de 1962. De 1962 a 1998, mais de trinta anos se passaram, um intervalo em que se observaram

alterações no fazer bibliotecário. Na década de 1990, o CFB elaborou um projeto de lei que alteraria a lei 4084. Para tanto, colaboraram com sugestões as escolas de biblioteconomia, as entidades associativas e os profissionais.

Neste documento a expressão “informação registrada” foi a tônica, porque pensava-se que o bibliotecário seria o profissional que trataria a informação registrada em qualquer suporte. A intenção era garantir que as atividades de tratamento, registro e recuperação da informação registrada fossem exclusivas do bibliotecário. Justamente esta expressão foi o motivo dos vetos apresentados, por pretender ter uma reserva de mercado que era também de outras profissões que trabalham com a informação, tais como jornalista, relações-públicas, informática e outras (JOB; OLIVEIRA, 2006).

Job e Oliveira (2006) atentam para a questão do papel dos Conselhos na defesa dos interesses da comunidade uma vez que, recorrentemente, até por falta de conhecimento sobre as atribuições do profissional bibliotecário, as instituições tendem a contratar leigos para exercerem atividades atinentes ao perfil deste profissional. As autoras (2006) exemplificam essa prática com alguns programas governamentais que, na tentativa de trabalhar a importância do hábito à leitura, desconsideram a figura do bibliotecário que deveria estar inserido neste tipo de iniciativa. Inúmeras vezes estes programas são confiados a leigos despreparados, inabilitados e em alguns casos sequer com formação no ensino médio.

Nesta perspectiva, a função dos Conselhos seria não apenas assegurar a presença e o envolvimento de bibliotecários em programas deste cunho, como também garantir a qualidade das iniciativas que se mostram cada vez mais presentes neste século, bem como a observância no uso de recursos públicos para a gestão de unidades de informação. Afinal, a qualidade desses programas fica diretamente comprometida, podendo não atingir os resultados que espera obter para o fortalecimento da função social do bibliotecário no Brasil e para a ampliação dos acessos aos bens culturais.

2.2.1 As mulheres na construção da Biblioteconomia brasileira

A Biblioteconomia tem suas raízes ligadas à erudição, aos teólogos, filósofos, biógrafos e outros intelectuais considerados os conhecedores dos livros e do saber que cuidavam do funcionamento das bibliotecas antes da oficialização da profissão, que se deu com a criação das escolas de Biblioteconomia, no século XIX. O ingresso das mulheres na profissão ocorreu por volta de 1887 (KREMER, 1983 apud SOUSA, 2014), para atuar nas bibliotecas públicas que estavam se expandindo nos grandes centros.

Para Souza (2004, p. 101), a bibliotecária tem duas missões básicas a cumprir:

a) conhecer e utilizar os meios que levam à localização de qualquer fonte de informação cujo conteúdo possa a qualquer momento ser pedido por qualquer pessoa; b) produzir informação sintética, descritiva e analítica de todo o acervo físico, ou não [...].

A formação profissional envolve aspectos que compreendem desde a apreensão de conhecimentos específicos a fatores mais subjetivos que incluem ética profissional e desenvolvimento da profissão. Dessa forma, Walter (2008, p. 87) entende que a formação é imprescindível para —atender tanto aos anseios da sociedade quanto aos do próprio indivíduo que escolheu, por algum motivo, seguir determinada carreira. Vale lembrar que tanto as escolas como os professores exercem papel fundamental nesse processo. Segundo Valentim (2002, p. 130), a formação profissional está vinculada à formação acadêmica institucionalizada. Seguindo essa premissa, podemos dizer que a profissão da bibliotecária no Brasil teve início com a criação do primeiro curso de Biblioteconomia, em 1911, realizado nas dependências da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, tendo início em 1915.

Ao percorrer o trajeto da Biblioteconomia no Brasil, não só como profissão, mas como área do saber, é possível afirmar que as mulheres, embora pouco referenciadas na literatura da área, tiveram grande participação na construção dessa profissão, uma vez que essas duas dimensões são interdependentes. Castro (2000) aponta que a primeira geração de bibliotecários possuía um perfil humanista, ligado à cultura e às artes. Nesse momento, ela era dominada por homens. Na década de 30, esse profissional passa a receber uma influência mais técnica, e seu perfil passa a ser feminino. essa diferenciação de formação por um lado, a erudição e do outro, a técnica rendeu até 1944, com a reformulação do curso da Biblioteca Nacional e a partir desse período houve a equiparação curricular ao modelo americano.

Segundo Mueller (2004 apud SOUSA, 2014) afirma que, nas décadas seguintes, muitas mudanças foram registradas no campo biblioteconômico, como a legalização e regulamentação da profissão, reformulações dos currículos, expansão do ensino de graduação e pós- graduação em todo o País. Para que tais mudanças acontecessem algumas mulheres bibliotecárias não mediram esforços para construir e transformarem o cenário da Biblioteconomia de sua época.

No Brasil, os primeiros registros de mulher na profissão ocorreram na década de 1930, sendo a primeira bibliotecária Adelpha Silva Rodrigues de Figueiredo. Ela assumiu papéis importantes para o desenvolvimento da Biblioteconomia, dos bibliotecários e das bibliotecas.

Adelpha se destacou não somente por ter sido a primeira brasileira a estudar Biblioteconomia na School of Library Science of Columbia University, mas como a única aluna originária da América do Sul, dentre os 160 alunos de sua turma (CASTRO, 2000).

Junto com Rubens Borba de Moraes foi uma das fundadoras e a primeira professora do curso de Biblioteconomia da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Em 1948, participou da fundação da Escola de Biblioteconomia da Faculdade de Filosofia Sede Sapientia e da Pontifícia Universidade Católica, e acompanhou os primeiros passos da Associação Paulista de Bibliotecários, dirigindo-a de 1947-1951. Foi durante a sua presidência que se realizou, em São Paulo, a conferência sobre o desenvolvimento de bibliotecas públicas na América Latina, sob o patrocínio da UNESCO e da Organização dos Estados Americanos. Adelpha foi considerada uma personalidade transformadora da Biblioteconomia no Brasil. Toda sua vida tentou convencer a população e as autoridades sobre o valor das bibliotecas como ferramentas de transformação da sociedade. Acreditava que através do incentivo à leitura, da expansão das bibliotecas e da melhoria na formação dos bibliotecários era possível melhorar o nível educacional do País (MULIN, 2012 apud SOUSA, 2014).

Sousa (2014, p. 155) aponta que Adelpha deu projeção a uma profissão quase desconhecida na época, aproveitando de sua notoriedade para divulgar o livro e os benefícios da leitura e das bibliotecas. Mas que outras bibliotecárias tiveram participação importante nos novos rumos da Biblioteconomia brasileira, principalmente no impulso de tornar a profissão legalizada. Dessa maneira, considera a importância de algumas e cita Lydia de Queiroz Sambaquy, Laura Garcia Moreno Russo, Jannice de Mello Monte-Mór, Maria Alice Giudice Barroso Soares e Célia Ribeiro Zaher que “exerceram cargos em espaços que favoreceram a divulgação de suas ideias e que, em colaboração com outras bibliotecárias, executaram grandes projetos em favor da profissão”.

Sobre a bibliotecária Lydia de Queiroz Sambaquy, Oddone (2004) descreve como ela criou o Serviço de Intercâmbio de Catalogação (SIC) cujo objetivo era estabelecer uma rede cooperativa de bibliotecas para a catalogação de livros, serviço criado em 1942. Além de ser idealizadora do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), criado em 1954, o qual presidiu entre 1954-1965, os serviços prestados por Lydia Sambaquy junto ao Instituto foram decisivos para o surgimento da “ciência da informação”.

Segundo Castro (2000), Lydia foi uma bibliotecária de grande importância para o desenvolvimento da área, chefiando diversas bibliotecas e serviços. Uma profissional de grande renome. Escreveu obras como “A profissão de bibliotecário”, “A missão das

bibliotecas nacionais”, “Da Biblioteconomia à informática”, além de conhecer e estudar as bibliotecas de diversos países. Foi diretora da biblioteca do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), assumindo o cargo em 1939. Ao lado de outras iniciativas, transformou essa biblioteca em um laboratório experimental da prática bibliotecária do País, apoiando o curso intensivo de Biblioteconomia, que funcionou neste órgão até 1944.

Laura Garcia Moreno Russo, como já citada na subseção anterior, destacou-se por seu envolvimento nas lutas pela legalização e regulamentação da profissão. Formou-se em Biblioteconomia pela Escola Livre de Sociologia e Política e em Direito pela Universidade de São Paulo. Foi a primeira presidente da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários (FEBAB) de 1961 a 1974 e do Conselho Federal de Biblioteconomia, de 1966 a 1968; editora do Boletim Informativo FEBAB, de 1961 a 1970 e da Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, de 1973 a 1977. Realizou diversos estudos na França, Espanha e Argentina. Pelos seus trabalhos na Biblioteconomia brasileira recebeu títulos honoríficos nos Estados Unidos e na Alemanha. Dentre os trabalhos que publicou, destacam-se: “A Biblioteconomia brasileira, 1915-1965” (Em colaboração); “O planejamento de bibliotecas públicas”; “Deontologia e ética profissional”; “FEBAB e suas associações”; “Escolas de Biblioteconomia no Brasil”; “Bibliotecas especializadas em assuntos agropecuários” (CASTRO, 2000 apud SOUSA, 2014).

Castro (2000) conta que o primeiro reconhecimento de Laura ocorreu no ano de 1958, com a Portaria n. 162 do MTPS por meio da qual a profissão foi regulamentada no Serviço Público Federal, tendo sido incluída no 157 19º Grupo das profissões liberais. No entanto, faltava uma lei que garantisse os direitos dos profissionais, que desse o respaldo legal à profissão até que em 1962 fosse aprovada a Lei n. 4.084, que regulamenta o exercício da profissão de bibliotecário no Brasil. “A luta de Russo foi incansável para legalizar a profissão de bibliotecário no Brasil. Depois da aprovação da Lei 4.084/62, havia a necessidade de instalação do conselho e do código de ética profissional, também ações implementadas por Russo (CASTRO, 2000, p. 161). É importante salientar que, mais do que a elaboração do projeto que deu origem a Lei 4.084 com colaboração de Maria Helena Brandão, a história conta que Russo ficou noites a fio de vigília na porta do DASP, para assegurar que o referido projeto não sofresse alterações, levando-o ao Congresso onde contou com o apoio de Rogê Ferreira que apresentou a referida lei (SOUSA, 2014).

Forrest (2014) apresenta um estudo de caso do gerenciamento da Biblioteca Nacional (BN) feito por Jannice de Mello Monte-Mór, no período de 1971 a 1979, que segundo o Conselho Regional de Biblioteconomia da 7ª região, foi um dos principais marcos da história

da Biblioteca Nacional. Para tanto, faz um breve apanhado das ações realizadas por Jannice enquanto gestora e destaca a implementação da reforma administrativa realizada nesse período – que inclui uma reforma física e estrutural da BN – a implementação da microfilmagem como meio de preservar o acervo, o desenvolvimento do formato CALCO (Catalogação Legível por Computador) e demais projetos realizados por ela no período em que administrou a BN.

Maria Alice Giudice Barroso Soares formou-se inicialmente em Biblioteconomia e ganhou destaque ao dirigir o Instituto Nacional do Livro, a Biblioteca Nacional e o Arquivo de Informação. Vale ressaltar que, segundo o Noticiário da Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação em 1984, para a direção geral da BN, ela foi nomeada pela Ministra Esther de Figueiredo Ferraz naquele ano.

Além de bibliotecária, Maria Alice era jornalista e escritora. Lançou seu primeiro livro na década de 50, “Os Possesores”, que rendeu elogios de ninguém menos do que Jorge Amado e uma publicação na antiga União Soviética com 200 mil exemplares. Em 1967, publicou o romance “Um Nome Para Matar”, o primeiro do “Ciclo Parada de Deus”, que garantiu a ela o Prêmio Walmap. Em 1969, publicou o livro “Quem matou Pacífico?”, o segundo do “Ciclo Parada de Deus” e que virou filme do cinema nacional com estrelas do calibre de Jece Valadão, Jofre Soares e Ruth de Souza. Com “A Saga do Cavalo Indomado”, também um livro do “Ciclo”, recebeu o prêmio Jabuti em 1989, a maior honraria da literatura nacional. Em dezembro de 2011, Maria Alice recebeu o Prêmio do Mérito Cultural Hermes Simões Ferreira do Conselho de Cultura de Miracema pelo conjunto de sua obra. Deixou um livro no prelo no qual conta sua autobiografia: *Meu destino de mulher* (MIRACEMA, 2012).

Em sua trajetória biblioteconômica, Maria Alice Barroso, também representante da classe no Conselho Federal de Cultura, foi Bibliotecária do Estado e do Município do Rio de Janeiro, técnica em Editoração, Gerente editorial, Diretora do INL, entre outras atividades. A FEBAB dirigiu um ofício de congratulações a Maria Alice Barroso que, agradecendo, ratificou seu apoio à programação da FEBAB para 1984 e ofereceu seus préstimos para que essa programação se realizasse com êxito (NOTICIÁRIO, 1984).

Célia Ribeiro Zaher⁸ formou-se em Biblioteconomia pela Biblioteca Nacional em 1962, concomitantemente graduou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade do

⁸ Informação retirada do Currículo Lattes. Disponível em < <http://lattes.cnpq.br/7820107561483886> >. Acesso 12 set. 2017.

Brasil (agora Universidade Federal do Rio de Janeiro), especializou-se Biblioteconomia na Universidade de Columbia nos Estados Unidos em 1954 e fez seu doutorado em Direito do Trabalho pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1967. Célia foi Presidente do IBBD e Presidente da FID/CLA; professora da Escola de Biblioteconomia e Documentação da FEFIEG; do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e do Curso de Documentação Científica do IBBD. Foi membro da Comissão de Documentação da ABNT, 1967-69 (como representante do IBBD) e Conselheira da FID, de 1971 a 1974; coordenadora de Ensino e Pesquisa em Ciência e Tecnologia da Informação do IBICT, concomitantemente com a Coordenação do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação IBICT, em convênio com a Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi Diretora da Biblioteca Nacional, Diretora do Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde BIREME, da PAHO/WHO Órgão das Nações Unidas⁹.

Ademais, Zaher é professora titular aposentada da Universidade Federal Fluminense, aposentada da UNESCO como diretora de diversos departamentos cobrindo Biblioteconomia, informação, cultura e comunicação. Faz parte do Corpo de Diretores do Council on Library and Information Resources desde 1992 e é Presidente Honorária da Asociación de Bibliotecas Nacionales de Iberoamérica (ABINIA); foi Presidente do Conference of Directors of National Libraries (CDNL). Recebeu diversos prêmios e títulos, tais como: Mulher do ano, Conselho Nacional de Mulheres (1984); Comandante da Ordem do Rio Branco, Ministério das Relações Exteriores (1983); Medalha de honra da Pan American Health Organization (1983); Comandante da Ordem do Mérito Educativo, MEC (1982). Dentre suas publicações destacam-se: “O novo bibliotecário e sua área de atuação: a formação cultural do bibliotecário e as novas áreas de trabalho”, “Introdução à documentação”, “Guia para pesquisas bibliográficas em ciência e tecnologia”, “Técnica da organização e de pesquisa bibliográfica”, “Desarrollo de la información en salud en la región bajo la perspectiva de la Red Latinoamericana y del Caribe de Información en Ciencias de la Salud” (em colaboração), além de vários artigos em periódicos e eventos da área (SOUSA, 2014).

Na obra “História da Biblioteconomia Brasileira: perspectiva histórica”, Castro (2000, p. 80-81) menciona outras mulheres bibliotecárias que contribuíram extremamente para a construção e desenvolvimento da área como ciência e profissão. Cita Bernadette Sinay

⁹ Ressalta-se aqui que as informações estão expostas de forma simplificada, tendo em vista que o objetivo desta subseção é apresentar os cargos e funções exercidos em favorecimento da Biblioteconomia.

Neves, fundadora da Escola de Biblioteconomia do Estado da Bahia que depois foi incorporada à UFBA; Etelvina Lima fundadora da Escola de Biblioteconomia de Belo Horizonte depois incorporada à Universidade Federal de Minas Gerais UFMG. [...] Ângela da Costa Franco do Rio Grande do Sul, fundadora da Escola de Biblioteconomia do Rio Grande do Sul depois anexada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Maria Luisa Monteiro da Cunha bibliotecária que colaborou com a fundação da Escola de Biblioteconomia e da Escola de Comunicação da Universidade de São Paulo.

É importante frisar que apesar da essencial participação das mulheres na edificação da profissão poucas são referenciadas nas obras que tratam da história da Biblioteconomia. Em geral, os autores as ignoram. Sousa (2014) analisa que no livro “Quem é quem na Biblioteconomia e Documentação no Brasil”, editado em 1971, constam dados bibliográficos de 1.386 profissionais; desses somente 5,5% são do sexo masculino. Porém ao situar esses dados, a autora observa que, com raríssimas exceções, as 160 mulheres assumiam a função de diretoras das unidades de informação em que trabalhavam. Sempre que ocupavam algum cargo era de chefe de uma divisão da biblioteca ou de algum serviço oferecido ou ainda apareciam como substitutas do diretor. Pela designação “Diretor” fica subentendido que se tratava de uma pessoa do sexo masculino e, possivelmente, de outra área pelo reduzido número de “bibliotecários” existentes no País.

Ao relacionar o exercício das funções dos bibliotecários de acordo com cada sexo na história da profissão, Castro (2000, p.156) afirma que “[...] Aos homens bibliotecários cabiam os cargos de coordenação e, às mulheres bibliotecárias, os de subordinação”, com exceção das mulheres bibliotecárias citadas anteriormente dirigiram que o IBBD e a BN; e Yone Chastinet, no comando do Programa Nacional de Bibliotecas Universitárias (PNBU), dentre poucas outras.

Interessa observar que os homens bibliotecários eram reconhecidos mais pela sua capacidade intelectual, geralmente grandes literatos, do que pelas suas práticas bibliotecárias, com ressalva a Peregrino da Silva, Ramiz Calvão e Rubens Borba de Moraes (CASTRO, 2000, p. 156).

Nesse depoimento, o autor atribuiu a subordinação feminina à sua formação, as mulheres eram menos intelectuais, portanto, menos capazes. A bem, da verdade, enquanto 90,5% dos homens eram oriundos de outras áreas como Filosofia, Direito História, entre outras, as mulheres 99% tinham a Biblioteconomia como única formação. Esse fato mostra requícios de uma Biblioteconomia elitizada e intelectualizada e, por isso masculinizada, já que o conhecimento era privilégio dos homens, como já comentado nesse trabalho bem como ratifica o tardio ingresso das mulheres nas universidades que, no Brasil, ocorreu em meados

do século XX, com a expansão do ensino superior, coincidindo também com a entrada das mulheres no mercado de trabalho. Supomos que as mulheres aproveitaram essa demanda por profissionais para organizar as bibliotecas públicas e universitárias que estavam sendo criadas no País (QUEM..., 1971 apud SOUSA, 2014, p. 160).

2.3 INSERÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO

As desigualdades vividas no cotidiano da sociedade, no que se refere às relações de gênero, não se definiram a partir do econômico, mas, especialmente a partir do cultural e do social, formando daí as "representações sociais" sobre as funções da mulher e do homem dentro dos variados espaços de convivência, ou seja: na família, na escola, na igreja, na prática desportiva, nos movimentos sociais, enfim, na vida em sociedade (SILVA, 2012).

Sá (1985, p. 6) remonta que:

[...] no cenário mais amplo da sociedade, onde o direito e a lei foram feitos pelo homem e para satisfazer as necessidades do homem, a mulher sofre imposições que a transformaram em mero objeto sem voz, submissa e cadastrada em seus menores anseios.

Nos últimos cinquenta anos um dos fatos mais marcantes ocorridos na sociedade brasileira foi a inserção crescente das mulheres na força de trabalho (TEIXEIRA, 2005). Este contínuo crescimento da participação feminina é explicado por uma combinação de fatores econômicos e culturais. Primeiro, o avanço da industrialização transformou a estrutura produtiva, a continuidade do processo de urbanização e a queda das taxas de fecundidade, proporcionando um aumento das possibilidades das mulheres encontrarem postos de trabalho na sociedade. Segundo, a revolução feminista do final dos anos 60, nos Estados Unidos e Europa, chegou como uma onda nas nossas terras, em plena ditadura empresarial militar iniciada em 1964; apesar disso, produziu o ressurgimento do movimento feminista nacional fazendo crescer a visibilidade política das mulheres na sociedade brasileira (MELO; LASTRES, 2003).

A história do Brasil evidencia o quanto as mulheres foram relegadas a condições de subordinação devido à estrutura patriarcal tradicional da família e essa condição inferior afeta principalmente as relações de trabalho (AGUIAR e SIQUEIRA, 2007 apud FREITAS; COUTINHO, 2015). A história da mulher no mercado de trabalho, no Brasil, está sendo escrita com base, fundamentalmente, em dois quesitos: a queda da taxa de fecundidade e o aumento no nível de instrução da população feminina. Estes fatores vêm acompanhando,

passo a passo, a crescente inserção da mulher no mercado e a elevação de sua renda (PROBST, 2003).

No entanto, Sousa, Nakata e Araújo (2008 apud FREITAS; COUTINHO, 2015) apontam que apesar da entrada da mulher no mercado de trabalho brasileiro ter se dado significativamente a partir da década de 1970, a situação delas ainda é marcada por baixa qualidade, condições precárias e informalidade. Como bem sustenta Nogueira (2004), a precarização do trabalho tem sexo: feminino.

Trabalhos de diversos autores¹⁰ demonstram que, embora formalmente empregadas, as mulheres cuidam da casa e dos filhos. Por esse motivo, as disparidades entre homens e mulheres acarretam desigualdades quanto ao valor dos trabalhos masculinos e femininos (HIRATA; KERGOAT, 1998 apud FREITAS; COUTINHO, 2015). Segundo Probst (2003) as mudanças feitas para “beneficiar” as mulheres que trabalhavam fora de casa, a Constituição de 1932 estabeleceu igual valor correspondente ao salário, a todo trabalho igual, sem distinção de sexo. Mas, mesmo com leis beneficiando a mulher, elas continuavam a ser exploradas, com a justificativa de que o homem era o mantenedor do lar, assim, não era necessário pagar um salário maior a mulher.

Vale ressaltar que as mulheres ainda desempenham uma dupla jornada de trabalho são mães, esposas e responsáveis pelos afazeres domésticos dentro do lar, e profissionais empenhadas, fora deste. Este enorme contingente de mulheres que busca oportunidade no mercado de trabalho pode estar motivado pelo desejo de realização profissional ou pela necessidade de assumir a posição de chefe de família e arcar, assim, com as responsabilidades da educação e sustento da prole (COAN, 2008).

As atividades produtivas e reprodutivas estão diretamente relacionadas à divisão sexual do trabalho, na qual o sexo dos indivíduos e a cada uma dessas atividades é atribuído um valor diferente, sendo o trabalho reprodutivo menos valorizado e destinado a mulheres (HOLZMANN, 2006). Para as mulheres “o sexo opera, como fator de discriminação que tende a alijá-las da estrutura ocupacional ou a admiti-las em posições que não comprometam a estrutura de poder já ocupada pelos homens” (SAFFIOTI, 1985, p 309). Esse pensamento é ratificado por Bruschini e Lombardi (2007) que verificam uma significativa

¹⁰ *MARCONDES, W.; ROTEMBERG, L.; PORTELA, L.; MORENO, C. O peso do trabalho “leve” feminino à saúde. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 17, n. 2, abr./jun., 2003.

*WALL, Karin. Os homens e as políticas de família. In: WALL, Karin; ABOIM, Sofia; CUNHA, Vanessa (Coord.). **A vida familiar no masculino: negociando velhas e novas masculinidades**. Lisboa: Comissão para a igualdade no trabalho e no emprego, Ministério da Educação (Portugal), 2010a. p. 67-94. (Coleção Estudos, 6).

discriminação em desfavor das mulheres seja nos status sociais, na desigualdade salarial, ou nas limitações de ascensão funcional em todos os grupos profissionais.

Segundo Coan (2008) a década de 1980 foi marcada por uma continuação deste processo de expansão da força de trabalho feminina. Já nos anos 1990 no Brasil a abertura comercial no governo de Collor de Melo, marcado por baixos investimentos e pela terceirização da economia e mesmo neste contexto adverso as mulheres conseguiram manter esta tendência de inserção no mercado de trabalho, porém, incrementa-se, nessa última década, o desemprego feminino, indicando que o aumento de postos de trabalho para mulheres não foi suficiente para absorver a totalidade do crescimento da PEA feminina (HOFFMANN; LEONE, 2004).

A precarização é um dos diversos fatores que corroboram para que a mulher seja vista de forma diferenciada dos homens no mercado de trabalho, uma vez que desestimula o ingresso das mulheres no mercado de trabalho, o que pode fazer com que várias mulheres nem procurem emprego, permanecendo restritas ao trabalho doméstico (FREITAS; COUTINHO, 2015). De acordo com Marcondes e outros autores (2003), manter-se unicamente na esfera reprodutiva impõe à mulher uma situação cada vez mais submissa a ordem patriarcal que permeia crenças e valores do mercado de trabalho.

Não bastasse as discriminações no mercado de trabalho, as mulheres também são discriminadas pela sociedade, de maneira geral. As discriminações estão, principalmente, no acesso aos postos de trabalho. Para a força de trabalho feminina têm sido reservadas as áreas de trabalho intensivo, com níveis ainda mais intensificados de exploração do trabalho, enquanto que aquelas áreas caracterizadas como de capital intensivo, permanecem reservadas ao trabalho masculino (HIRATA, 2002). As mulheres sempre foram submetidas à execução de tarefas onde o nível tecnológico é muito baixo e a intensidade de trabalho é elevada, enquanto que as atividades que envolvem procedimentos técnicos, como o controle e manipulação de máquinas sofisticadas são reservados aos homens (ANTUNES, 2002; HIRATA, 2002).

O capitalismo industrial causou grande modificação nas estruturas social, econômica, política e cultural. Ao priorizar o lucro, redefiniu as relações sociais segundo o que fosse necessário para o funcionamento do sistema. Descaracterizou o papel que a família tinha de produtora da maioria dos bens que consumia, dado que agora esse sistema produziria os bens em questão. Reforçou a distinção existente entre o público e o privado ao separar o mundo do trabalho e o da família, conseqüentemente mudou de forma substancial as relações de gênero (FORREST, 2014, p. 31).

Por estar inserida na cultura do capital, a construção de relações de gênero contribui ao entendimento da exclusão de mulheres como parte uma construção histórica e social que foi pensada e elaborada por mecanismos como a educação, a política e a religião (FORREST, 2014). Segundo Yannoulas (2001), esses mecanismos, que originam normas sociais, engrenaram uma repressão interna e tão natural que, muitas vezes, levam as mulheres a escolher profissões ditas femininas mesmo sabendo da sua inferioridade, conhecendo as limitações de remuneração e as condições de trabalho dessas profissões. Percebe-se com isso a dificuldade de competir no mercado de trabalho com homens, uma vez que as relações de poder proporcionam a eles cargos de direção e de confiança.

Barros (2006) distingue a segregação profissional vertical e a horizontal para explicar melhor o funcionamento das dificuldades femininas encontradas no mercado de trabalho. A autora aponta que a segregação horizontal é um processo resultante da tendência que se tem em separar homens e mulheres em determinadas profissões, que ocasiona a disparidade salarial e ocupacional. É o que faz as mulheres continuarem exercendo ocupações consideradas femininas, como as de assistente social, professora, enfermeira, bibliotecária e secretária, portanto realizando funções que reproduzem as atividades destinadas a elas.

Barros (2006) apresenta a “teoria sociossexual” a fim de evidenciar como funciona a segregação horizontal. Essa teoria aponta a divisão sexual de trabalho segundo fatores externos ao mercado de trabalho – com foco em bases de uma cultura de sociedade patriarcal – e segundo os estereótipos recorrentes e dominantes que se tem com respeito a mulher na sociedade. A teoria divide os espaços público e privado, de forma que a esfera pública seja designada a homens, trabalho “fora de casa” de onde provém o “sustento familiar”, enquanto que a privada é destinada às mulheres, que ficam responsáveis pelo trabalho doméstico ou “do lar”.

Em relação à segregação vertical, também conhecida como segregação hierárquica, aponta a existência de empecilhos visíveis ou invisíveis para que as mulheres obtenham cargos de poder e direção, fator que as mantém em níveis mais baixos da pirâmide organizacional. Para tanto são usados argumentos como a dificuldade de dar ordens a homens, a falta de qualificação e a descontinuidade da carreira em consequência de suas “atividades maternas” (BARROS, 2006).

Castells (1999) elenca quatro elementos ajudam a compreender a transformação que o trabalho feminino sofreu no século XX. O autor menciona o crescimento da economia informacional global – que proporcionou oportunidades para as mulheres no campo da educação –; a tecnologia e o avanço da medicina – que deixaram nas mãos da mulher o

controle eficaz no processo de reprodução –; o crescimento do movimento feminista – que teve como pano de fundo a transformação econômica e tecnológica –; e a facilidade de difusão de ideias – propiciada pela cultura globalizada.

Outras características relevantes das transformações ocorridas nesse período também foram observadas por demais autores (FREITAS; COUTINHO, 2015): com um mercado mais aberto, torna-se mais perceptível a presença das mulheres no ambiente de trabalho; ciente de sua situação, as mulheres buscam condições de igualdade em termos de gênero nos postos de trabalho. Apesar disso, cabe destacar que, são raros, embora esta realidade esteja mudando, os casos de mulheres ocupando cargos de gerência e chefia (LEONE; BALTAR, 2008).

De acordo com dados de uma pesquisa da Organização Internacional do Trabalho (2001), em estudo realizado em 47 países dentre os quais o Brasil foi incluído, sem contar com o fato de que as mulheres representam mais de 40% da força mundial de trabalho, apenas 3% das posições da alta administração são ocupadas por mulheres (COUTINHO, 2006).

O que se observa é uma pequena proporção da força de trabalho feminina em cargos de nível elevado, grande parte das empresas do mundo todo, são gerenciadas por homens. Mesmo nestes casos em que as mulheres ocupam cargos de níveis hierárquicos mais elevados elas ganham menos que os trabalhadores do sexo masculino (HIRATA, 2002). Tal fato, corrobora o estudo realizado por Madalozzo (2011) que destaca a pequena parcela de mulheres ocupando cargos com alta concentração de poder.

É a relação de poder, que combina a separação e hierarquização dos papéis de gênero, que garante a inscrição do cuidado na divisão sexual do trabalho.[...] Trata-se de uma combinação de fatores materiais, situacionais, psicológicos (conscientes e inconscientes) e ideológicos que desenham um labirinto, do qual não há muitas escapatórias para as mulheres, assim como não há tantas entradas para os homens. Expressa, de forma figurativa, o império da divisão sexual do trabalho na normatização das relações sociais (MARCONDES, 2013, p. 263).

No ano de 2012, o IBGE, em comemoração ao dia Internacional da Mulher, divulgou uma pesquisa que retratava a situação da mulher no mercado de trabalho no Brasil: Pesquisa Mensal de Emprego, Mulher no Mercado de Trabalho: perguntas e respostas. Os dados apresentados revelaram que dentre as mulheres ocupadas na indústria, nos serviços domésticos e em outros serviços, a posse da carteira de trabalho assinada era inferior a verificada entre os homens. O maior percentual alcançado pelas mulheres foi no grupamento

de serviços prestados a empresas, 74,0% das mulheres tinham carteira assinada. Nos serviços domésticos, grupamento onde as mulheres representavam 95,1% do total, apenas 36,6% possuíam carteira assinada, o menor percentual de mulheres com carteira assinada. (IBGE, 2012 apud FREITAS; COUTINHO, 2015).

Outro dado interessante sobre as desvantagens salariais de homens e mulheres no mercado de trabalho foi a pesquisa realizada por Olinto (2006) a partir dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar (PNAD) que analisou os Recursos Humanos em Ciência e Tecnologia a partir da categoria gênero. Nesta pesquisa, a autora verifica que as mulheres apresentam proporcionalmente maior qualificação (nível superior) que os homens, porém há grandes contrastes na comparação salarial entre os sexos. São os homens que têm remuneração maior que as mulheres, mesmo nas áreas que a presença feminina é maior que a masculina, como é o caso dos profissionais das Ciências Biológicas. A referida autora constatou também a segregação ocupacional de gênero por áreas: as mulheres são mais presentes nas ocupações de ensino e os homens nas áreas de setor administrativas (gerência), assim como é marcada a presença de homens nas áreas exatas e tecnológicas e as mulheres nas áreas sociais, humanas e da saúde (BORGES, 2015).

2.3.1 Teto de vidro: metáfora para segregação vertical no mercado

Entre as manifestações da segregação de gênero no mercado de trabalho está a segregação hierárquica (ou vertical). Tal segregação pode ser ocasionada pelo fenômeno glass ceiling ou teto de vidro. Segundo Steil (1997) o conceito “teto de vidro”, também chamado teto de cristal, foi introduzido nos Estados Unidos na década de 1980, para descrever a barreira sutil e transparente que impossibilita a ascensão profissional de mulheres a níveis altos de hierarquias organizacionais. É uma metáfora usada para ilustrar a barreira que impede as mulheres de avançar individualmente, por questões que estão exclusivamente ligadas ao seu gênero e não pela falta de habilidades para assumir funções que estão no topo da hierarquia.

Economicamente, homens e mulheres constituem como que duas castas; em igualdade de condições, os primeiros têm situações mais vantajosas, salários mais altos, maiores possibilidades de êxito que suas concorrentes recém-chegadas. Ocupam na indústria, na política etc., maior número de lugares e os postos mais importantes. Além dos poderes concretos que possuem, revestem-se de um prestígio cuja tradição a educação da criança mantém: o presente envolve o passado e no passado toda a história foi feita por homens (BEAOUVOIR, 1980, p. 14).

Ao estudar as desigualdades de gênero na ciência, Schiebinger (2001, p. 16), percebe o teto de vidro como um empecilho existente na vida da cientista para o seu crescimento na ciência. Para ela, teto de vidro se configura como obstáculo na carreira nas cientistas, pois é uma barreira invisível e que “impede as mulheres de atingirem o topo porque a noção de disparidades hierárquicas chama a atenção para as múltiplas etapas das quais as mulheres são excluídas ao tentarem subir escadas acadêmicas ou industriais.” Percebido acentuadamente no mundo empresarial e da ciência, o teto de vidro passou a ser um dos focos de estudos quando se fala de mercado de trabalho e mulher (BORGES, 2015).

Entre aspectos das relações de gênero enraizados no cotidiano de trabalho que influenciam na pirâmide organizacional, estão as brincadeiras no âmbito administrativo, nos programas de marketing, na linguagem corporal, na comunicação face a face, na utilização do espaço e do tempo, e no uso de metáforas e linguagens em cartas formais. São conflitos de gênero que ocorrem nas organizações e que estão subentendidos e velados na comunicação e nos atos, portanto são dificilmente reconhecidos, detectados e, por consequência, apresentam dificuldades para ser estudados. Alguns autores, inclusive, acreditam que a não-investigação do fenômeno “teto de vidro” esteja dentro de uma estrutura de poder que mantém as desigualdades de gênero como forma de oprimir (FORREST, 2014).

Forrest (2014, p. 45) cita outro aspecto colocado por demais autores, o comprometimento “organizacional”, que está relacionado à capacidade de assiduidade e estabilidade das mulheres no trabalho: há uma preocupação por parte das organizações em investir recursos e tempo para treinar mulheres que, segundo o ponto de vista daquelas, depois de casar, terão filhos e deixarão a organização. Esse é um ponto essencial para explicar as possibilidades de ascensão no trabalho oferecidas a homens e mulheres.

Vaz (2013) indica que a maior parte dos trabalhos combina distintas abordagens para investigar as causas da segregação vertical nas organizações. Grosso modo, os trabalhos realizam comparações internacionais e/ou analisam a construção das relações sociais de gênero em carreiras específicas. Para exemplificar, a autora utiliza o estudo de Lombardi (2008) que procura identificar os fatores que dificultam a ascensão das engenheiras a postos de comando, com base em entrevistas com indivíduos de ambos os sexos que, em algum momento de suas carreiras, ascenderam a esses cargos. Vaz (2013) argumenta que a importância desse trabalho é que ele ressalta dificuldades que, ainda que potencializadas no caso das engenheiras, atingem a maioria das mulheres que desempenham profissões historicamente ocupadas por maioria masculina e nas quais a presença feminina em cargos de comando é reduzida.

Entre os fatores identificados por Lombardi (2008 apud VAZ, 2013) estão:

a) a vigência de estratégias empresariais que colocam obstáculos à ascensão das mulheres. Frequentemente a empresa não privilegia as especialidades e áreas de trabalho assumidas pelas mulheres, embora isso pareça não acontecer quando as mesmas áreas são ocupadas por homens;

b) a existência de espaços informais de trocas entre colegas, dos quais as mulheres são alijadas, e nos quais, ao lado de assuntos alheios ao trabalho, como esportes, são discutidas questões profissionais, realizam-se trocas de favores e indicações de colegas para preenchimento de cargos;

c) A exigência de maior disponibilidade para estender o expediente até mais tarde e realizar viagens nos cargos de alto escalão, o que tornaria mais difícil para as mulheres a conciliação entre a vida profissional e a familiar, já que sobre elas recai a maior parte das responsabilidades no cuidado dos filhos;

d) a resistência feminina a assumir postos de comando, seja por antever as dificuldades que serão enfrentadas para conciliar as exigências profissionais e as obrigações familiares, seja por preferir se preservar a enfrentar a acirrada competição por esses cargos;

e) a dificuldade que grupos de engenheiros enfrentam em aceitar serem chefiados por mulheres, o que muitas vezes pode conduzir a situações de conflito aberto. Esse preconceito exige que, ao longo da ascensão profissional, as engenheiras tenham continuamente que provar sua competência perante o grupo, algo que não é requerido de colegas homens em situação semelhante;

f) em ambientes tipicamente masculinos, a avaliação de desempenho dos funcionários se baseia em valores e critérios masculinos. Assim, atributos mais presentes nas mulheres, como a habilidade nos relacionamentos e a capacidade de conciliação de conflitos, são menos valorizados. Para alcançar postos de comando em organizações, as mulheres frequentemente são obrigadas a abdicar de um estilo próprio e mais “feminino” de chefia, em favor de uma atuação profissional mais racional e impessoal, que é mais valorizada.

Rocha (2006) propõe o rompimento do teto de vidro por parte de mulheres que chegam a ocupar cargos de poder, ou que ocupam funções no topo da pirâmide organizacional, uma vez que têm sido um espaço ocupado por homens e que, segundo uma constatação atual, está se estabelecendo uma crescente representação das profissionais – chamadas pela autora postos-chave das empresas.

A metáfora também remete às propriedades físicas do teto de vidro que, segundo afirmações de diferentes pesquisadores, pode ser permeável, rígido e facilmente estilhaçado.

Pode ser estilhaçado e permeável, portanto haverá maior facilidade de chegar à parte superior da pirâmide, se comparado com outros materiais. Em contrapartida, para outros autores o teto de vidro pode ser rígido e mesmo que haja uma possibilidade de estilhaçá-lo, causaria muito ruído e desconforto para todos. Além disso, as possibilidades de ascender a níveis mais altos dependem e fazem parte de todo um contexto, segundo construções culturais ou aspectos individuais de cada mulher (FORREST, 2014).

Para Tabak (2002), a baixa participação feminina não vem somente em consequência de obstáculos institucionais mas também de obstáculos psicológicos, visto que as mulheres de sentem inseguras sobre sua capacidade de avançar profissionalmente, evidentemente por falta de apoios sociais que possibilitem o comprometimento dessas mulheres no trabalho, como creches e demais serviços sociais. Portanto, para uma melhor consideração da segregação de gênero no mercado de trabalho é importante analisar o espaço público ou a organização envolvida, a esfera privada ou doméstica e as construções sociais envolvidas no desenvolvimento humano segundo o sexo.

2.4 DISTRIBUIÇÃO DE MULHERES BIBLIOTECÁRIAS NA ESFERA PÚBLICA E NA CIÊNCIA

Segundo Faria e Nobre (1997), com a consolidação do capitalismo, adveio a ideia de que ocorre uma divisão entre as esferas pública e privada. A esfera pública é tida como base do modo de produção capitalista e consagrada como espaço masculino, dos iguais, da liberdade, do direito. A esfera privada, designada às mulheres como espaço de reprodução e cuidado, incluindo atividades tão essenciais para a vida humana que lhes confere a qualidade de “não trabalho”, portanto desvalorizadas, invisibilizadas e não remuneradas.

Sobre a importância do público como político, Arendt considera o público como o comum - o mundo comum que reúne os homens ao mesmo tempo em que evita que eles colidam uns com os outros - e o aparente - aquilo que é visto e ouvido por todos e que constitui a realidade. Por outro lado, a esfera privada implica em espaço da privação, da ausência de outros, privação em relação à realidade vivida por outros, privação das relações objetivas existentes num mundo comum, de forma que “(...) o homem privado não se dá a conhecer, e portanto é como se ele não existisse” (ARENDR, 2010).

Não se tratam apenas de esferas separadas do ponto de vista dos atributos de gênero, mas a que se atribuem valores assimétricos, sendo a esfera pública e da dita produção hierarquicamente superior à doméstica e de reprodução social (MARCONDES, 2013, p. 252).

Perrot (1995) ressalta que o industrialismo capitalista fortaleceu a divisão entre produção e reprodução, situando a mulher especificamente na esfera doméstica que estabeleceu a figura da “dona-de-casa”, encarregada da vida privada. O movimento deste período levou ao retraimento das mulheres em relação ao espaço público e à constituição de um espaço privado familiar predominantemente feminino.

Na sociedade burguesa ocorreu a separação entre os locais de produção e consumo, situando formalmente o homem na fábrica e a mulher no espaço doméstico, sendo tal divisão justificada por um discurso biologizante que naturalizou papéis sociais de forma sexuada, atrelando a mulher ao estereótipo da reprodução, dos sentimentos, da intimidade e o homem ao cérebro, à inteligência, à razão (NOVAES, 2015).

Ideais difundidos, dentro e fora da academia, contribuem para o surgimento de uma teoria crítica feminista. Surgem debates em torno das questões de gênero que questionam traços masculinos e femininos socialmente construídos e como isso está relacionado com as disparidades sociais, políticas e culturais. Ao determinar lugares aos homens e interdita-los às mulheres, são criadas formas de exclusão que comprometem a cidadania feminina e mesmo no século XXI, as contradições são visíveis e se atribui às mulheres baixa representação (FORREST, 2014).

Silva (1998) destaca que as divisões entre os gêneros afetam as direções e o ritmo das mudanças tecnológicas. As tarefas desempenhadas e as oportunidades de treinamento de homens e mulheres são diferentes e estas constroem as qualificações sobre as quais os níveis salariais dependem. Processos de subordinação muito sérios são criados na localização de mulheres e homens nos processos de produção e nos acessos a tecnologias diferenciadas. Esses processos refletem na vida doméstica das mulheres e nas imagens que as mulheres têm sobre o seu lugar na sociedade, além de afetarem sua saúde e as possibilidades de autonomia.

Segundo Silva (1998, p. 19), “o universal mulher dentro destes processos de diferenciação também reaparece no contexto da vida acadêmica de mulheres. Nós aparecemos nas referências estatísticas como menos produtivas do que os homens”. Para autora, muitas dirão ainda que isto não é verdade e que é reflexo da baixa produção de mulheres. “Mas existem também muitos homens que não produzem muito. E por que as diferenças de gênero? Por causa das construções sociais da produção científica enquanto produção

predominantemente masculina. O gênero na academia é extensão do gênero na sociedade” (SILVA, 1998, p. 19).

Segundo dados do Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), no Brasil, o número de mulheres com mestrado é maior que o número de homens com a mesma titulação. As mulheres representam 53,5% dos mestres no país e os homens 46,5%. No entanto, em termos de remuneração, as mulheres ganham em média R\$ 5.438,41, 28% a menos que os homens, que recebem R\$ 7.557,31. Para a coordenadora técnica do projeto, Sofia Daher, um dos fatores que implica tal diferença salarial é o número reduzido de mulheres em cargos de confiança, nos quais os salários são maiores. De acordo com o mesmo estudo, que utiliza dados do final de 2009, as mulheres têm uma participação maior (71%) nas áreas de linguística, letras e artes. Na área de ciências sociais aplicadas, onde a remuneração é maior, as mulheres representam 43,2% dos empregados (TOKARNIA, 2013).

No Brasil, estudo sobre a inclusão de mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia (C&T) foi desenvolvido por Olinto (2011). Neste estudo são destacados argumentos sobre a importância destas análises de gênero, devido às diferenças de gênero em carreiras de C&T. Argumentos econômicos e sociais emergem das discussões sobre o papel da mulher na sociedade contemporânea. Nesse sentido, vale ressaltar que, em 2009 no Brasil, as mulheres já eram responsáveis por 40,1% de toda a renda familiar e entre as casadas esse número chega a ser 65,8% de contribuição para o orçamento familiar (INSTITUTO BRASILEIRO GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2013).

De acordo com Puppim (2001) as mulheres são minoria no topo da pirâmide organizacional, mas que o número tem crescido nos últimos anos, fazendo uma associação com a permeabilidade que o teto de vidro permite. Mesmo com a referida permeabilidade, a pesquisa aponta dificuldades que as mulheres encontram ao chegar em altos cargos, como um boicote por parte dos funcionários em torno do gerenciamento de uma mulher.

Borges (2015) afirma que a presença das mulheres na ciência é um tema que suscita várias discussões, algumas imbricadas com outras, além de apresentar caráter diverso, como o histórico, o social o econômico etc. Falar da participação das mulheres na ciência é antagonicamente falar de sua ausência por séculos que, para alguns autores, foi negada, para outros não reconhecida¹¹. Segundo Tabak (2002) o interesse no estudo da participação

¹¹ Ver. BORGES, E. P. **Gênero, ciência e contexto regional**: analisando diferenças entre os docentes da pós-graduação de duas universidades brasileiras. 2015. 104 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. p. 22.

feminina na ciência justifica-se pelo questionamento da condição social, neste caso profissional, da mulher. Esta autora comenta apontamentos de Stolque-Heiskanen (1988), segundo a qual é possível identificar duas principais linhas de pesquisa sobre o assunto: a) mulher e educação superior e b) status da mulher na ciência. Estes dois temas convergem atualmente para a reflexão sobre a concentração das mulheres em determinadas áreas do conhecimento, bem como sobre a sua sub-representação na ciência (BORGES, 2015, p. 22).

A sub-representação das cientistas, analisada na pesquisa de Velho e León (1998), mostra que, no quesito distribuição dos níveis nas carreiras docentes, tinha-se 5% de professoras titulares na UNICAMP número este que correspondia a 19% para os homens. De acordo com a pesquisa, este número tende a variar de acordo com as áreas, porém todas as pesquisadas afirmaram que não tiveram discriminação em sua carreira acadêmica, embora tenham citado que há dificuldades para elas conseguirem cargos administrativos.

Leta e Martins (2008) apresentam em seu estudo a relação produção docentes-orientadores da pós-graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – a universidade pública que mais possui programas de pós-graduação de nosso país - com o variável gênero à luz de conceitos como capital científico de Bourdieu (institucionalizado e específico). Neste estudo, que considera as diferenças de gênero por áreas do conhecimento, os resultados mostraram que, entre o total de docentes da UFRJ, o número de homens envolvidos com a pós-graduação é maior que o feminino, e quanto maior for maior o prestígio destes programas, menor é evidenciada a presença de mulher. Ao se tratar da avaliação do capital científico, os autores analisaram as publicações por áreas do conhecimento e, em áreas como a saúde e biológicas, em que as mulheres não são maioria entre os docentes-orientadores, o volume da produção das mulheres é equivalente ao dos homens; já nas áreas de menor tradição feminina (exatas, engenharia) a produção das/os docentes é predominantemente masculina (LETA; MARTINS, 2008).

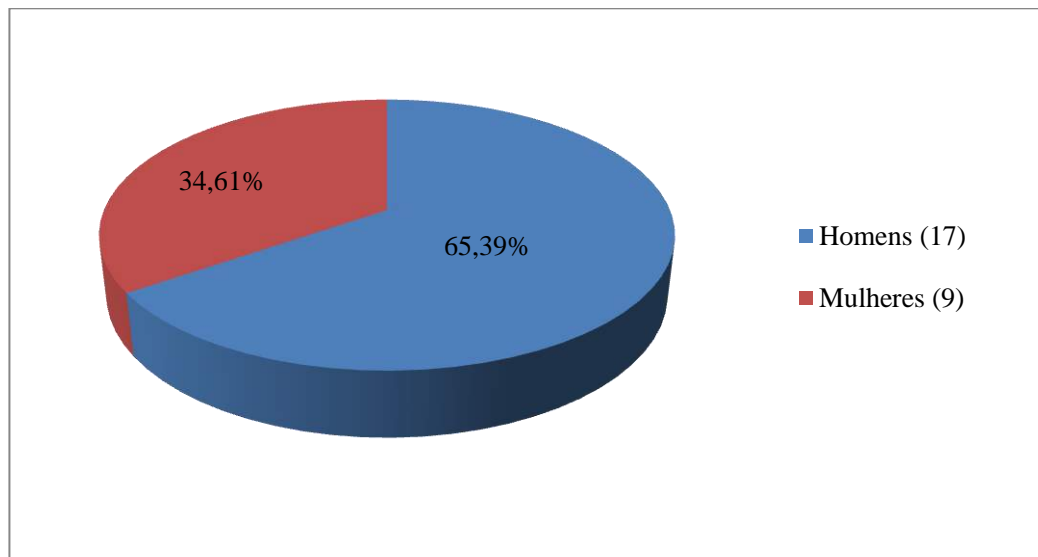
Leta e Martins (2008) argumentam que a universidade pública, na condição de geradora de conhecimentos não pode deixar de perceber e discutir questões “sexistas” na academia. De um lado os dados demonstram a maior inserção feminina na graduação, mas, de outro, mostram que elas não conseguem adentrar, em número proporcional à sua presença, em posições de poder, como cargos de direção e chefias.

Com o intuito de verificar essa representatividade na área e no cenário nacional atual de mulheres bibliotecárias por formação e pesquisadoras vinculadas ao IBICT, foi feito um levantamento sobre a estrutura organizacional tanto da instituição quanto o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI/IBICT-UFRJ) em setembro de 2017.

De acordo com o Regimento Interno do IBICT, aprovado pelo Ministro de Estado da Ciência e Tecnologia, por meio da Portaria Nº 513, de 21 de julho de 2003, publicado no Diário Oficial da União (D.O.U.) de 15 de dezembro de 2006, Seção 1, a estrutura organizacional conta com 26 cargos (INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 2017).

Observa-se que, neste período, as funções do IBICT estavam distribuídas 65,39% (17) para homens e 34,61% (9) para mulheres (Figura 1). Dessas 9 mulheres, apenas 3 (33,33%) são bibliotecárias.

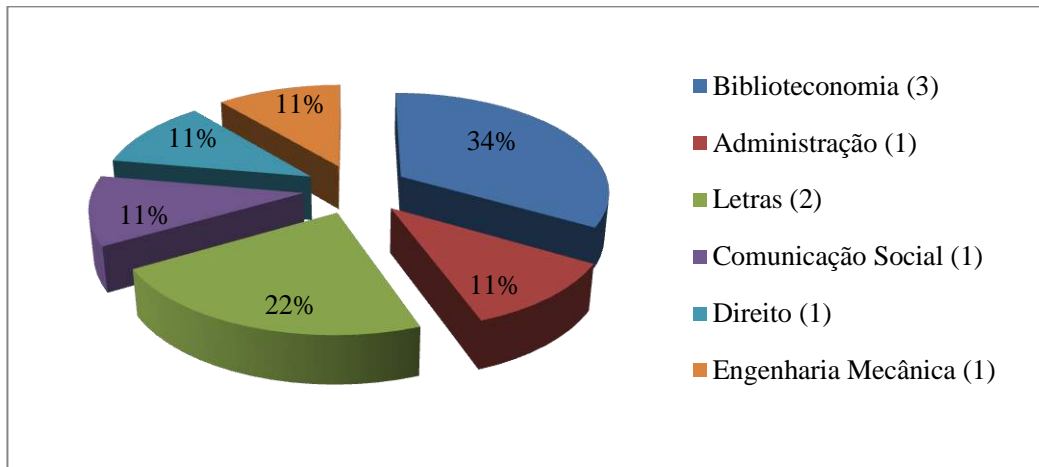
Figura 1 - Distribuição de cargos por sexo no IBICT



Fonte: A autora.

Foi possível observar também que, apesar da diretoria estar sendo ocupada por uma mulher, a maioria das funções administrativas são exercidas por homens. Em relação aos cargos ocupados por mulheres, suas formações se distinguem pelas áreas: Biblioteconomia (34%), Letras (22%), Administração (11%), Comunicação Social (11%), Direito (11%) e Engenharia mecânica (11%) (Figura 2).

Figura 2 - Distribuição de mulheres por formação no IBICT

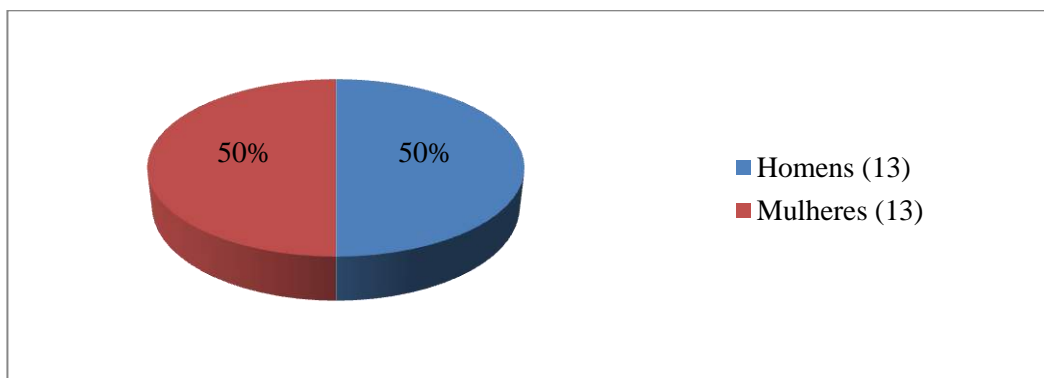


Fonte: A autora

Vale salientar que das 3 bibliotecárias uma exerce duas funções (Coordenação de Atendimento à Comunidade e Seção de Biblioteca) e as demais ocupam a Coordenação De Ensino e Pesquisa, Ciência e Tecnologia da Informação e a Divisão de Desenvolvimento e Inovação de Produtos de Informação.

No que se refere ao PPGCI/IBICT-UFRJ, em setembro de 2017, a distribuição por sexo de pesquisadores que formam o corpo docente do Programa é equivalente, sendo 13 homens e 13 mulheres.

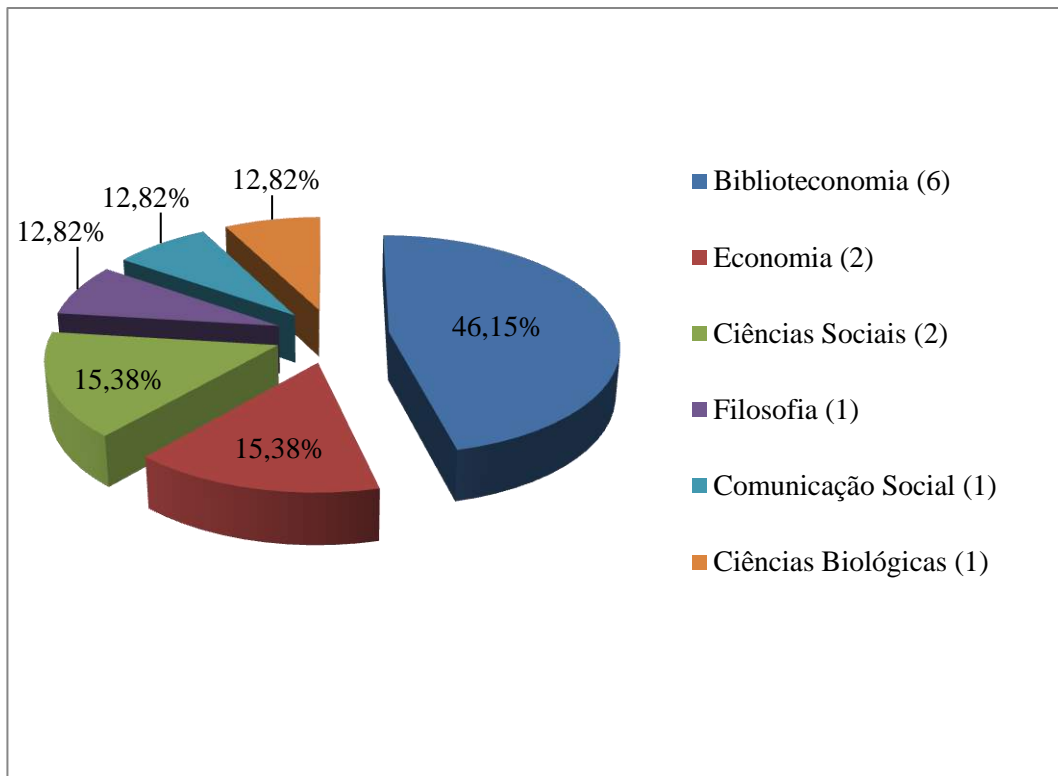
Figura 3 - Distribuição dos pesquisadores do PPGCI/IBICT-UFRJ por sexo



Fonte: A autora.

Pôde-se observar que das 13 mulheres pesquisadoras do PPGCI/IBICT, 6 (46,15%) são bibliotecárias (Figura 4). O fato de quase metade do corpo docente do Programa ser formado por mulheres bibliotecárias, mas, ainda assim, existirem profissionais de áreas diversas, pode sustentar a hipótese de que parte do princípio da interdisciplinaridade da Ciência da Informação está sendo cumprida neste Programa.

Figura 4 - Distribuição de mulheres pesquisadoras do PPGCI/IBICT por formação em graduação



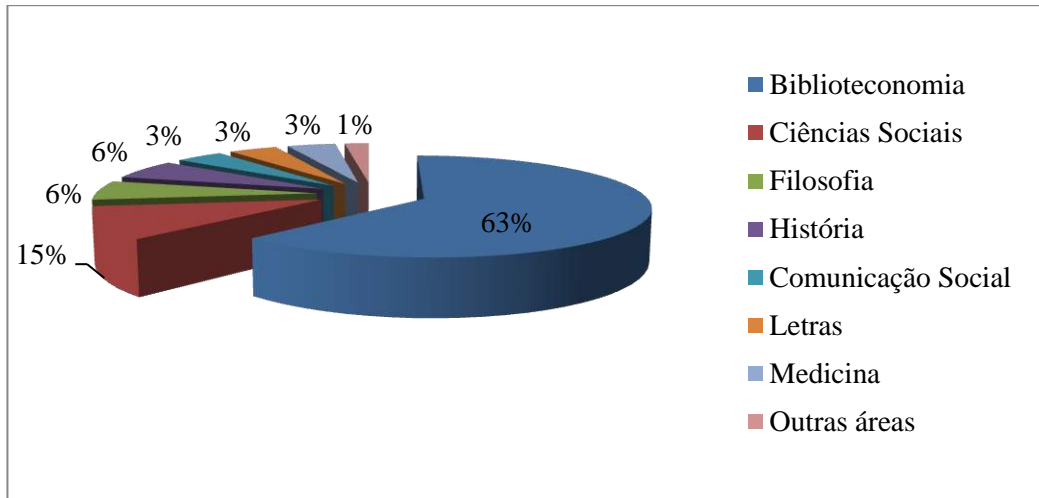
Fonte: A autora.

A participação de mulheres bibliotecárias líderes de grupos de pesquisa nas áreas de Ciência da Informação e na Biblioteconomia é predominante¹². Em relação à Ciência da Informação, verificou-se que de um total de 84 líderes nos 56 grupos de pesquisa, 57 são mulheres e 27 são homens. Das 57 mulheres, 30 são bibliotecárias por formação¹³, representando mais da metade das mulheres líderes nesses grupos de pesquisa (Figura 5).

¹² Levantamento realizado por meio da Consulta Parametrizada com os termos “Ciência da Informação” e “Biblioteconomia” no Diretório de Grupos de Pesquisa do Brasil da Plataforma Lattes, filtrado por área do conhecimento, sendo a grande área predominante do grupo Ciências Sociais Aplicadas e a área predominante do grupo Ciência da Informação. Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/faces/consulta/consulta_parametrizada.jsf>. Acesso em: 10 out. 2017.

¹³ Levantamento realizado por meio da consulta nominal das líderes no Currículo Lattes, filtrado por titulação de doutores. Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do?metodo=apresentar>>. Acesso em: 10 out. 2017.

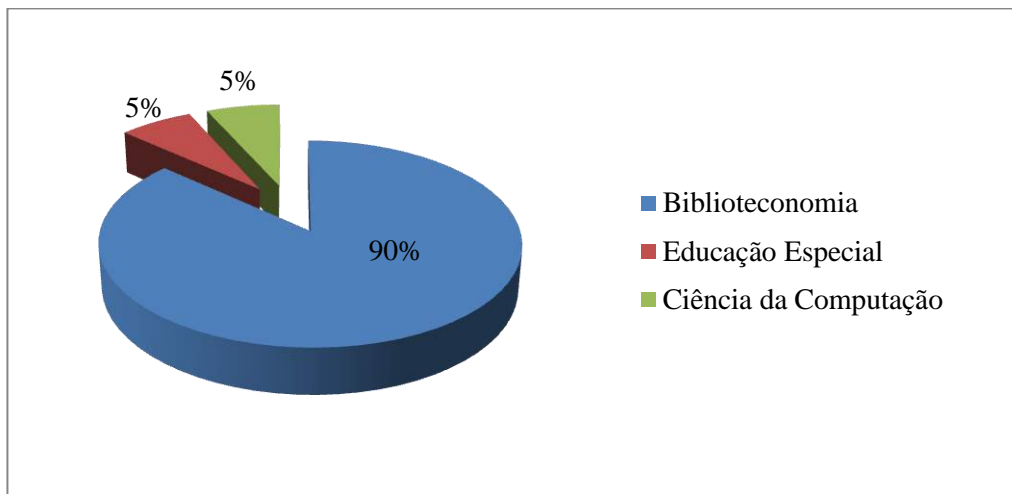
Figura 5 - Mulheres líderes em grupos de pesquisa de Ciência da Informação por área de formação



Fonte: A autora.

Em relação à própria Biblioteconomia, pôde-se verificar que a participação mulheres bibliotecárias na liderança dos grupos de pesquisa também é predominante. De um total de 22 líderes nos 15 grupos de pesquisa analisados resultantes da consulta parametrizada no Diretório de Grupos de Pesquisa do Brasil da Plataforma Lattes, observou-se que 15 são mulheres enquanto apenas 7 são homens. Dessas 15 líderes, 13 são bibliotecárias (Figura 6).

Figura 6 - Mulheres líderes em grupos de pesquisa de Biblioteconomia por área de formação



Fonte: A autora.

Corpus crescente de estudo de gênero tem evidenciado essas desigualdades nos processos decisórios que têm no exercício do poder um caminho para projetar novas formas

de dominação do homem em relação à mulher no mundo do trabalho. Isso se reflete na divisão das profissões em — de homem e de mulher, nomeando as de predominância feminina como inferiores na hierarquia econômica e social (CARMICHAEL JR, 1995; GOLUB, 2009 apud SOUSA, 2014), reproduzindo, assim, as desigualdades de gênero nesse campo e colocando a mulher como uma força de trabalho secundária (ABRAMO, 2010).

Conforme já constatado, a história tem mostrado que o profissionalismo é modelado em estruturas institucionais masculinizadas onde tem se perpetuado o controle masculino sobre a normalização do trabalho. Fato comprovado na maioria dos estudos que abordam as questões de gênero nas profissões, quando evidenciam os homens em posições de prestígio mesmo em profissões de predominância feminina (SOUSA, 2014). Na Biblioteconomia, alguns estudos mostram os homens exercendo cargos de maior relevância em detrimento do número de mulheres na área, como os de Golub (2009), Hildenbrand (1992) e Dilevko e Harris (1997).

Golub (2009), em estudo sobre o mercado de trabalho da bibliotecária nos Estados Unidos, observou que, embora seja uma carreira predominantemente feminina, curiosamente nota-se o surgimento de uma força de gestão dominada por homens. Ou seja, a minoria de bibliotecários, do sexo masculino, assume as posições de níveis mais elevados na profissão e esses profissionais são mais bem pagos. Também, estudo elaborado por Hildenbrand (1992) constata que as mulheres foram consideradas inapropriadas para o trabalho de gestão nas bibliotecas devido ao seu temperamento emocional e à falta de experiência empresarial. Nessa mesma linha de pensamento, o estudo desenvolvido por Dilevko e Harris (1997) apresenta evidências de que as áreas tradicionais da prática bibliotecária como referência, classificação e catalogação, que são fortemente desenvolvidas por mulheres, estão se tornando atividades de menor remuneração e o motivo emergente desta desqualificação é a incorporação das TICs na área, que criam outras demandas, geram outras atividades mais valorizadas e curiosamente são realizadas por homens (SOUSA, 2014).

Esses apontamentos feitos pelos autores citados mostram a hierarquia de gênero na profissão demarcando o lugar que o homem e a mulher devem ocupar em face da esfera a que pertencem (produtiva ou reprodutiva) favorecendo, assim, o sexo masculino. Em vista disso, neste momento da pesquisa, pareceu razoável realizar um levantamento sobre a atuação de mulheres bibliotecárias nos Conselhos de Biblioteconomia. O Quadro 1 mostra os personagens que estavam à frente da presidência em cada uma das gestões do Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB) desde a sua criação.

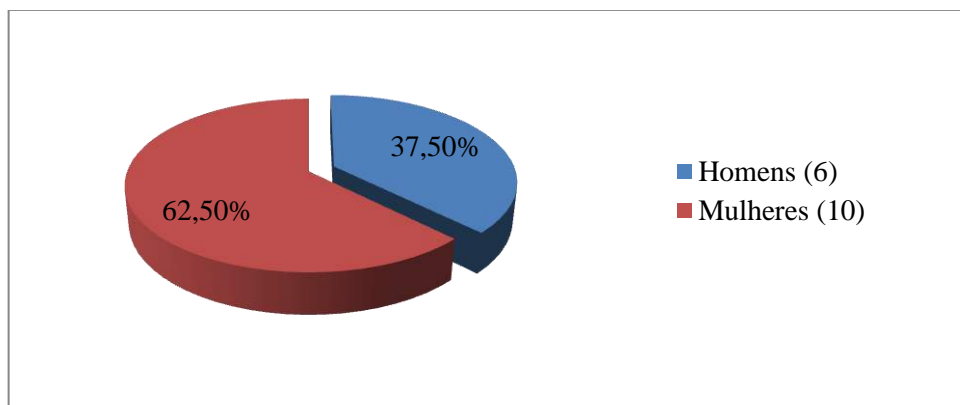
Quadro 1 - Presidentes do Conselho Federal de Biblioteconomia (1966-2017)

1ª GESTÃO - 1966 a 1969	Laura Garcia Moreno Russo
2ª GESTÃO - 1969 a 1972	Antonio Agenor Briquet de Lemos
3ª GESTÃO - 1972 a 1975	Murilo Bastos da Cunha
4ª GESTÃO - 1975 a 1978	Murilo Bastos da Cunha
5ª GESTÃO - 1978 a 1981	Nancy Westphalen Correa
6ª GESTÃO - 1981 a 1984	Maria Lúcia Pacheco de Almeida
7ª GESTÃO - 1984 a 1987	Edson Miguel de Jesus
8ª GESTÃO - 1987 a 1991	Mercedes Della Fuente
9ª GESTÃO - 1991 a 1994	Maria Lúcia Pacheco de Almeida (1991) Elaine Marinho Faria (1992-1994)
10ª GESTÃO - 1994 a 1997	Zeneide de Sousa Pantoja
11ª GESTÃO - 1997 a 2000	Zeneide de Sousa Pantoja
12ª GESTÃO - 2000 a 2003	José Fernando Modesto da Silva (2000-2002) Raimundo Martins de Lima (2002-2003)
13ª GESTÃO - 2003 a 2006	Raimundo Martins de Lima
14ª GESTÃO - 2006 a 2009	Virgínia Ana Zimmermann (2006-2007) Nêmera Arlindo Rodrigues (2007-2009)
15ª GESTÃO - 2009 a 2012	Nêmera Arlindo Rodrigues
16ª GESTÃO - 2012 a 2015	Regina Céli de Sousa
17ª GESTÃO - 2016 a 2018	Raimundo Martins de Lima (2017)

Fonte: A autora.

Pode-se dizer que em um espectro total das gestões, houve mais mulheres do que homens ocupando a presidência do conselho, bem como mostra a Figura 7.

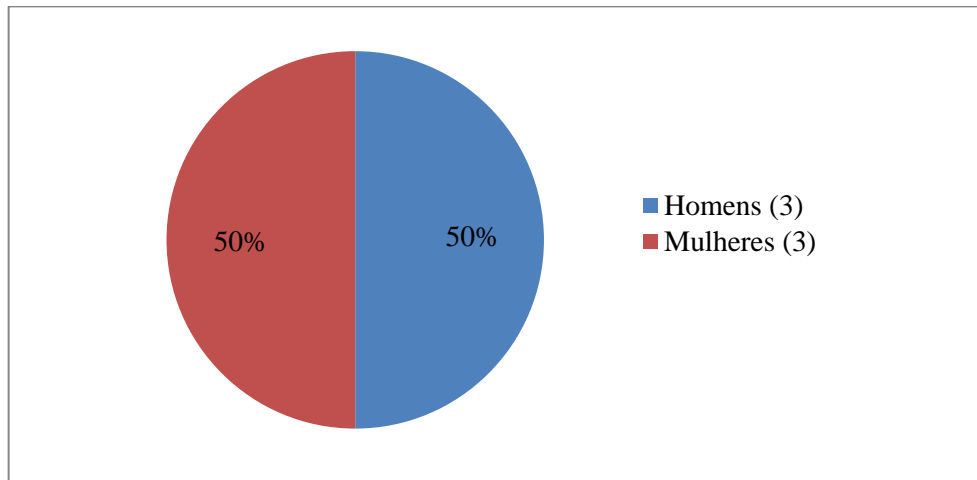
Figura 7 - Divisão por sexo de presidentes do CFB (1966-2017)



Fonte: A autora.

No entanto, a ocupação da presidência do CFB desde a virada do século no até o presente momento está equiparada entre homens e mulheres. Tal fato pode estar ligado às mudanças advindas do mercado de trabalho durante este período, as quais atraíram um número significativo de homens para Biblioteconomia e têm tornado a profissão mais concorrida.

Figura 8 - Divisão por sexo de presidentes do CFB do século XXI no Brasil



Fonte: A autora.

Sobre a atuação de mulheres bibliotecárias nos Conselhos Regionais de Biblioteconomia em 2017 pode-se dizer que o cenário é um pouco diferente do que apresentado quando visualiza-se o histórico do CFB. O Quadro 2 mostra os personagens que ocupam a presidência de cada um dos Conselhos em suas respectivas regiões.

Quadro 2 - Presidentes dos Conselhos Regionais de Biblioteconomia em 2017¹⁴

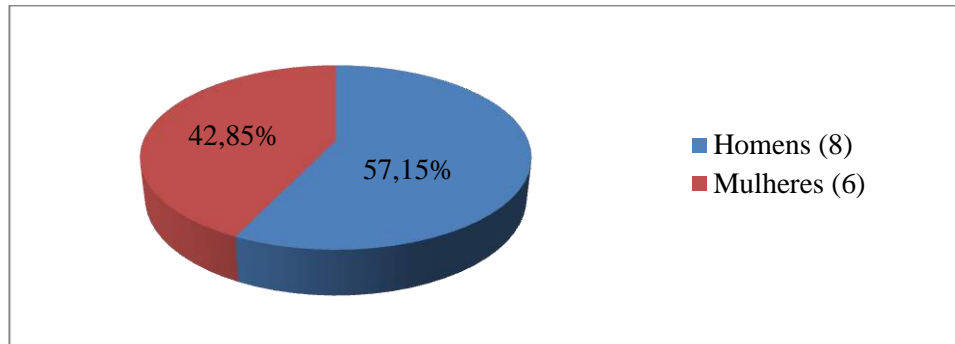
CRB-1 (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul)	Martin David Burneo Cadillo
CRB-2 (Pará, Amapá e Tocantins)	Anderson Alberto Saldanha Tavares
CRB-3 (Ceará e Piauí)	Fernando Braga Ferreira
CRB-4 (Pernambuco e Alagoas)	Cristiane Menezes da Silva
CRB-5 (Bahia e Sergipe)	Fabíola Barbosa da Silva Souza
CRB-6 (Minas Gerais e Espírito Santo)	Mariza Martins Coelho
CRB-7 (Rio de Janeiro)	Lucia Alves da Silva Lino
CRB-8 (São Paulo)	Carli Cilene Rodrigues Cordeiro
CRB-9 (Paraná)	Adriano Lopes
CRB-10 (Rio Grande do Sul)	Alexsander Borges Ribeiro
CRB-11 (Amazonas, Acre, Rondônia e Roraima)	Jorge Hayder Araújo de Souza
CRB-13 (Maranhão)	Leoneide Maria Brito Martins
CRB-14 (Santa Catarina)	Juliano Zimmermann
CRB-15 (Paraíba e Rio Grande do Norte)	Leonardo de Oliveira Cavalcante

Fonte: A autora.

¹⁴ O Conselho Regional de Biblioteconomia 12^a Região (Espírito Santo) funcionou de 1984 até 2009, quando foi incorporada à 6^a Região. De um total de 10 gestões do CRB-12, 7 delas foram presididas por mulheres e 3 apenas por homens.

Como pode-se observar, mais da metade dos homens ocupam as presidências dos Conselhos Regionais de Biblioteconomia no de 2017.

Figura 9 - Divisão por sexo de presidentes dos Conselhos Regionais de Biblioteconomia em 2017



Fonte: A autora.

Convém ressaltar que no Brasil existe, subordinado ao Ministério da Cultura (MinC) – principal órgão do Governo Federal quando o assunto é política pública de leitura e coordenação de bibliotecas –, o Departamento do Livro, Leitura, Literatura, e Bibliotecas (DLLLLB), um ambiente sugestivamente oportuno a todos os bibliotecários no âmbito da esfera pública. No entanto, desde a sua incorporação da SAI/MinC pela FBN em 2012 até o presente momento, o DLLLLB só foi ocupado por apenas um bibliotecário¹⁵.

Para ser responsável por esta importante pasta governamental é preciso ser indicado pelo ministro da cultura no respectivo período. Cabe salientar que, não obstante, desde a criação MinC em 1985, de vinte e um ministros apenas três mulheres ocuparam este cargo, sendo as três nomeadas sob a presidência da única mulher presidente do Brasil, Dilma Rousseff¹⁶. Na máquina pública, os cargos de indicação política em diversos setores contam com uma reduzida representatividade feminina que não se deve apenas pela baixa indicação de mulheres, ainda que seja um fator-chave relevante, mas também é efeito de uma cultura social masculina e de instituições subjacentes, que não estão equipadas para receberem mulheres.

Slaughter (2012), a professora de Princeton que ocupou o cargo de diretora de planejamento político no governo dos Estados Unidos, questiona em seu artigo o mito de que

¹⁵ SOBOTA, G. MinC quer potencializar Sistema de Bibliotecas. **Estadão**, São Paulo, jan. 2017. Disponível em: < <http://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,minc-quer-potencializar-sistema-de-bibliotecas,10000098621>>. Acesso em: 10 out. 2017.

¹⁶ LISTA DE MINISTROS DA CULTURA DO BRASIL. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Lista_de_ministros_da_Cultura_do_Brasil&oldid=49400406>. Acesso em: 25 jul. 2017.

as mulheres já “podem ter tudo”. Relata que as mulheres não estão em pé de igualdade com homens e que algumas mulheres que chegaram ao ápice do seu sucesso profissional, precisam acumulá-lo com uma carga de frustração pessoal, porque tiveram que abdicar da convivência familiar para poder se qualificar enquanto “funcionalmente capazes”. Bonelli (2010) acrescenta que outras mulheres incorporaram os valores masculinos da profissão e apagaram a diferença. Dessa maneira, o problema passa a ser visto como a incompetência eventual ou a falta de vontade de mulheres, e não como algo estrutural.

Para Duran et al. (2015) o mito da igualdade de oportunidades ignora a realidade empírica e todos os obstáculos aos quais elas estão submetidas ao longo de sua carreira, especialmente quando se considera as distinções entre raça, classe econômica, orientação sexual e gênero. Segundo a autora, pensar a igualdade de gêneros é também pensar políticas que tornem eficaz a mudança institucional, como ter cotas para mulheres em comitês ou conselhos executivos (como se criou na Alemanha), ter uma estrutura adequada para amamentar no local de trabalho, licenças de paternidade e maternidade equiparadas, entre outras. Essas conquistas também seriam um ganho social para homens e entidades familiares em suas diferentes configurações.

A representatividade feminina, sobretudo na esfera pública, é imprescindível para potencializar pautas de interesse das mulheres em diferentes áreas do conhecimento, além de contribuir decisivamente para maior produtividade. Por esse motivo, é urgente discuti-la, considerando, em especial, o contexto em que se encontra o Congresso Nacional. Afinal, os posicionamentos públicos são sintomáticos para a vida das mulheres no geral (DURAN et al., 2015).

3 ESTEREÓTIPO DE GÊNERO SOBRE A MULHER BIBLIOTECÁRIA

Qualidades e características que a sociedade atribui para homens e mulheres chamam-se de estereótipos de gênero e são eles os que impulsionam as pessoas a assumirem determinados papéis, tarefas e funções na sociedade. Comportamentos próprios para cada gênero, um conjunto de qualidades físicas e características psicológicas que estabelecem uma dicotomia entre o feminino e o masculino. Homens são identificados com a agressividade, competitividade, assertividade e independência. [...] Mulheres são identificadas como sensíveis, empáticas, passivas, submissas, dependentes, voltadas aos cuidados com o outro e preocupadas com o relacionamento interpessoal (GAUCHE, VERDINELLI, SILVEIRA, 2013, p.3).

Poucas pesquisas foram feitas no Brasil sobre Gênero na Biblioteconomia, o que dificulta a discussão sobre o tema e isso ocorre porque os profissionais não relacionam a desvalorização da profissão ao fato desta ser predominantemente feminina. Ao preparar o profissional para o mercado de trabalho, faz-se necessária a análise da sociedade que tem demandas para esse mercado, sendo esta demarcada por relações de classe, gênero e raça (FORREST, 2014).

Nesta seção são abordados o conceito de gênero, o conceito de estereótipo, a distinção entre os estereótipos masculinos e femininos. E, finalmente, a relação do estereótipo de gênero e a mulher bibliotecária.

3.1 BREVE ABORDAGEM AO CONCEITO DE GÊNERO

Scott (1991) define gênero a partir de dois pressupostos interrelacionados. Considera o gênero como relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e como a forma primeira de significar as relações de poder. Para explicitar melhor sua posição, ela entende que a primeira parte de sua definição implica na relação de quatro elementos que não operam necessariamente de modo simultâneo ou dependentes, que são: a) símbolos culturalmente disponíveis que evocam várias e até contraditórias representações de feminilidade; b) a existência de conceitos dominantes sobre feminino e masculino que não admitem a temporalidade dos fatos sociais, passando a reproduzir imagens estereotipadas sobre mulheres e homens; c) o debate sobre a aparência dessa permanência eterna na representação binária dos gêneros; d) e, a construção da identidade (subjéctiva) de gênero.

A segunda parte da definição de gênero trazida por Scott (1991, p. 16) considera que, mesmo não sendo o único espaço onde se dão as relações de poder, o gênero é um "[...] campo primeiro no seio do qual ou por meio do qual o poder é articulado". Assim, o conceito

de gênero, "[...] estrutura a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social" porque é estabelecido como um conjunto de referências que dita a distribuição do poder.

Nas Ciências Sociais, o conceito de gênero é introduzido após a Segunda Vaga Feminista¹⁷, com o intuito de dar resposta a uma diferenciação entre gênero e sexo, numa tentativa de distinguir o que seria do domínio da biologia e o que corresponde ao âmbito das ciências sociais (AMÂNCIO, 2003). Este conceito surge, assim, internacionalmente, a partir da publicação da obra da socióloga Ann Oakley, *Sex, Gender and Society*, em 1972 (Maciel, 2010). Para Amâncio (2003) o conceito de gênero deve englobar o contexto político e histórico:

O conceito de gênero correspondia, no plano teórico, ao propósito de colocar a questão das diferenças entre os sexos na agenda da investigação social, retirando-a do domínio da biologia, e orientava a sua análise para as condições históricas e sociais de produção das crenças e dos saberes sobre os sexos e de legitimação das divisões sociais baseadas no sexo (AMÂNCIO, 2003, p. 687).

Assim, segundo a autora (2003), a introdução do conceito de gênero, nos anos 1980, surge associado a um contexto político e institucional, existindo uma necessidade inerente de acabar com a discriminação associada ao conceito de sexo, especialmente, uma preocupação com os direitos das mulheres.

A introdução internacional do conceito de gênero não foi pacífica, provocando a discórdia entre o que seria acabar com a discriminação e o que seria uma luta e afirmação de interesses por parte das mulheres. “A organização da IV Conferência Mundial das Nações Unidas sobre as mulheres mobilizou [...] uma parte importante do discurso conservador em torno do género [...] envolvendo o conceito num conflito ideológico [...]” (AMÂNCIO, 2003, p. 689).

Os conceitos de gênero e sexo são, por muitas vezes, equivocadamente confundidos. Para delinear esta pesquisa, faz-se necessário diferenciá-los. Nesse sentido, Carvalho e Tortato (2009, p. 24) afirmam que “sexo é um dado biológico e gênero, uma construção cultural. É preciso deslocar o sexo do gênero para entender as questões culturais que envolvem os comportamentos e características femininas e masculinas nas mais diferentes sociedades e culturas”. Os autores complementam que “considerar o gênero como uma

¹⁷ A Segunda Vaga Feminista verifica-se a partir da década de 1960, onde a principal incidência das feministas é de “[...] ordem político-representacional, aliando a defesa da emancipação feminina e da garantia dos direitos sociais com uma forte tónica na política do discurso e da representação no seu impacto real na vida das mulheres” (GIL; GANITO, [200-?], p. 21).

contingência do sexo biológico é uma postura reducionista, pois torna limitado o desenvolvimento total das pessoas, direcionando-as aos ditames da natureza, levando a interpretações universais que não cabem nos fatos próprios da cultura” (CARVALHO; TORTATO, 2009, p. 24).

Nessa perspectiva, pode-se considerar que a constituição do ser homem ou ser mulher resulta de discursos, de ações, da cultura e da história estabelecidos de acordo com as normas de uma determinada sociedade que, por sua vez, são impregnadas de valores, de atributos, privilégios e limitações, fundamentados nos aspectos biológicos. Diante disso, os indivíduos com suas interações vão estabelecendo expectativas do que é socialmente convencional para um homem e para uma mulher e são nesses arranjos sociais que se produzem “as relações desiguais entre os sexos” (LOURO, 2010, p. 22).

Portanto, “gênero serve para explicar as relações sociais, culturais e historicamente construídas referentes às divisões hierárquicas entre homens e mulheres” (SOUSA, 2014, p. 75). Assim sendo, para se compreender o lugar e as relações de homens e mulheres em uma sociedade é preciso observar não exatamente as características sexuais dos indivíduos, mas o modo como essas características são “[...] representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas [...]”. Efetivamente, são essas representações que vão construir o que é feminino ou masculino perante a sociedade (LOURO, 2010, p. 21).

O construto de identidade de gênero é visto atualmente como o conjunto das crenças, atitudes e estereótipos do indivíduo (D’AMORIM, 1997, p. 1); Katz (1986 apud D’AMORIM, 1997) o explica a partir de seus antecedentes biopsícos-sociais de sua influência sobre o comportamento. Steines e Libby (1986 apud D’AMORIM, 1997) afirmam que o papel de gênero pode sofrer duas interpretações; na perspectiva tradicional o gênero é um tipo de papel com apenas duas categorias - masculino ou feminino. Ao determinar essas duas alternativas o enfoque tradicional procura responder a seguinte pergunta: como o gênero do indivíduo define a série de papéis sociais que deverá exercer para merecer a aprovação do grupo? Para responder a essa pergunta à pesquisa de cunho tradicionalista Steines e Libby (1986, p. 215) procuram delimitar três aspectos do papel de gênero, através das respostas a perguntas específicas:

- a) como as pessoas acham que os homens e as mulheres devem comportar-se?;
- b) como as pessoas acham que se comportarão mulheres e homens?;
- c) como, na realidade, se comportam os homens e as mulheres?.

Para D'Amorim (1997) estas três dimensões do papel de gênero a prescritiva, a preditiva e a observável, têm sido muito estudadas, constituindo a primeira a base dos estereótipos de gênero.

O segundo enfoque no estudo dos papéis de gênero focaliza os inúmeros papéis sociais que podem ser exercidos por pessoas de ambos os sexos tais como o de trabalhador, cônjuge e genitor, procurando criticar até que ponto o gênero do indivíduo introduz diferenças no exercício destes papéis (D'AMORIM, 1997). Alguns papéis são particularmente sensíveis à influência do gênero, dadas as expectativas do grupo e da própria pessoa, para a maneira "correta" de exercer o papel em questão. Este enfoque busca situações específicas, já que é através delas que melhor se pode constatar as diferenças na expectativa social. Esta última pode influenciar o auto-estereótipo definido por Abate e Berrien (1967) como a aceitação pelo grupo das características que lhe são atribuídas. Esses autores verificaram a existência de uma concordância entre os auto-estereótipos e aqueles apresentados pelo outro grupo, numa pesquisa com estudantes japoneses e americanos.

Ao considerar gênero como uma construção cultural, estabelecida no contexto social político e econômico de cada sociedade e que as relações sociais são norteadas pelo poder, Macêdo (2003, p. 18) assinala que “os papéis de gênero são tomados como um sistema de papéis e de relações entre mulheres e homens”. Tais papéis só podem ser analisados de forma relacional entendendo que a história das mulheres não pode ser tratada separadamente da história dos homens.

Nas últimas décadas do século XX foi registrado um esforço das teóricas feministas para encontrar terreno próprio para as discussões de gênero. Essas mulheres não só começaram a encontrar vias teóricas próprias; mas, também conseguiram aliadas/os acadêmicas/os e políticas/os. Nesse contexto, o conceito de gênero vai sendo ampliado e usado nos debates o que faz avançar esses estudos nas ciências (SCOTT, 1991).

É possível visualizar que tais estudos sobre a temática estão se multiplicando abrangendo várias áreas do conhecimento e trazem uma grande contribuição para a sociedade à medida que informam e problematizam as relações de poder entre homens e mulheres, em diferentes contextos sociais (SOUSA, 2014). Articular o conceito de gênero no contexto da Biblioteconomia e da Ciência da Informação considera-se pertinente dada o número significativo de mulheres nessa área podendo ser considerada uma profissão feminina. Ademais, essa interlocução de saberes constitui novos campos de conhecimento. Portanto, estudar a Biblioteconomia na perspectiva de gênero é procurar entender como os problemas da profissão estão relacionados com a predominância feminina nesta área

interdisciplinar, compreender também, como se dá a relação entre mulheres e homens, no contexto profissional. Para Ferreira (2003), trabalhar a questão de gênero na Biblioteconomia contribui para uma revisão crítica do trabalho da bibliotecária da sua atuação como profissional e como cidadã.

3.2 CONCEITO DE ESTEREÓTIPO

Do grego, *stereos*, que significa sólido, firme e *typos*, que significa molde ou modelo. Em uma análise mais psicológica de seu significado, significa que, se um ou mais indivíduos passam a mesma impressão ou possuem o mesmo “molde”, seja em pensamento, modo de vestir ou outra característica, ele já exclui de seu grupo aquele que não as possui, como uma generalização, uma imagem pré-concebida. Estereótipos, em geral, são negativos, pois serve para implantar separatismo entre os grupos sociais e, por fim, na concorrência entre estes, ocasiona depreciação e até discriminação (MORENO; BASTOS, 2013).

Os estereótipos positivos são menos frequentes e polêmicos, pois não influenciam de forma discriminatória os membros da Sociedade. Para Baccaga (1998) quando se fala em estereótipo, é preciso ter clara a distinção entre conformidade e conformismo, pois o estereótipo tem uma multiplicidade de faces. Na verdade, o indivíduo acaba por orientar-se através de estereótipos e de normas, conformando-se ao seu grupo, buscando garantir o êxito de suas ações e a aceitação social.

Segundo Simões (1985, p. 207) estereótipo remete a “[...] uma matriz de opiniões, sentimentos, atitudes e reações dos membros de um grupo, com as características de rigidez e homogeneidade.”, ou seja, é uma maneira simplista de definir determinado grupo e que dificilmente se aplica a todas as pessoas do mesmo.

“O estereótipo de gênero é, pois, o conjunto de crenças acerca dos atributos pessoais adequados a homens e mulheres, sejam estas crenças individuais ou partilhadas” (D’AMORIM, 1997, p. 2). Ashmore e Del Boca (1986) consideram os estereótipos de gênero como parte da teoria implícita da personalidade construída pelo indivíduo e conservada na memória como parte do seu sistema geral de valores.

Para Roggau (2006), os estereótipos são rígidos, mas adaptam-se à sociedade vigente, ou seja, apesar de a sociedade ter mudado muito desde a Idade Média, o estereótipo do homem bibliotecário é herança dos monges medievais, guardiões, leitores, conservadores, entre outras características advindas da Biblioteconomia enquanto ordem dos saberes (e não como profissão), mas que se aplica a qualquer profissional bibliotecário, independente do

contexto social, cultural e histórico em que este está inserido, alterando-se apenas a aparência física.

É muito comum que o estereótipo torne-se uma verdade no inconsciente das pessoas, principalmente porque a mídia utiliza-se deste recurso para facilitar a identificação de seus produtos ou personagens, ou seja, a mídia, quando retira o profissional de seu contexto histórico-social, distorce a realidade em prol da estereotipia. Muitos estereótipos são passados de geração a geração, não sendo questionadas sua origem ou motivos (ROCHO, 2007).

De acordo com Rocho (2007), para se desvencilhar da imagem negativa criada pelo estereótipo, os grupos devem se impor de maneira a ganhar notoriedade na sociedade. Quanto mais informações se adquirem a respeito de determinado grupo, menos estereotipada é a visão projetada sobre este.

3.3 ESTEREÓTIPO MASCULINO E ESTEREÓTIPO FEMININO

Ao recortar a existência dos conceitos dominantes sobre o feminino e o masculino, que não admitem a temporalidade dos fatos sociais, passa-se a reproduzir imagens estereotipadas sobre mulheres e homens. Segundo Coelho (2014) os estudos práticos e comparativos sobre os estereótipos masculino e feminino se sucedem na década de 1960, na Europa. Em 1972, alguns autores iniciam avaliações sobre os trabalhos anteriores acerca do assunto e chegam à conclusão de que determinadas características atribuídas a homens e mulheres são constantes, por meio das variações de sexo, idade, nível educacional e estado civil dos avaliadores (BROVERMAN; VOGEL; BROVERMAN; CLARKSON; ROSENKRANTZ, 1972 apud D'AMORIM, 1997). Esses autores fornecem uma lista das características que compõem o ideal de competência masculina (atividade, competitividade, independência, decisão e autoconfiança, entre outras). Para as mulheres, predomina a dimensão expressividade-afeição, que inclui a emocionalidade, a gentileza, a compreensão e a dedicação (D'AMORIM, 1997).

Raiser (1985) realizou uma pesquisa em Brasília acerca dos estereótipos sexuais dos favelados, com 400 sujeitos de ambos os sexos, pertencentes a dois grupos de idade. Em sua revisão de literatura a autora constatou que o estereótipo masculino favorável apresenta, em geral, características de competência, destreza e vigor e o desfavorável, de teimosia, imprudência, egoísmo e ganância. O estereótipo feminino favorável inclui a graça, a habilidade social e o apoio emocional fornecido, e o desfavorável salienta e vaidade, a futilidade e o descontrole emocional. Os resultados destacam a grande concordância entre os

sexos, e entre as duas faixas etárias, quanto aos estereótipos. A mulher foi definida segundo quatro dimensões; a casa, o marido, os filhos e o corpo; a execução das tarefas doméstica é a característica mais atribuída, independente do sexo e da idade. Mesmo o trabalho fora de casa é visto como uma extensão das tarefas diárias, já que, este trabalho é o de doméstica. As dimensões de marido e filhos revelam a submissão, devida ao cônjuge, e a responsabilidade pela procriação e cuidado com os filhos. A dimensão do corpo, na qual predominam as respostas dos homens jovens, envolve os aspectos críticos da nudez feminina. Aos homens foram atribuídos estereótipos ligados a três dimensões: trabalho, poder e liberdade, compreendendo a obrigação de: sustentar a família, sua autoridade no lar, e a possibilidade de fazer o que quiser, inclusive abandonar a mulher e os filhos. A autora conclui que "a mulher é definida em função do homem e das dimensões que se originam no seu relacionamento com ele, ou seja, a casa, filhos e corpo" (RAISER, 1985, p. 71).

Os estudos de Amâncio em 1992 decidiram replicar um anterior efetuado em 1986 acerca de estereótipos. No primeiro estudo efetuado, a autora comprovou que o estereótipo masculino ia ao encontro ao estereótipo mais "universal" do adulto, em comparação com o estereótipo feminino (AMÂNCIO, 1993 apud COELHO, 2014). Nos dois estudos realizados, foi efetuada uma lista de cem traços que a autora e a sua equipa pediram aos estudantes para classificarem em tipicamente masculino ou feminino; considerarem qualidade ou defeito num adulto; e, fator apenas apresentado no estudo de 1992, classificar como traço tipicamente de jovem ou de idoso. Para elaborar o estereótipo, consideraram-se os traços que obtiveram 75% das respostas (COELHO, 2014).

A apresentação comparativa dos dois estudos de Amâncio (1993) (os sinais de + e – significam que também existiram 75% das respostas para qualidade/defeito, respectivamente, e, as letras de J e I também obtiveram 75% das respostas para tipicamente jovem/idoso.

Figura 10 - Estereótipo masculino

1986		1992	
Ambicioso		Ambicioso	J
Audacioso	+	Autoritário	
Autoritário		Aventureiro	
Aventureiro		Corajoso	+
Corajoso	+	Descuidado	- J
Desinibido	+	Dominante	
Desorganizado	-	Forte	+ J
Dominante	-	Independente	+
Empreendedor	+	Lutador	+ J
Forte	+	Machista	
Independente	+	Objetivo	+
Machista		Paternalista	I
Paternalista		Racional	+
Rígido		Rígido	I
Sério		Seguro	+
Superior	+	Superior	
Viril		Viril	

Fonte: COELHO, 2014.

Figura 11 - Estereótipo feminino

1986		1992	
Afetuosa	+	Afável	+
Bonita	+	Afetuosa	+ J
Carinhosa	+	Bonita	
Dependente	-	Cuidada	
Elegante		Curiosa	J
Emocional		Dependente	-
Feminina		Emocional	
Frágil	-	Feminina	
Maternal		Frágil	-
Meiga		Inferior	-
Romântica		Maternal	
Sensível	+	Meiga	
Sentimental		Sensível	
Submissa	-	Sentimental	

Fonte: COELHO, 2014.

A partir da comparação de ambos os estudos, a demonstração do resultado é idêntica. O número de traços sobe de 17 para 18 no caso masculino e de 14 para 15 no caso feminino. Para tanto, Amâncio (1993) aponta que o estereótipo masculino continua mais associado à ideia do adulto. Comparando os dois estudos, em 1986 o estereótipo masculino transmite “[...] uma imagem patriarcal, [...] caracterizada pelo autoritarismo [...] e pela razão da força”, sendo que em 1992 é passada “[...] uma imagem onde emerge a força da razão e o controlo sobre o destino individual” (AMÂNCIO, 1993, p. 134).

Na análise de Coelho (2014), o estudo apresentado por Lígia Amâncio observa que o “estereótipo feminino apresenta mais características negativas (defeitos), ao contrário do estereótipo masculino. Há no estereótipo feminino uma maior ligação à expressão dos sentimentos, através de traços como ‘meiga’, ‘sensível’ ou ‘sentimental’”. Vale salientar que que, no caso dos homens, essas características são inexistentes. As considerações de Amâncio indicam que:

[...] a definição de pessoa adulta, subjacente ao estereótipo feminino, encontra-se, assim, limitada às funções afetivas e de objeto de desejo, às quais se associa a ausência de qualidade orientadas para o trabalho e para a autonomia individual (AMÂNCIO, 1994 apud COELHO, 2014).

Segundo Francisco Domingues (2010), o status social da mulher é apresentado segundo duas vertentes fundamentais: a primeira vertente é referente à parte mais visual e atrativa da mulher, ou seja, “[...] fala-se, naturalmente, de moda, de vestuário, de top models, de cabelos, de look, [...] de romances de príncipes e princesas [...]” (DOMINGUES, 2010, p. 41). A segunda vertente diz respeito à maternidade, considerada pelo autor como a vertente primordial, onde a mulher se realiza universalmente.

Após o estudo sobre estereótipos e a imagem de cada indivíduo, Amâncio realiza um novo estudo, com o intuito de verificar de que modo os estereótipos podem ter influência e ditar o comportamento da população, numa determinada situação (COELHO, 2014). De acordo com Nogueira e Saavedra (2007) tal estudo centrava-se numa tomada de decisão, num contexto organizacional, onde se demonstrou “[...] como os estereótipos contribuem para imprimir um significado masculino ou feminino aos comportamentos e como os conteúdos simbólicos dos estereótipos são normativos para as mulheres, mas não para os homens” (NOGUEIRA; SAAVEDRA, 2007, p. 19).

As definições sociais de sexo masculino e sexo feminino diferem: a pessoa do sexo masculino é vista como um ideal, não necessitando de um contexto e apresenta um grande número de competências de caráter universal; por outro lado, a pessoa do sexo feminino é vista como um ideal, mas sempre limitado às barreiras situacionais em que está inserida. É um ideal coletivo (AMÂNCIO, 1994). Já os estereótipos masculino e feminino são interpretados de maneira diferente quer pelos homens, quer pelas mulheres. Em relação aos estereótipos femininos, para os homens “[...] constituem um recurso útil para identificar mulheres [...]” (AMÂNCIO, 1994 apud COELHO, 2014).

Para as mulheres, o conceito de estereótipo feminino e os conteúdos que lhe 27 estão associados devem ser universalizados, para manterem o seu significado positivo (Amâncio, 1994). Em relação aos estereótipos masculinos, tanto os homens como as mulheres utilizam-nos para “[...] conferir capital simbólico aos atores que possuem pouco poder e para destacar a mulher que ultrapassa as fronteiras do comportamento que lhe é socialmente reconhecido como possível” (AMÂNCIO, 1994 apud COELHO, 2014).

3.4 ESTEREÓTIPO DE GÊNERO E A MULHER BIBLIOTECÁRIA

Apesar das mudanças sociais, da evolução tecnológica, da constante atualização de grades curriculares, o homem bibliotecário carrega a imagem de monge medieval, como retratado no filme “O nome da Rosa”, como guardiões, eruditos, conservadores e preocupados com a conservação da informação, este estereótipo advém da Biblioteconomia enquanto ordem dos saberes e não enquanto profissão. No entanto, estes conceitos são ainda identificados nos atuais profissionais atuantes da área (MORENO; BASTOS, 2013).

Sem embargo, a falta de divulgação da profissão e de imposição por parte da nova geração de bibliotecários nessa nova realidade, junto com as atitudes e comportamentos de alguns profissionais mais antigos que não se atualizam e nem expandem os horizontes para novos campos de atuação, ajuda a perpetuar ainda mais a imagem clássica da profissional bibliotecária: uma mulher séria, de coque, roupas fechadas, óculos, ranzinza e que dedica o tempo a guardar livros e confeccionar fichas catalográficas, não esquecendo de sempre pedir silêncio aos usuários (MORENO; BASTOS, 2013).

De acordo com Rocho (2007) “[...] acredita-se que ainda hoje a Biblioteconomia não tem bem definido seu campo de atuação neste novo contexto, razão pela qual os profissionais têm dificuldade de impor uma imagem positiva da profissão, visto que esta ainda está em formação.”. A visão deturpada que a sociedade tem, em relação aos profissionais

bibliotecários, reflete-se na imagem que nos é transmitida: uma mulher idosa, ranzinza, sempre exigindo silêncio, fora de moda e que passa a maior parte do seu tempo guardando livros nas estantes (ROCHO, 2007).

Segundo Pinto e Ochôa (2006, p. 35), algumas causas desta imagem negativa sobre a mulher bibliotecária se deve “[...] a pouca compreensão e o desconhecimento dos serviços prestados pela profissional da informação por parte do público, a má percepção dos profissionais em geral da sua própria profissão, a má qualidade da formação [...]”. Para os autores (2006), esse estereótipo negativo não será revertido rapidamente; é preciso que a profissional execute suas tarefas com prazer e eficiência, sempre voltando seus objetivos à comunidade, além de realizar o marketing da profissão. Somente assim, a mulher bibliotecária ganhará a credibilidade da sociedade e a projeção necessária para que todos compreendam sua importância, deixando de lado os preconceitos.

O histórico da emancipação feminina muita fala sobre a questão, pois a figura da mulher, em geral, foi frequentemente associada a uma figura delicada, organizada, submissa e apta a lidar com objetos de fácil manuseio, como livros. Após a 2ª Guerra Mundial, deu-se início à revolução propriamente dita da revolução das mulheres, uma vez que os homens iam à guerra e elas começaram a assumir novas tarefas que, até então, lhes parecia inconcebível, dando-lhes a ideia de que eram tão capazes de executar certas atividades com tanta destreza quanto os homens (MORENO; BASTOS, 2013).

Desde momento em diante, houve uma reação machista e conservadora em resposta às mudanças do comportamento feminino, as quais geraram novas ações em prol da mobilização de mulheres em busca da ocupação novos espaços. Essas ações foram sofreram fortes agressões da grande mídia, que se sentiu incomodada com a mudança do pensamento feminino da época e, por meio de publicações de cunho irônico, manifestou uma visão paternalista e tradicionalista, bem como a do caricaturista Raul Paderneira:

Vê-se uma mulher magra e feia usando chapéu e sapatos masculinos e portando um livro – estereótipo da intelectual solteirona. E outra mulher mais gorda, de ar arrogante, apresenta as mesmas características: feiúra, masculinização e o inevitável livro (JARDIM, 2010, p.19).

Dessa forma, é percebida a reação machista, que tentou assimilar a ideia de que mulher estaria fadada à solteirice caso tentasse se igualar aos homens. Até então, o papel social da mulher era o de ser mãe, de ser delicada, subjugada, incapaz de questionar e dependente do marido para resolver questões que ela mesma poderia solucionar. As

campanhas feministas da época mostravam o homem cuidando da casa e dos filhos enquanto a mulher consertava coisas e saía para trabalhar. Tais campanhas causaram revolta à ala masculina, que em revidade iniciou uma campanha que vinculava a imagem de uma mulher independente como feia, indelicada e, conseqüentemente, solteirona (MORENO; BASTOS, 2013).

Ao mesmo tempo em que houve certa indignação à mobilização masculina, conseqüente de tal pensamento desconfortável às mulheres da época, o rótulo de “solteirona feminista” se consolidava cada vez mais. Moreno e Bastos (2013) afirmam que é fácil perceber como a mídia foi e é capaz de influenciar uma sociedade com seus estigmas, rótulos e dogmas, uma vez que a grande divulgação da imagem da mulher solteirona acabou influenciando a sociedade durante muitas gerações.

O fato da Biblioteconomia ser uma profissão eminentemente feminina, cujo objeto de trabalho, a informação, deve ser pensado por grande parte das mulheres bibliotecárias, deveria permitir que ocupassem uma posição privilegiada em relação aos outros profissionais da informação, no que concerne não só às atividades biblioteconômicas tradicionais (como o processamento técnico), como também as áreas de ensino e pesquisa (OLINTO, 1997).

Para Olinto (1997), esse privilégio também seria epistemológico, uma vez que é capaz de produzir conhecimento mais comprometido com a transformação social reconhecendo que as mulheres têm um saber constituído a partir da experiência das necessidades informacionais dos usuários. Do mesmo modo, as bibliotecárias valorizam na sua práxis, um discurso que recupera qualidades, tais como, a subjetividade a cooperação e a empatia, valores estes que são excluídos na perspectiva androcêntrica de recuperar informação e de fazer ciência.

Em estudo sobre os estereótipos dos bibliotecários (do sexo masculino) nos Estados Unidos, Dickinson (2002) refaz o percurso do desenvolvimento das bibliotecas universitárias para tentar compreender como se desenvolveram os estereótipos. Segundo seus trabalhos, os primeiros responsáveis pelas bibliotecas não se fixavam no cargo, apenas utilizando-o como um modo de ascender a outros postos na organização universitária. Há outros fatores, conforme Dickinson (2002), que poderiam contribuir para a visão que a sociedade desenvolveu sobre os bibliotecários que são: a) fato de que esses primeiros profissionais eram pessoalmente responsáveis pela integridade e manutenção dos acervos, o que intensificava a necessidade de cobranças e de impedimentos de acesso às obras; b) as funções das pessoas que trabalhavam nas bibliotecas incluíam a responsabilidade pela limpeza, organização física dos livros e “arejamento” do local; c) em muitas organizações, o pessoal da biblioteca participava do processo de seleção dos alunos das universidades; d) as organizações não

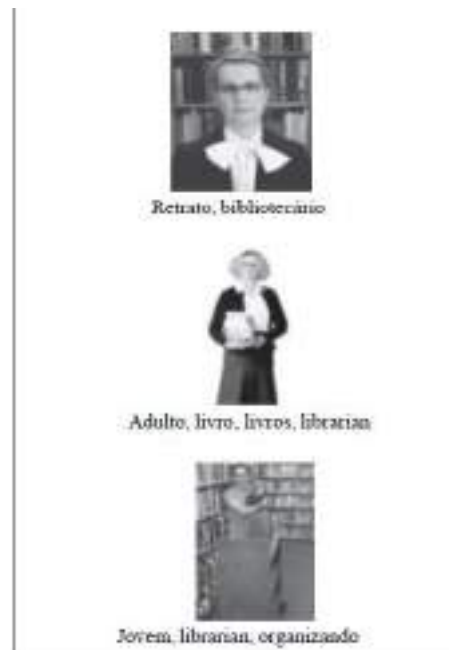
consideravam necessária nenhuma qualificação especial para o pessoal que fosse trabalhar nas bibliotecas.

A partir dessas constatações comportamentais, influenciadas, evidentemente, pela época, mas que ainda perduram pelo fato, concreto, de serem os bibliotecários, na maior parte das organizações, os responsáveis pelo patrimônio documental nas instituições que dirigem, é compreensível a associação desses profissionais com pessoas que resistem em “abrir” seus acervos, que de certa forma vigiam, mais que mediam informação, e que de algum modo estão no centro das dificuldades de acesso, que muitos usuários sentem (WALTER; BATISTA, 2007).

A questão da construção da imagem do profissional segundo estereótipos, que faz parte também da segregação horizontal, é uma das questões abordadas por autoras que colocam a questão de gênero na Biblioteconomia. Esses estereótipos estabelecidos sobre os profissionais são associados à figura feminina e às tarefas desempenhadas, quase sempre reduzidas à colocação e recolocação de livros em estantes. Para Ferreira (2010, p. 163), sobre a temática de gênero “no caso da Biblioteconomia, para compreender melhor essa problemática é importante conhecer a história do curso e como foram construídos os estereótipos que desqualificam a profissão de bibliotecário e bibliotecária”.

Walter e Baptista (2007) apontam que é parte do imaginário popular o aspecto visual e comportamental dos bibliotecários, sendo esta profissão associada às mulheres e com um estereótipo específico, geralmente uma idosa, com o comportamento pouco receptivo aos usuários e imaginada fazendo um gesto de quem pede silêncio. Também parte dos estereótipos estabelecidos aos bibliotecários estão em suas atividades no ambiente de trabalho, sendo sua principal função como profissional a recolocação de livros nas estantes. Essa representação social atribuída à profissão baixo status social, uma vez que associada ao espaço doméstico a que as mulheres sempre estiveram submetidas. A fim de exemplificar o impacto desse aspecto visual, as autoras analisam o resultado de uma pesquisa realizada em 2007 no buscador Fotosearch (Figura 12).

Figura 12 - Imagem dos Bibliotecários



Fonte: WALTER; BATISTA, 2007.

Para Walter e Batista (2007) as imagens recuperadas já reforçavam os estereótipos de bibliotecários como profissionais associados ao sexo feminino e, mesmo quando mostram jovens, como na figura da “bibliotecária jovem organizando”, apresenta uma função que normalmente não é executada pelos bibliotecários, mas sim pelos auxiliares de bibliotecas, que é a de recolocação de material nas estantes. Acerca da atividade de recolocação de livros nas estantes, as autoras corroboram a crítica de Weihs (2005), a qual remete a essa percepção equivocada que acompanha bibliotecários em diversos livros, confundindo essa atividade como sendo uma das atribuições dos bibliotecários. “Muitos autores dos livros que li acreditavam que as pessoas que carregavam e descarregavam livros das estantes de circulação eram bibliotecários – uma percepção comum do público[...]” (WEIHS, 2005, p. 6 apud WALTER; BATISTA, 2007, p. 31).

Complementando a ideia de Weihs (2005), outra percepção sobre mulheres bibliotecárias descritas na literatura se revelam em forma de fetiche. Após algumas revisões e leituras sobre as bibliotecárias enquanto personagens principais nos enredos literários pôde-se observar que os autores tem uma tendência para o apelo sensual da imagem do bibliotecário, sendo mais específica a imagem da bibliotecária.

Com a febre crescente pelos livros "new adult" alguns autores tem usado e abusado da fetichização que acerca a profissão. A ideia da bibliotecária sempre recatada no seu perfeito coque, e suas roupas discretas, tem feito a fantasia de muitos leitores. A exemplo disso, o

livro “A Bibliotecária” (2013) da autora Logan Belle apresenta a personagem como uma jovem bibliotecária que chega para trabalhar na Biblioteca Pública de Nova York. Até então uma jovem inocente, que se envolve em um romance extremamente quente com um dos mais importantes investidores da Instituição, o homem mais cobiçado da cidade. Esse envolvimento que tem muitas cenas protagonizadas dentro da biblioteca, não é o único.

No livro “Bem Profundo” (2012), a autora Portia da Costa, escolhe uma bibliotecária para viver a sua personagem principal, a trama se desenvolve quando a bibliotecária divorciada misteriosamente começa a receber bilhetes "provocantes" de um admirador. Mas ao mesmo tempo se envolve com um professor universitário que frequentemente tem visitado a biblioteca fazendo pesquisas para seu novo livro.

Outro livro ainda nesse gênero é “Eu Só Tenho Olhos Para Você” (2013) da série Sullivans. A autora Bella André, que além de apresentar mais um romance apimentado, traz ainda outra concepção desse profissional. Geralmente essas bibliotecárias são financeiramente desfavorecidas em relação aos demais personagens. Neste caso, Sophia, irmã gêmea de uma coreógrafa bem sucedida, possui ainda mais seis irmãos com diferentes profissões. Ela é bibliotecária e é a única que não desfruta de grandes posses, e uma posição privilegiada de status. Bem como nos livros do autor Nicholas Sparks, “O Milagre” (2005) e “À Primeira Vista” (2012) que deixa de lado o erotismo e aborda um romance mais trágico, não afasta a concepção de que a profissão pode sim dar status e condições financeiras mais satisfatórias. Os livros são uma sequência e contam a história da bibliotecária Lexie, que vive em uma pequena cidade e se contenta em trabalhar na Biblioteca Municipal, sem grandes ambições, vivendo de forma modesta e até mesmo apagada.

Nestes cinco exemplos de livros, é possível observar a imagem de uma bibliotecária que simboliza erotismo e fetiche, ou então apresenta como uma profissão sem grandes impactos na sociedade. E apesar de ser apenas uma literatura, não foram encontrados indícios do real fazer da profissão além do local de trabalho onde geralmente os personagens se conhecem, a biblioteca.

O fetichismo, enquanto conceito erótico, é definido como a associação do desejo ardente com a ideia de certas partes da pessoa feminina, ou certos artigos do vestuário feminino, onde o próprio fetiche (em vez da pessoa associada a ele) se torna objeto exclusivo de desejo sexual. [...] As roupas são fetiches no imaginário popular e ajudam a construir a imagem da mulher fetichizada (BOTTI, 2003). Nesse sentido, é possível compreender que a imagem da mulher bibliotecária fetichizada parte de uma construção construída

artificialmente pela sociedade para ser desejada e aceita enquanto objeto de desejo consumível.

Para além da literatura, esse fetiche também se mostra presente na indústria fonográfica. A conhecida banda de indie rock, My Morning Jacket, lançou em 2008 a música “Librarian” (Bibliotecária) que reflete e reafirma a mesma imagem encontrada nos livros.

[...]

Looking for a lesson
(Procurando uma lição)
In the periodicals,
(Nos periódicos)
There I spy you listening to the AM radio.
(Lá eu espiono você ouvir rádio AM).

[...]

It's not like you're not trying,
(Não é como se você não estivesse tentando)
With a pencil in your hair,
(Com um lápis em seu cabelo)
To defy the beauty the good Lord put in there
(Desafiar a beleza que o bom Deus colocou lá).

Simple little bookworm,
(Singela pequena leitora ávida)
Buried underneath
(Escondida sob)
Is the sexiest librarian.
(Está a bibliotecária mais sexy).
Take off those glasses and let down your hair for me.
(Tire esses óculos e solte o seu cabelo para mim).

So I watch you through the bookcase,
(Então eu vejo você através da estante)
Imagining a scene.
(Imaginando a cena)
You and I had dinner,
(Você e eu tínhamos um jantar)
Spending time when you sleep.
(Passando tempo enquanto você dorme)
And what can I say to you,
(E o que eu posso dizer para você)
Lying there in bed.
(Deitada na cama).
These words were the kiss I would play in your head.
(Estas palavras são o beijo que eu jogaria na sua cabeça).

What is it inside our heads
(O que é isso dentro de nossas cabeças)
That makes us do the opposite,
(Que nos obriga a fazer o oposto)

Makes us do the opposite
 (Faz-nos fazer o oposto)
 Of what's right for us.
 (Do que é certo para nós).

[...]

Simple little beauty,
 (De beleza pequena e simples)
 Heaven in your breath.
 (Paraíso em seu hálito)
 Simplest of pleasures
 (Dos prazeres mais simples)
 The world at its best.
 (Do mundo no seu melhor)

(JAMES, 2008, tradução nossa).

Com o propósito de listar alguns comentários, fatos, e apresentar as imagens que os bibliotecários transmitem, na era da Internet, alguns sites relatam e discutem essa questão dos estereótipos, como o “Woman of library history”¹⁸ e “You don't look like a librarian”¹⁹. Em relação a este último, foi feito um estudo por Kneal (2004) a fim de identificar a imagem do profissional bibliotecário, em meio aos anúncios, simpáticos ou depreciativos, acerca de sua figura representativa na sociedade.

Kneal (2004 apud WALTER; BATISTA, 2007) comenta que a preocupação com a visão das pessoas acerca dos profissionais é importante, pois os empregadores veem nessa perspectiva o quanto a profissão é valorizada socialmente, ou não, e o quanto os profissionais devem receber de remuneração. O autor indica o anúncio da figura 13 que apresenta a possibilidade de aquisição de uma “boneca bibliotecária”. “Mesmo considerando-se que essa boneca foi feita baseada em uma profissional com essas características, sua possibilidade de mover os braços para fazer o sinal de silêncio igualmente reforça a percepção de barreira que os usuários podem sentir em relação aos profissionais” (WALTER; BATISTA, 2007, p. 31).

¹⁸ Ver. <http://womenoflibraryhistory.tumblr.com/>

¹⁹ Ver. <http://www.librarian-image.net/>

Figura 13 - Boneca bibliotecária



Fonte: WALTER; BATISTA, 2007.

O estudo de Bederidge et al. (2011) analisou algumas características dos bibliotecários nos Estados Unidos da América de 1880 até 2009. Sobre a idade, os autores concluíram que 64% dos bibliotecários iniciam suas atividades com 45 anos ou mais, e 40% deles menos de 55 anos. Afirmam que a população bibliotecária envelheceu nas últimas duas décadas. Em 1950 e 1990, apenas 42% dos bibliotecários tinham 45 anos ou mais, mas em 2000, 64% tinham pelo menos 45 anos de idade. Esses dados poderiam indicar a associação do estereótipo bibliotecário a pessoas, em geral, mais velhas em virtude da realidade. Mas afasta maiores explicações acerca dos estereótipos fetichizados sobre as mulheres bibliotecárias.

As questões relacionadas ao estereótipo de gênero bem como a imagem negativa das bibliotecárias preconizada pela sociedade são também identificadas por Lima e Almeida Júnior (1998), em seu livro “Bibliotecas e Bibliotecários: situações insólitas ou crônicas bem-humoradas da Biblioteconomia aplicadas a outras profissões desprestigiadas”. Como objeto de análise, os autores utilizam textos publicados na imprensa escrita, revistas ou jornais de circulação nacional, para saber como bibliotecas e bibliotecárias eram retratadas nesses veículos. Embora o tom da narrativa seja de bom humor por parte dos autores, o livro denuncia com seriedade a forma preconceituosa e ultrapassada como as pessoas reconhecem e

retratam a figura da bibliotecária e da instituição biblioteca, demonstrando, assim, falta de conhecimento da importância da biblioteca e da prática bibliotecária.

A análise de Lima e Almeida Júnior (1998) aponta que a imprensa continua a caracterizar a bibliotecária como boa moça, bem-comportada, delicada e zelosa ou ridicularizada como velha gagá, com eternos óculos de grau na ponta do nariz ou ainda se valorizam outros atributos em detrimento da profissão que deveria ser bem mais relevante. “Na verdade, a delicadeza, o zelo e a minúcia são qualidades de uma tipificação bibliotecária que cai no desuso. Seja pela ação compulsória da aposentadoria ou pelos tempos modernos da informática.” (LIMA; ALMEIDA JÚNIOR, 1998, p. 84). De acordo com o argumento dos autores, algumas características pelas quais as bibliotecárias ainda são percebidas e retratadas na imprensa não são nada comuns às atuais bibliotecárias, apesar de ainda serem elementos erroneamente usados para caracterizá-las.

No mesmo sentido de identificar a imagem da bibliotecária, Soares e Freire (2005) realizaram um estudo que se dispõe a analisar quatro filmes: “O óleo de Lorenzo”, “A múmia”, “Pagemaster - o mestre da fantasia”, e “O último portal”. Foram identificados quatro tipos característicos dessa profissional, dos quais foram sintetizados por Sousa (2014):

No primeiro, “O óleo de Lorenzo”, a bibliotecária foi descrita como uma pessoa amável, solícita, cujo aspecto físico é de uma senhora de estatura mediana, peso um pouco além da média, feições alegres, vestida de forma elegante, porém com sobriedade, cabelos presos num coque, maquiagem suave. No segundo, “A múmia”, a bibliotecária era portadora de um conhecimento interdisciplinar e tinha formação em Arqueologia, detendo uma gama de conhecimentos das escritas egípcias e hieroglíficas e, ainda, em escritura hierática. Mas, sua descrição física revela a imagem preconcebida que continua arraigada na sociedade: alta, magra, com cabelos presos num coque, usa óculos, que dão a impressão de estarem sempre prestes a cair. No filme “Pagemaster – o mestre da fantasia”, a figura do bibliotecário é de um velho estranho e desalinhado: senhor idoso, de olhos expressivos, barba, cabelos e bigodes brancos desarrumados, roupas sóbrias. No caso do filme, “O último portal”, o personagem no papel de bibliotecário é um amante dos livros, principalmente das obras raras [...] (SOUSA, 2014, p 97).

As imagens fisicamente reveladas por esta síntese demarcam a forma como os estereótipos deformam o profissional bibliotecário, descrevendo características não mais condizentes com a realidade atual desses profissionais, mas correspondendo à forma como a sociedade enxerga a profissão.

3.5 ESTEREÓTIPO DE GÊNERO DA MULHER BIBLIOTECÁRIA: STATUS E ESTIGMATIZAÇÃO NA WEB

Radford e Radford (1997 apud WALTER e BAPTISTA, 2007, p. 33) destacam que a imagem que se tem de mulheres bibliotecárias pode ser um fator que está além dos estereótipos, podendo estar associada a poder, conhecimento e medo. O poder relacionado ao domínio da coleção, o conhecimento ligado ao domínio do ambiente onde este se coleciona e o medo do usuário que busca a informação de parecer pouco inteligente para os profissionais da biblioteca. Portanto, o estigma negativo atribuído aos profissionais bibliotecários seria uma forma de lidar com os elementos anteriormente citados.

Uma hipótese para compreender esse fenômeno que afeta o imaginário popular com relação à figura dessa profissional seria a informação consumida, seja na literatura, seja na música ou mesmo na própria internet, que no século XXI é uma das principais fontes de consumo de informação. Em vista disso, a fim de comprovar a existência e a persistência de tais estereótipos nos dias atuais, foi feita uma pesquisa que objetivou analisar o estereótipo de gênero da mulher bibliotecária por meio da identificação de imagens pesquisadas por usuários da web.

Nesta pesquisa de abordagem metodológica exploratória e qualitativa, a coleta de dados foi realizada nos buscadores Google Imagens e Yahoo Imagens. Para desviar dos vieses causados pelos filtros invisíveis, que causam a denominada bolha informacional, presentes nos buscadores da web, a busca foi feita por uma amostra de cinco graduandos de universidades federais, um de cada região do país (APÊNDICE A). A seleção foi realizada através da técnica de amostragem bola de neve, iniciando na região sudeste.

O termo utilizado para a busca foi “bibliotecária”. Foram recebidas para análise todas as imagens encontradas na primeira página de cada buscador (APÊNDICE B). A análise das imagens foi baseada no método de análise temática a partir do discurso identificado na literatura para o estereótipo de gênero sobre a mulher bibliotecária.

Em média, mais de um terço das imagens encontradas representam estereótipos de mulheres bibliotecárias.

As imagens variam pouco em cada uma das 10 buscas, mas, ainda assim, há uma variação. Há poucas imagens que aparecem em todas as buscas. No entanto, a maioria das imagens que se repetem demonstram os estereótipos, a exemplo das figuras 14 e 15 que bastante os caracteriza.

Figura 14 – Estereótipo 2: imagem da bibliotecária velha, ranzinza e carrancuda



Fonte: Google Imagens, 2017.

As imagens encontradas ilustram os estereótipos mais adotados em relação à mulher bibliotecária, sendo em primeiro lugar o da bibliotecária balzaquiana, *sexy* e provocativa, que atende a fetichização simbólica imposta à sua figura feminina (estereótipo 1); em segundo lugar, aparece o estereótipo da bibliotecária velha, ranzinza e carrancuda (estereótipo 2).

Figura 15 – Estereótipo 1: imagem da bibliotecária jovem, *sexy* e provocativa



Fonte: Yahoo Imagens, 2017.

Quadro 3 – Identificação dos estereótipos sobre resultados da pesquisa regional no Google
Imagens

	SUL	SUDESTE	CENTRO- OESTE	NORTE	NORDESTE
Total de Imagens	38	54	22	10	21
Estereótipo 1	8	14	5	2	2
Estereótipo 2	3	6	3	2	5

Fonte: A autora.

No primeiro quadro, os resultados demonstram que a bibliotecária balzaquiana, *sexy* e provocativa (estereótipo 1) corresponde a 21,37% dos resultados encontrados totais no buscador, enquanto a bibliotecária velha, ranzinza e carrancuda (estereótipo 2) corresponde 13,10%.

Quadro 4 – Identificação dos estereótipos sobre os resultados da pesquisa regional no Yahoo
Imagens

	SUL	SUDESTE	CENTRO- OESTE	NORTE	NORDESTE
Total de Imagens	44	65	15	20	22
Estereótipo 1	8	13	4	4	3
Estereótipo 2	6	13	4	3	4

Fonte: A autora.

No segundo quadro, os resultados demonstram que a bibliotecária balzaquiana, *sexy* e provocativa (estereótipo 1) corresponde a 19,27% dos resultados encontrados totais no buscador, enquanto a bibliotecária velha, ranzinza e carrancuda (estereótipo 2) corresponde 18,07%.

Vale notar que os números dos estereótipos encontrados possuem pouca variação, sendo nas regiões sudeste e centro-oeste a mesma quantidade para o estereótipo 1 e estereótipo 2.

As imagens encontradas reforçam os estereótipos de gênero da bibliotecária abordados na fundamentação teórica, apontados por Walter e Batista (2007), que são: a mulher velha, “solteirona” e mau humorada; e a mulher jovem e hipersexualizada.

Percebe-se que de qualquer uma das perspectivas há uma valorização do corpo para criação de significado do ser mulher e bibliotecária. O fato do estereótipo da bibliotecária *sexy* ser maior do que o da bibliotecária velha e mau humorada nas imagens pode indicar uma sociedade que se mantém machista, pornográfica, que objetifica a mulher.

Em uma perspectiva mais direcionada aos usuários de uma rede social, pôde-se observar algumas reações relacionadas à representatividade do estereótipo da mulher bibliotecária. A página “Mural Interativo do Bibliotecário”, que possui atualmente 12.338 seguidores, questionou em uma publicação de setembro de 2017 a quem representaria o modelo da boneca bibliotecária (Figura 16).

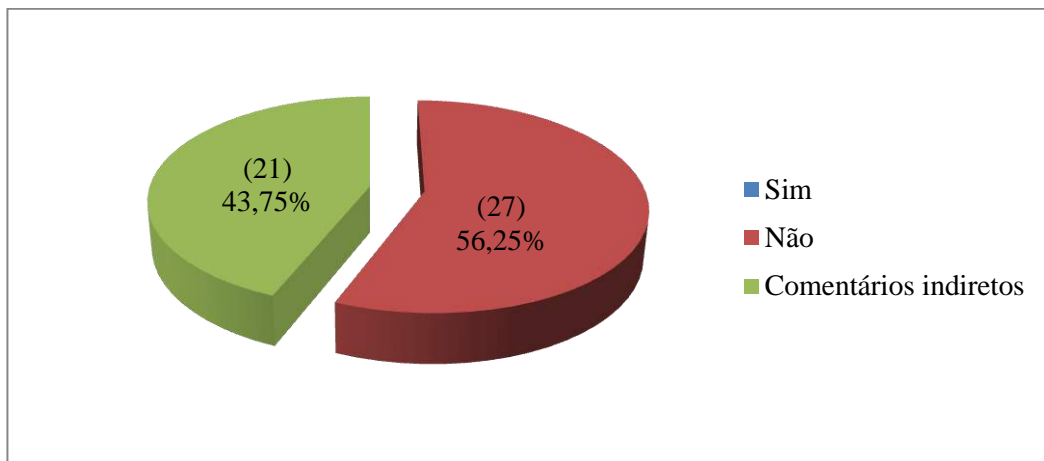
Figura 16 - Publicação em rede social sobre a representatividade da boneca bibliotecária



Fonte: Mural Interativo do Bibliotecário, 2017.

A publicação teve, até o presente momento, 189 reações, 8 compartilhamentos e 76 comentários. Ao analisar os comentários da publicação pôde-se notar que 48 deles foram feitos por mulheres, potenciais bibliotecárias ou estudantes de Biblioteconomia, e 7 comentários feitos por homens, também potenciais bibliotecários ou estudantes de Biblioteconomia, os demais 21 comentários foram respostas do administrador da página. Nos 48 comentários feitos por mulheres, mais da metade respondeu que o estereótipo apresentado pela boneca bibliotecária não as representava, os demais comentários não responderam diretamente a pergunta feita na publicação.

Figura 17 - Respostas de mulheres que se sentem representadas pela boneca bibliotecária na publicação em outubro de 2017.



Fonte: A autora.

Nenhuma das mulheres que comentaram respondeu que se sente representada pelo estereótipo vendido na forma de boneca bibliotecária. Entre os comentários indiretos, pode-se observar sugestões de novos produtos com os variados perfis dos bibliotecários do século XXI. Outra sugestão entre os comentários indiretos foi que a transformação ou diversificação desse estereótipo poderia ser fomentada a partir do Conselho Federal de Biblioteconomia. É curioso notar que entre os comentários feitos por homens também foram apontados estereótipos negativos sobre a imagem masculina na profissão, o que pode demonstrar que a representação social do bibliotecário ainda se encontra afetada por uma mentalidade irrestrita ao sexo do profissional que opta por esta área.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com o intuito de investigar os estereótipos de gênero na Biblioteconomia, sob a percepção das bibliotecárias, a metodologia foi desenvolvida por meio de entrevista semiestruturada (APÊNDICE D) com essas profissionais. O delineamento da investigação se deu por meio de pesquisa empírica, tendo embasamento teórico fontes bibliográficas. Trata-se, portanto, de um estudo com abordagem qualitativa, de caráter descritivo, visto que se propõe a descrever determinado fenômeno social (GIL, 2008).

As fontes bibliográficas, além de darem suporte para a elaboração do referencial teórico, serviram também para a construção dos resultados. Por meio da bibliografia existente acerca do objeto de estudo, foi possível fundamentar as percepções obtidas pelos resultados da coleta de dados, o que viria a contribuir para uma visão mais ampla, próxima e compreensiva do olhar das mulheres bibliotecárias. Para a busca desta bibliografia, foram utilizados como principais fontes de busca a Base de Dados de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), a Library and Information Science Abstracts (LISA), a Web of Science, o Portal de Periódicos da Capes, a Scielo e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do IBICT, utilizando as palavras-chave “Gênero”, “Biblioteconomia”, “estereótipo de gênero”, “bibliotecária”, “mulher bibliotecária”, “auto-imagem do bibliotecário”, entre outros, e a busca por referências nos próprios textos utilizados e no portal Women & Gender Studies Section (WGSS) da Association of College & Research Libraries (ACRL) vinculado à American Library Association (ALA).

Determinou-se que, para a etapa empírica, a coleta de dados se daria por meio de entrevista individual semiestruturada. Considerou-se esta como a mais adequada para o estudo, visto que proporciona ao entrevistador melhor entendimento e captação da perspectiva dos entrevistados, pois as entrevistas livres, ou seja, totalmente sem estrutura, onde os participantes da pesquisa falam livremente, “resultam num acúmulo de informações difíceis de analisar que, muitas vezes, não oferecem visão clara da perspectiva do entrevistado” (ROESCH, 1999, p. 159). Segundo Gil (2008, p. 109), neste tipo de coleta de dados “[...] uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação”. E, para este caso, as mulheres bibliotecárias inseridas em instituições de pesquisa atuando como fonte de informação foram fundamentais para uma construção mais fidedigna do fenômeno estudado. Além disso, as entrevistas possibilitaram alcançar uma variedade de impressões e percepções que as bibliotecárias possuem em relação às variáveis do estudo.

Para a análise dos dados utilizou-se a análise de conteúdo que, segundo Bardin (1977), é um conjunto de instrumentos metodológicos em constante aperfeiçoamento que se presta a analisar diferentes fontes de conteúdos (verbais ou não-verbais) e que se aplicam a discursos diversificados, principalmente na área das Ciências Sociais. Para a temática de Gênero este seria o método mais apropriado por algumas razões. Em primeiro lugar, porque busca-se conhecer um evento específico que faz parte da realidade profissional dos sujeitos da pesquisa e, em segundo, porque busca-se, principalmente, aprofundar aspectos sobre determinada realidade visando à inferência por meio da identificação objetiva de características das mensagens²⁰.

Para a realização da pesquisa, o primeiro passo foi definir e reconhecer o ambiente da pesquisa, ou seja, a concentração da RBP. Intencional e previamente, buscou-se identificar o local da reunião mais próxima ao segundo semestre de 2017. Para tanto, foi feito o contato com a coordenação desta Rede, que não indicou previsão e local. Dessa forma, ficou decidido que o campo de coleta de dados seriam as sedes das instituições às quais as bibliotecas pertenciam. Pretendia-se, idealmente, que todas as entrevistas fossem realizadas presencialmente com todas as bibliotecárias da RBP. Contudo, em vista da questão de acessibilidade, pois não foi marcada uma reunião a tempo de coletar os dados para a pesquisa, as entrevistas presenciais ocorreram somente com as instituições alocadas no Rio de Janeiro. Para as demais, foram apresentadas como opção entrevista via chamada de vídeo ou via e-mail.

A população da pesquisa são mulheres bibliotecárias de bibliotecas de pesquisa do Brasil. A amostra desta população são mulheres bibliotecárias-chefes pertencentes à RBP do MCTIC. Inicialmente, esperava-se uma amostra correspondente ao número de bibliotecas. No entanto, das dezessete bibliotecas das unidades de pesquisa, atualmente, três não contam com profissional de Biblioteconomia e quatro, de demais regiões, não responderam ao contato por e-mail e telefone, restando nove bibliotecárias participantes da pesquisa das seguintes instituições: FINEP, MAST, ON, CETEM, INT, CBPF, CNEN, LNCC e IBICT.

As entrevistas foram gravadas. A análise dos dados e o processamento dos mesmos também envolveu a transcrição, a conferência e a organização dos dados. Vale frisar que como assegurado pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que as bibliotecárias assinaram (APÊNDICE C), a sua identidade e de suas respectivas instituições foi preservada

²⁰ Segundo Bardin (1977), a análise de conteúdo é organizada em três fases: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Esta última, consiste em captar os conteúdos manifestos e latentes contidos em todo o material coletado.

neste trabalho. Todavia, uma das bibliotecárias participantes, também presidente do Conselho Regional de Biblioteconomia do Rio de Janeiro (CRB-7), autorizou a divulgação desta informação adicional na descrição de seu depoimento.

4.1 A Rede de Bibliotecas de Pesquisa

Criada no início de 2009, a RBP do MCTIC do Brasil, é uma iniciativa pioneira para ampliar os esforços em direção ao acesso e à disseminação do conhecimento científico e tecnológico nacional. A coordenação da Rede é do IBICT cuja missão é promover a competência e o desenvolvimento de recursos de informação em Ciência e Tecnologia para atender às demandas e os novos desafios científicos e tecnológicos colocados pela sociedade do conhecimento (REDE DE BIBLIOTECAS DAS UNIDADES DE PESQUISA DO MCTI, 2016).

Neste ano, a RBP conta com dezessete bibliotecas de instituições vinculadas, são elas: Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF), Centro de Tecnologia Mineral (CETEM), Centro de Tecnologias Estratégicas do Nordeste (CETENE), Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN), Centro de Tecnologia da Informação Renato Archer (CTI), Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), Instituto Nacional do Semiárido (INSA), Instituto Nacional de Tecnologia (INT), Laboratório Nacional de Astrofísica (LNA), Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC), Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), Observatório Nacional (ON) e Rede Nacional de Ensino Superior (RNP).

A Rede promove duas reuniões por ano em umas das instituições vinculadas. Cada reunião tem suas atividades distribuídas em três dias. Os dois primeiros dias são direcionados apenas aos profissionais das instituições. Em geral, o primeiro dia de reuniões são capacitações ou introduções sobre a temática central da reunião que é escolhida previamente pela coordenação do IBICT em consonância com as demais instituições. No segundo dia, são elaboradas metas, indicadores, propostas, objetivos e projetos da RBP. Já o terceiro dia conta com um seminário sobre a temática, aberto ao público e com palestrantes que trabalham com a temática da informação para a Ciência, Tecnologia e Inovação.

Por ser um espaço de prestígio de bibliotecas situadas na esfera pública que atendem, essencialmente, demandas informacionais de áreas desprivilegiadas para mulheres, das quais

os cargos de topo nas respectivas instituições são ocupados por homens (Quadro 5), a RBP aparece como um lugar propício para o desenvolvimento desta pesquisa.

Quadro 5 – Ocupação por sexo da Diretoria/Presidência das Instituições das bibliotecas da RBP em 2017²¹

Instituição	Homens	Mulheres
CBPF	X	
CETEM	X	
CETENE	X	
CNEN	X	
CTI	X	
FINEP	X	
IBICT		X
INPA	X	
INPE	X	
INSA	X	
INT	X	
LNA	X	
LNCC	X	
MAST		X
MPEG	X	
ON	X	
RNP	X	

Fonte: A autora.

²¹ Os dados coletados foram extraídos da estrutura organizacional dos sites oficiais de cada instituição disponíveis na web em setembro de 2017. Segundo a análise desses dados, verificou-se que os homens representam 88,23% dos principais cargos nas instituições (Diretoria Geral/Presidência) as quais as bibliotecas da RBP pertencem, enquanto apenas 11,77% destes são ocupados por mulheres.

5 IMPACTOS CAUSADOS PELO ESTEREÓTIPO DE GÊNERO NA MULHER BIBLIOTECÁRIA DO SÉCULO XXI NO BRASIL

No Brasil, apesar das mulheres atuarem em algumas áreas de influência, exercerem papéis relevantes e terem contribuído nas decisões para a construção do país²², até pouco tempo atrás era parca a atenção que se dava para as atividades de mulheres brasileiras. É possível observar que em diferentes textos historiográficos a presença destas mostra-se marginal mediante a dimensão de suas participações nas narrativas que deveriam ser devidamente relatadas²³.

A maioria desses estudos coloca em discussão a imagem que se tinha da mulher até o século XIX, quando esta era identificada – e identificava-se como 'pária' da sociedade, condição que serviu para construir a imagem da "diferença" e da "exclusão", constitutiva da consciência-identidade feminina neste século (CUNHA, 2008, p. 143).

Para Santos (2016), a sociedade da informação apresenta-se atualmente como um novo modelo em construção no século XXI e, nela, as inovações de uma nova cultura que vinha sendo gestada, segundo Tapias (2006), irá dos modos e das relações de produção às experiências e valores em torno dos quais grupos e indivíduos constroem suas identidades.

Nos últimos anos, as discussões em torno da temática do gênero ganharam certa visibilidade e pôde-se observar uma mudança de perspectiva, no qual o foco deixa de ser as relações de gênero intrínsecas da área para um olhar macro e social, buscando verificar como os bibliotecários e bibliotecas podem atuar na socialização de informações que combatam a desinformação e preconceitos relativos a gênero e orientação sexual (TREVISOL NETO, 2016).

Sobre os estereótipos de gênero, D'Amorim (1988) explica que estes incluem características físicas e psicológicas, comportamentos e ocupações consideradas tradicionalmente como masculinas ou femininas. Os resultados de sua pesquisa apontaram as profissões de arquiteto, corretor, dentista, químico e vendedor como masculinas e as de enfermeiro, professor, psicólogo, secretário, bibliotecário e telefonista como femininas. A pesquisadora verificou a percepção dos sujeitos sobre o gênero das profissões.

Em outro estudo, D'Amorim (1997) aponta, ainda, que a temática dos estereótipos de

²² BRASIL. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. **As pioneiras da Ciência do Brasil**. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <<http://cnpq.br/pioneiras-da-ciencia-do-brasil>>. Acesso em: 12 set. 2017.

²³ Ver. HAHNER, J. E. **Emancipação do sexo feminino: luta pelos direitos da mulher no Brasil. 1850-1940**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2003. 24 p.

gênero e das atitudes relacionadas à sexualidade está basicamente ligada à atribuição de papéis sexuais. Segundo a autora, no início do século XX, a situação criada pelas duas guerras europeias forçaram as mulheres a enfrentarem novos papéis, substituindo os homens em diversos trabalhos, muitos dos quais nunca antes por elas realizados, o que poderia levar a mudanças nos estereótipos dos papéis femininos. No entanto, pesquisas realizadas na segunda parte do século e até bem recentes mostram a permanência do estereótipo feminino ligado à expressividade e dos homens à instrumentalidade (D'AMORIM, 1997).

A noção de que as oposições e/ou correlações negativas entre masculino e feminino são aprendidas por meio dos estereótipos de gênero vigentes em uma dada cultura (DEAUX; LAFRANCE, 1998). Observa-se que as crianças gradativamente aprendem a opor atributos masculinos e femininos à medida que incorporam os valores e crenças transmitidos em casa, na escola, na TV, nos livros infantis e agora na internet, que, diga-se de passagem, é uma fonte inesgotável de reforços, bem humorados ou não, das representações mais extremadas que uma sociedade pode criar sobre os sexos (WANG, 2004).

As tensões entre os estereótipos tradicionais e os novos estereótipos impostos sobre a mulher bibliotecária são também representadas em diversas personagens do cinema, do teatro, da programação televisiva, da literatura e até da música, como apresentados na seção anterior. É provável que mesmo as imagens mais caricaturadas, recheadas de exagero, contenham características ainda presentes em muitas mulheres bibliotecárias, jovens ou idosas. Ou seja, ainda que algumas mulheres transitem livremente em um mundo repleto de novas possibilidades identitárias dentro e/ou fora da Biblioteconomia, outras talvez vejam-se, de fato, perplexas diante da necessidade de desempenhar papéis menos tradicionais em que o exercício pleno da profissão requer, como a capacitação de usuários. Afinal, a sociedade da informação exige um aprimoramento contínuo das competências que, possivelmente, a bibliotecária impactada por algum desses estereótipos sinta-se inabilitada ou receosa a exercer, como o contato direto com usuário. Para estas, a partir do lugar de mulher bibliotecária e, sobretudo, chefe, deverá exigir algumas batalhas contra clichês e estereótipos que aprisionam tantas mulheres ao longo de boa parte da história da humanidade.

Nesta parte da pesquisa serão apresentadas as perguntas que formam a entrevista deste trabalho (APÊNDICE D), para assim, por meio de categorias, todas as perguntas e respostas serem analisadas. Para a realização desta análise, as perguntas foram agrupadas em duas grandes categorias, sendo a primeira a identificação da participante e, a segunda, perguntas sobre a profissão. Para esta última, foi feita uma divisão em 4 subcategorias, derivadas das

próprias perguntas, foram formadas para que assim, possa ser realizada a análise do conteúdo com suas perguntas e respectivas respostas.

5.1 IDENTIFICAÇÃO DAS PARTICIPANTES

Todos os dados que compõem a primeira parte da entrevista foram organizados em um único quadro, mostrando, assim, o panorama geral acerca dos sujeitos desta pesquisa. Pelos dados coletados a partir da faixa etária das informantes, é possível perceber que não há grandes variações, fato que limitou a maior riqueza interpretativa de uma diversidade de mulheres bibliotecárias.

Quadro 6 - Caracterização geral das entrevistadas

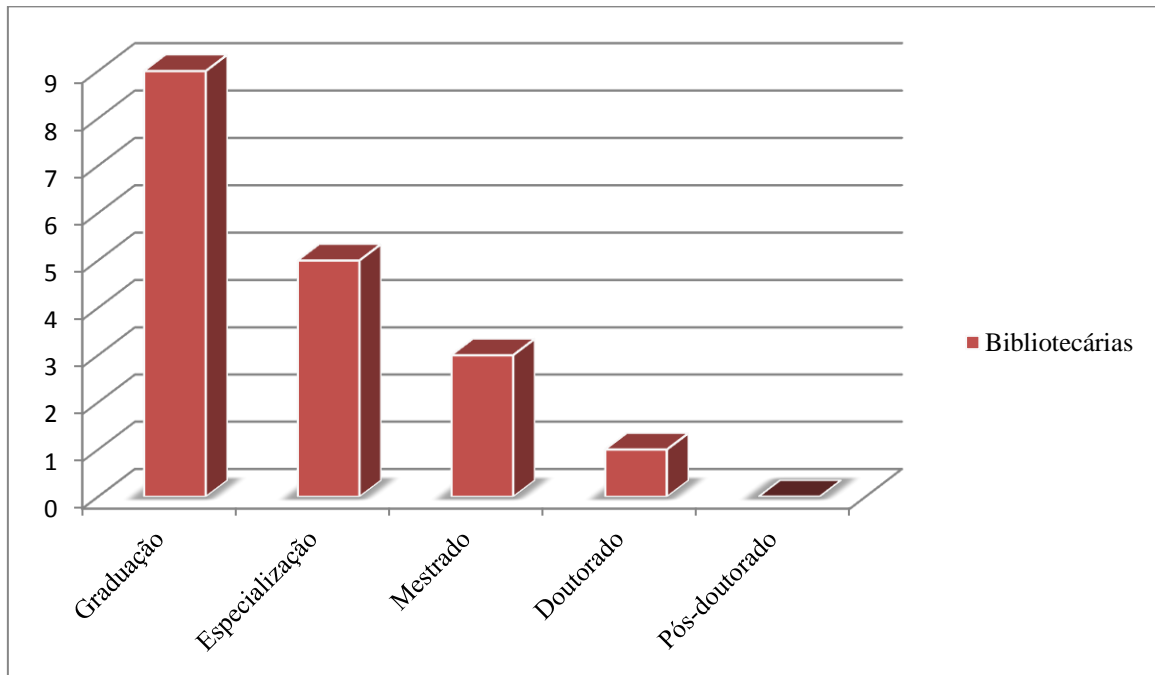
Identif.	Formação Acadêmica	Faixa etária	Filhos	Tempo/profissão	Bibliotecária-chefe
S1	Especialização	+45	Sim	38 anos	Sim
S2	Mestrado	+45	Sim	28 anos	Sim
S3	Especialização	+45	Sim	40 anos	Sim
S4	Mestrado	+45	Sim	35 anos	Sim
S5	Especialização	+45	Sim	40 anos	Sim
S6	Doutorado	+45	Sim	40 anos	Sim
S7	Especialização	+45	Sim	42 anos	Sim
S8	Especialização	+45	Sim	41 anos	Sim
S9	Mestrado	30-45	Não	7 anos	Sim

Fonte: A autora.

Esta parte da entrevista consiste em cinco perguntas fechadas a fim de identificar as informantes da pesquisa realizada. São estas: 1) Formação acadêmica; 2) Faixa etária; 3) Tem filhos?; 4) Há quanto tempo você é bibliotecária?; 5) É bibliotecária-chefe?

Em relação à primeira pergunta de identificação sobre a formação acadêmica, 5 bibliotecárias afirmaram possuir especialização, 3 que possuem mestrado e apenas uma possui doutorado (Figura 18). Na segunda pergunta de identificação relacionada à idade, 8 bibliotecárias responderam ter mais de 45 anos e apenas 1 menos de 30.

Figura 18 – Bibliotecárias por formação acadêmica



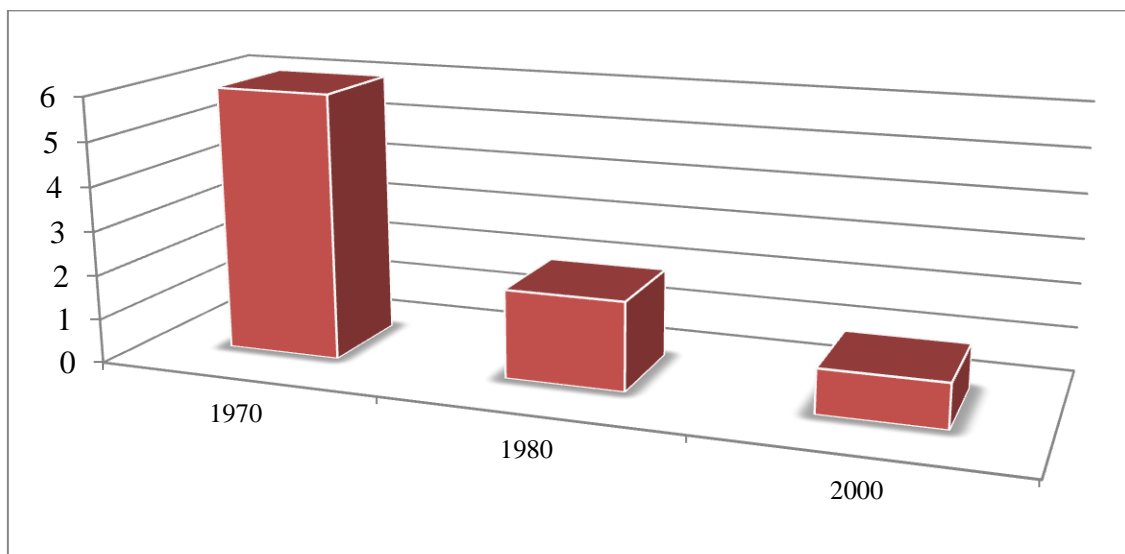
Fonte: A autora.

A terceira pergunta de identificação relacionada à maternidade, 8 bibliotecárias responderam que têm filhos e apenas 1 não tem. Essa pergunta foi formulada pensando as múltiplas jornadas de trabalho exercidas por mulheres, dentro e fora do ambiente doméstico. Dessa forma, foi possível verificar que a única bibliotecária que não possui filhos é a mais nova das entrevistadas. Vale salientar que incumbência maternal foi uma das justificativas para a descontinuidade da formação acadêmica de uma das informantes:

S7 - Eu acho que é essencial que o bibliotecário se mantenha sempre atualizado, continue estudando e se especializando nas áreas afins da sua Instituição. [...]Eu gostaria de ter tido tempo para fazer um mestrado, mas aí vem marido, vêm filhos e fica mais complicado, né?

Na quarta pergunta de identificação relacionada ao tempo de exercício da profissão, 1 bibliotecária respondeu que exerce a profissão há 42 anos, 1 respondeu há 41 anos, 3 bibliotecárias responderam há 40 anos, 1 respondeu há 38 anos, 1 respondeu há 35 anos, 1 respondeu há 28 anos e 1 há sete anos.

Figura 19 – Bibliotecárias por década de formação



Fonte: A autora.

Na quinta pergunta de identificação relacionada ao cargo dentro da biblioteca, todas responderam que são bibliotecárias-chefes ou estão à frente da biblioteca, mesmo não possuindo essa titulação.

5.2 PERGUNTAS SOBRE A PROFISSÃO

Abaixo são analisadas as perguntas abertas, às quais estão divididas em subcategorias provenientes das próprias perguntas, para que deste modo possam ser analisadas as subcategorias com suas respectivas respostas.

5.2.1 Interferência de gênero na profissão

Nesta categoria foi analisada a interferência de gênero na profissão de bibliotecária por meio de cinco perguntas. São estas: 1) Por que você escolheu essa profissão?; 2) A literatura mostra que o exercício da profissão requer algumas características, ainda, definidas como de mulher: zelo, dedicação, gentileza, entre outras. Você concorda ou discorda disso? Por quê?; 3) Teoricamente, os baixos status e prestígio na Biblioteconomia têm sido atribuídos à predominância de mulheres na profissão. O que você acha dessa afirmativa?; 6) Nos últimos tempos, pôde-se perceber um aumento de homens ingressando na Biblioteconomia. Em sua opinião, por que isso tem ocorrido e como você vê isso para profissão?; 10) Como você se

sente exercendo a profissão? Que desafios você tem enfrentado por exercer a profissão de bibliotecária?

A pergunta 1, referente a escolha da profissão, foi elaborada pensando-se a base dos modelos de carreira tradicional, usado até os anos de 1970 e moderno, vigente, bem como a sua influência sobre os indivíduos. Segundo Chanlat (1995), o termo “carreira profissional”, logrado a partir do século XIX, é utilizado para definir a trajetória de vida profissional que corresponde à soma de todos os cargos ou posições ocupadas por uma pessoa durante o exercício da profissão. Esta trajetória envolve uma série de estágios, eventos e transições vivenciadas por um indivíduo ao longo de sua vida de trabalho iniciando-se pela escolha da profissão. É importante frisar que mudanças no mundo do trabalho têm acompanhado esse termo e as interpretações que se fazem a partir dele.

Das entrevistadas, 55,56% responderam que a Biblioteconomia não foi a primeira opção de profissão, enquanto 44,44% afirmaram em seus relatos que escolheram seguir a carreira como primeira escolha. Os motivos mais citados para esta, foram: a) por uma recomendação de terceiros; b) por já trabalharem em uma área próxima à biblioteca; c) por ser uma profissão de meia jornada de trabalho; d) pelo exemplo profissional um bibliotecário; e) por incentivo da família e f) pelo gosto pela leitura.

Para Bruschini (2007) as escolhas profissionais estão relacionadas, principalmente, ao contexto histórico e ao ambiente sociocultural em que o indivíduo se insere. Tal premissa se confirma a partir dos seguintes relatos sobre os motivos que levaram as entrevistadas a escolherem a Biblioteconomia como profissão:

S6 – Eu escolhi porque o meu pai me disse que me daria a biblioteca toda dele caso eu me tornasse bibliotecária. Não foi por idealismo, foi porque realmente eu fui criada em uma família tradicional mineira, na qual a mulher foi criada para casar e ter filhos, não poderia ter uma profissão de horário integral, não poderia estudar o dia inteiro. Tive uma criação muito rígida. Então, para eu conseguir fazer um curso superior foi difícil, para ter esse consentimento da família. Mas, como eu ia ganhar uma biblioteca, eu fiz.

S1 – Porque eu achei que era interessante um trabalho investigativo de pesquisa em livros, sempre tive incentivo da família quando nova, gostava de ler, de ter um contato com pessoas. Então, eu achei que seria uma profissão que me daria uma visão de um pouco de tudo, de todas as áreas.

S4 – Eu escolhi essa profissão porque eu já trabalhava na área de informação aqui quando eu entrei na Instituição em 1977. Aí, fui conversando, fui gostando de trabalhar com os engenheiros. Me envolvi bastante com várias áreas do conhecimento, com os bibliotecários daqui e isso me encantou. [...] Na verdade, eu queria ter feito Medicina, mas por conta da família que eu assumi, por a minha mãe ter falecido logo que entrei aqui, eu queria saber tudo sobre a área de saúde. Mas para fazer medicina, eu teria que estudar o

dia todo, não podia ter compromisso com trabalho. Então, decidi fazer Biblioteconomia.

S5 - Eu tinha uma amiga que era bibliotecária há muito tempo. E, enquanto a gente estava conversando, ela falou comigo e com a irmã dela (que estávamos prestando vestibular): “por que vocês não fazem Biblioteconomia?”. Daí, nós duas fizemos, passamos e gostamos.

S7 - Nunca tinha imaginado ser bibliotecária. Quando eu tava vendo as profissões, no último ano do clássico, eu tive que fazer um trabalho sobre filosofia, daí eu fui na biblioteca de Copacabana e fui falar com a bibliotecária que eu queria fazer um trabalho de filosofia e ela me orientou muito, aí quando eu fui escolher eu me lembrei dela, pensei: “é isso que eu quero ser!”, aí fiquei apaixonada.

S8 - Meu tio era bibliotecário e me apaixonei pela profissão.

S9 - Fui parar no curso porque tinha um conhecido que tinha feito o curso (no caso foi a minha cunhada) e gostou. E me apaixonei pela profissão. Mas eu fiz o vestibular para Biblioteconomia sem saber do que se tratava.

Outros autores²⁴ compendiam a ideia de que a escolha de uma carreira recebe inicialmente a influência do ambiente sociocultural. Para Lent, Brown e Hackett (1994), o fato de ser homem ou mulher pode influenciar nos “modelos” de profissionais que são reforçados também pelo tipo de estímulo que é oferecido pelo ambiente desde a infância, como pode ser percebido pelo depoimento S6. Segundo a informante, ela teve um incentivo sugestivo à cultura do ambiente familiar e complementa:

S6 – Foi uma chantagem, né? Mas, no fim das contas, valeu a pena.

Ao problematizar a questão, é possível notar que o ingresso no curso, sem muito conhecimento acerca da profissão, não é um fato novo, sendo identificado na literatura da área desde os anos 1970, como afirma Andrade (1973, p. 173): “A escolha da profissão de bibliotecário deve-se mais a fatores secundários como menor duração de curso, influência de amigos, gosto pelos livros do que a uma decisão consciente, por vocação”. Fatores estes que também foram observados nos depoimentos. Pôde-se observar, além disso, que há interferência de gênero em alguns depoimentos de mulheres que demonstraram a Biblioteconomia como segundo plano de escolha profissional. Desse modo, nota-se que se encaminham para a Biblioteconomia por uma pressão a atender ao papel social da mulher imposto no ambiente familiar.

Na pergunta 2, quando questionadas se as características ditas femininas são reconhecidas como necessárias no exercício da profissão, a maioria das entrevistadas

²⁴ Ver. LENT, R. W.; BROWN, S. D.; HACKETT, G. Toward a unifying social cognitive theory of career and academic interest, choice and performance. **Journal of Vocational Behavior**, v. 45, p. 79-122, 1994.

disseram discordar que tais características como o zelo, a dedicação, a gentileza, etc., sejam exclusivamente femininas, mas afirmaram a importância delas na prática bibliotecária.

S5 – Eu discordo. Acho que não são características de mulher. Tem mulher que não tem nenhum zelo com nada, então isso aí para mim não tem nada a ver. Tivemos dois estagiários aqui que estavam fazendo Biblioteconomia e eram maravilhosos, excelentes, zelosos, atenciosos, sabiam tudo. Todos precisam ser atenciosos.

S7 – Discordo. Acho que tudo isso pode ser tanto pra homem quanto pra mulher, não é porque é mulher. Eu acho que o homem e a mulher podem fazer as coisas com zelo e dedicação, ser gentil. Deveriam ser princípios do ser humano.

S2 - Eu não concordo. Eu conheço bibliotecários homens que exercem a profissão que não existe nada que desabone, que precise de uma qualidade específica. Essas características são fundamentais aos bibliotecários.

S4 - Não acho que são de mulher, acho que isso não tem que ter classificação de gênero. Acho que tanto o homem quanto a mulher podem ser excelentes profissionais e devem possuir essas características de zelo, gentileza e dedicação tanto para a vida profissional quanto a vida pessoal.

Observa-se a partir dos depoimentos que essas características são mais associadas ao trabalho de atendimento com o público, sobretudo em alguns setores da biblioteca predominantemente femininos²⁵, como o citado setor de referência. Em demais questões da entrevista esse fato também foi observado. As respostas das depoentes que concordaram (S6 e S8), podem confirmar a tese da divisão sexual do trabalho.

S9 - Eu até concordo que a gente precisa ter alguma habilidade para lidar com público, principalmente no setor de referência, mas eu não associo isso ao fazer só da mulher não. Eu acho que de qualquer pessoa.

S1 - Eu concordo que precisa ter essas características, porque você precisa ter contato principalmente com o usuário. Mas não quer dizer que hoje os homens não estejam fazendo esse exercício de serem zelosos, de saber falar com as pessoas. Eu acho que está havendo uma transformação.

S3 - Eu não vejo que o zelo, a dedicação, a gentileza, sejam características simplesmente femininas. Eu acho que precisa ser de todo trabalhador, precisa estar presente em todos os gêneros, principalmente, na Biblioteconomia, porque você lida com o público né. Como você não vai ser gentil e zeloso? Isso vai afetar na frequência desse público.

S8 – Olha, eu julgo que zelo, dedicação, gentileza, devem ser características a serem exigidas em qualquer profissão, especialmente as que tenham contato com o público, e de pessoas de qualquer gênero, não é uma exclusividade de nossa profissão ou de qualquer outra. Mas entendo que as mulheres historicamente são mais assim mesmo.

S6 - Concordo. A Biblioteconomia essencialmente tem tarefas padronizadas como de mulher e que a mulher tem certas características que a define como

²⁵ Ver. OLINTO, G. Biblioteconomia como profissão feminina. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 18., 1997, São Luís. Anais... São Luis: CBBB, 1997.

diferente do homem. Todas essas características, eu concordo que são de mulher porque é a essência da sensibilidade feminina. Não adianta dizer que o homem é igual a mulher, porque não é. Realmente, o homem tem características que o fazem ter um nível de reação diferenciado do da mulher. Pode até haver um compartilhamento, mas essencialmente as mulheres desenvolvem o lado esquerdo do cérebro e os homens o lado direito.

Segundo O'Brien (1983) várias vezes as mulheres foram responsabilizadas pelo baixo prestígio da profissão. Basta lembrar o movimento que ocorreu nos Estados Unidos após a II Guerra Mundial, aventado pela Associação Americana de Bibliotecas (ALA), auxiliada por G.I Bill, campanha lançada com objetivo de recrutar bibliotecários do sexo masculino na tentativa de reforçar a imagem profissional, status e níveis salariais das bibliotecárias.

Outros autores (ALMEIDA JÚNIOR, 1993; SOUZA, 2006; entre outros) apontam as bibliotecárias como responsáveis pela desvalorização da profissão. Esses pesquisadores enfatizam alguns elementos como o comodismo, a falta de investimento na educação continuada e de motivação dessas profissionais para ampliar suas possibilidades de trabalho. Souza (2006, p. 28) faz a seguinte afirmação: “o que falta, talvez, para se ampliar a visibilidade [da profissão], é um esforço maior desses profissionais no sentido de se articularem e agirem com um projeto político consistente [...]”.

Sousa (2014) ressalta que a ideia de que a presença masculina eleva o *status* da profissão da profissão permanece. Em sua tese, 83,4% dos entrevistados consideraram que o aumento de homens ingressando na profissão poderia modificar a visão inferiorizada da Biblioteconomia. Em um dos depoimentos, o informante da pesquisa diz acreditar que os usuários vão ver o homem na profissão e vão enxergar diferentemente esse profissional e, na biblioteca escolar, as crianças terão contato, desde cedo, com bibliotecários homens e tirarão da mente, a visão da mulher de meia idade de coque no cabelo e de óculos. Isso pode revelar que, ainda hoje, os baixos status e prestígio na Biblioteconomia têm sido atribuídos à predominância de mulheres na profissão. A pergunta 3 foi formulada sob essa ótica.

Ao serem questionadas sobre tal atribuição, 66,7% das bibliotecárias entrevistadas responderam discordar da afirmativa, 22,2% acreditam que a afirmativa é verdadeira, embora não concorde com o fato, e 11,1% se não soube responder por desconhecer a afirmativa. Entre os depoimentos discordantes da afirmativa é possível perceber que o desprestígio da profissão é associado pelas bibliotecárias a: a) uma “crise de identidade permanente” no campo bibliotecário; b) baixa influência do profissional frente à sociedade; c) uma hierarquia que

vulnerabiliza o trabalho bibliotecário por não reconhecê-lo como importante e d) atuação desvinculadas à área fim da instituição.

S9 - Eu discordo da afirmativa, eu acho que a profissão tem uma, na minha época a gente chamava, "crise de identidade permanente". Primeiro, era crise porque o nome Biblioteconomia era feio. Depois era crise porque se associava só a biblioteconomia à Biblioteca, ao fazer da biblioteca, ao estereótipo do guardador de livros, da velha com óculos. E, eu sempre discordo de tudo isso.

S6 - Não acho isso, não. Existem outras profissões, essencialmente femininas que possuem bastante representatividade. A questão aí é a importância que o próprio profissional fez da sua profissão em relação à sociedade.

S7 - Eu não acho que é porque é mulher não, é porque é assim, corta alguma coisa, é biblioteca. A gente tem muito chefe em cima da gente, então você vê, eu tenho uma presidência aqui, depois eu tenho o departamento, que é o DGI, depois vem o CGTI, depois vem o CIN, pra chegar na biblioteca. Então eu acho que essa hierarquia é que deixa a gente muito vulnerável, entendeu?

S8 - Embora não tenha conhecimento desta afirmativa, acho incorreta. Creio que a falta de prestígio esteja relacionada ao fato de atuarmos em uma área que é meio nas instituições e não a área fim. - Para mim, as coisas foram mais fáceis, acho que nem com todas deve ter sido assim. [...]Na minha turma da faculdade só tinha meninas, só um menino que entrou depois. Agora acho que as coisas devem ter melhorado muito... [Silêncio] Porque antes tinha sim um preconceito por ser uma área só de mulher e tinha sempre os comentários "ah, menino fazendo biblioteconomia...". Agora acho que é bem menos, apesar de ainda existir. Mas a desvalorização da profissão não tem nada a ver com ser mulher.

Percebe-se em um relato (S3) que a informante se posiciona de forma contrária a ideia de que o desprestígio da Biblioteconomia esteja ligado a feminização da profissão, mas sim se associa à grande área a qual ela pertence. A depoente compara áreas de prestígio, justamente de reduto masculino (Medicina, Direito e as Engenharias), com Biblioteconomia. Sem, contudo, considerar que o fato se inviabiliza quando cita Direito que faz parte das Ciências Sociais Aplicadas, onde se encontra a Biblioteconomia.

S3 - Eu não vejo que o baixo status seja devido ao gênero na Biblioteconomia. Eu que eu verifico que todas as **Ciências Sociais** têm um status mais baixo que outras áreas como Medicina, Direito, Engenharia... Não por ser homem ou ser mulher, mas por estar em uma área social.

Apenas um depoimento se absteve à resposta por desconhecimento da informação da questão. Considerou-se como fator importante para a promoção de uma reflexão sobre o assunto e o despertar da curiosidade para a leitura do trabalho.

S4 - Eu não concordo, nem discordo. Eu não tinha conhecimento que o baixo status era atribuído à mulher bibliotecária historicamente, não. O número maior é de mulheres mesmo, mas não sei se isso tem influência.

Supõe-se que os depoimentos das bibliotecárias que acreditam que a afirmativa é verdadeira, apesar de não concordarem com o fato, seja um reflexo de nossa sociedade habituada a colocar as questões de gênero em segundo plano, dos quais somente duas das informantes se referem. Uma delas conta a sua experiência à frente do Conselho Regional de Biblioteconomia do Rio de Janeiro (CRB7).

S2 – Acredito que sim. Que isso é uma coisa histórica, não só exclusividade da Biblioteconomia. Ao longo da nossa história, a gente vive em uma sociedade machista que em muitos cargos as mulheres ganham menos que os homens. Então, o desprestígio em uma profissão que não é socialmente reconhecida pode ser atribuído à imagem da pessoa que está à frente desse espaço. É reflexo de algo maior e como a predominância é feminina, acaba recaindo na conta das mulheres. Hoje, como é dado mais voz para as mulheres, elas estão trabalhando muito fora, eu vejo que isso está mudando, inclusive na nossa área. Ainda requer muito, sim. Mas pela minha experiência no Conselho, desde 2002, eu entrei em uma chapa que fiquei como coordenadora de divulgação, eu pude perceber que existem pessoas fazendo trabalhos maravilhosos. Mas ainda existem trabalhos, feitos por mulheres, em que elas falam: “será que isso que eu estou fazendo é bom?”. A própria pessoa não reconhece o valor do que ela faz. Eu lembro que a gente fez uma revista que os bibliotecários mostrassem trabalhos que eles faziam. Daí algumas bibliotecárias, vieram me perguntar: “Mas você acha que eu devo falar isso?”. Há uma falta de confiança muito grande por parte de algumas bibliotecárias. Acho que isso pode estar relacionado à imagem que ela imprime ou não quer imprimir para a sociedade. Por outro lado, vejo que as coisas estão melhorando, há uma consciência maior de trabalho, da importância sobre o que a gente faz. Eu vejo isso. A gente está vivendo um momento atribulado onde as pessoas mal leem. Passamos por um processo de eleição agora que, Nossa Senhora...

S1 - Eu acho que seja sim, como sempre nas grandes empresas, e aí dependendo do tipo da empresa, ainda existe a postura do homem como “bom gestor”. Dele ser mais prático, dele ser menos patriarca com as pessoas. Eu acho que agora existe um pouco menos que antes, mas ainda existe esse preconceito, principalmente na nossa profissão.

Pode-se perceber que a falta de confiança no exercício profissional por parte de algumas mulheres bibliotecárias está presente na seguinte fala: “[...]existem trabalhos, feitos por mulheres, em que elas falam: ‘será que isso que eu estou fazendo é bom?’. A própria pessoa não reconhece o valor do que ela faz. Eu lembro que a gente fez uma revista que os bibliotecários mostrassem trabalhos que eles faziam. Daí algumas bibliotecárias, vieram me perguntar: ‘Mas você acha que eu devo falar isso?’” (S2). A depoente faz ainda uma ressalva sobre a impressão que certas bibliotecárias passam para sociedade. Acredita-se que isso pode

estar relacionado ao estereótipo de gênero, como um dos fatores de impacto sobre a imagem e o fazer das bibliotecárias quando não estão atuando diretamente nas funções da Biblioteca. Percebe-se, ainda, que no outro depoimento, o preconceito sobre a profissional aparece como consequência da cultura organizacional de grandes empresas que valorizam as características ditas masculinas para uma gestão válida, legítima e bem sucedida, demonstradas pela literatura anteriormente²⁶.

De acordo com as outras respostas dadas durante a entrevista, a essa questão pôde-se constatar várias causas que, na opinião das bibliotecárias, contribuem para a desvalorização da profissão, tais como: falta de conhecimento da sociedade a respeito da profissão, falta de incentivos em políticas públicas, culpa do profissional de Biblioteconomia.

Já para Souto (2005, p. 35), a falta de reconhecimento da profissão está associada à ausência masculina nos seus quadros, assim, entende que a procura do curso pelos homens que tem ocorrido, nos últimos anos, vai mudar essa situação. A pergunta 6, relacionada ao aumento de homens que ingressam na Biblioteconomia, foi elaborada pensando-se as principais causas para esta feita no século XXI no Brasil. Todas as respondentes consideram como um ponto positivo para a profissão. Entre as razões para esta ocorrência se destacam: a) a apropriação das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) nas atividades biblioteconômicas; b) a popularização do fazer da profissão; c) a concorrência natural do mercado de trabalho; c) a visibilidade do caráter interdisciplinar da profissão e d) a divulgação e fácil acesso dos cursos de graduação em Biblioteconomia.

S2 - Eu acho que está ocorrendo porque está ficando claro que a Biblioteconomia é uma profissão e está havendo uma consciência maior do que é essa profissão. Porque, assim, hoje você vê que tem uma divulgação. Outro dia saiu na Revista Exame, se bem me lembro, falando das N possibilidades que a Biblioteconomia oferece, o que se pode fazer. Então, eu acho que na verdade há um encantamento, que está passando por um outro lado, as pessoas estão começando a ler o que que é a área e o quanto você pode produzir ali. Essa parte histórica da Biblioteconomia é fantástica. Eu acho que a inserção de homens pode ajudar nessa divulgação e na mudança de estigmas da profissão.

S1 - Eu acho interessante ter homens e mulheres na profissão, isso até pode ajudar na mudança da imagem que as pessoas têm dos bibliotecários. Como eu disse, acho que as proximidades com as tecnologias de informação e comunicação, também a computação tornaram nosso mercado mais

²⁶ Ver. WALTER, M. T. M. T.; BAPTISTA, S. G. A força dos estereótipos na construção da imagem profissional dos bibliotecários. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 17, n. 3, p. 27-38, set./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/962/1583>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

concorrido. Fizeram os homens, que estão mais familiarizados com essas ferramentas, ingressarem na nossa área.

Nota-se, contudo, pelos relatos da S1 e S2, a mesma proposição apontada por outros estudos de gênero de que existe uma crença que o aumento de homens ingressando na Biblioteconomia ajuda a melhorar o status da profissão diante da sociedade.

S3 - Eu acho bom e que não devemos ser preconceituosos. No mercado de trabalho a concorrência é natural, vence quem tem mais competência, tanto o homem quanto a mulher.

S5 - Acho que o preconceito que existia ou não tem ou deve ser muito pouco. Pode até ter, mas as pessoas não ligam mais. Os meninos nunca falaram sobre isso de serem discriminados. Tinha o grupo de amigas dele que faziam trabalho aqui. Acho que os homens não tinham descoberto ainda a possibilidade dentro dos vários campos de atuação do bibliotecário. Como o mercado ficou cada vez mais concorrido, eles encontraram na Biblioteconomia mais um campo. Aí ó já pegaram a vaguinha da gente. [Risos].

S7 - Eu acho legal, agora o porquê eu não tenho ideia. Eu acho que antes tinha essa coisa de que era profissão de mulher, mas agora isso virou balela. Agora as mulheres tão ocupam os cargos de homem: ser mecânico, etc; então acho que antes tinha essa coisa de profissão de homem e mulher, mas hoje já não. Nunca perguntei para os meninos, vou passar a perguntar agora.

A descoberta do caráter interdisciplinar da área, bem como os novos campos de atuação, também são citados como razões para um maior número homens bibliotecários.

S8 - Tem ocorrido justamente pela mudança na nossa área de atuação. Pela visibilidade da nossa profissão nas empresas de Tecnologia da Informação, em escritórios de advocacia, lugares que sempre tiveram homens. Isto atraiu os jovens do sexo masculino. Acho isto muito salutar, pois passamos a ter uma troca de ideias mais rica.

S9 - Não sei por que isso tem ocorrido, talvez com o acesso à informação o que o curso oferece ou como é o fazer da biblioteconomia, faz com que qualquer tipo de pessoa se interesse pelo curso, sendo do sexo masculino ou feminino. E, com relação à profissão eu acho ótimo. Acho que a gente tem que ter profissionais de ambos os sexos, não vejo o porquê do fazer bibliotecário estar relacionado só a figura da mulher. Isso lembra um pouco do fazer da professora que trabalha com criança, o que não é o caso.

Um dos motivos apontados por vários autores²⁷ para a maior procura do curso e ingresso de homens é em razão da facilidade de acesso à universidade. Essa hipótese foi levantada por uma das depoentes no seguinte relato:

²⁷ Ver. FERREIRA, M. M. TEIXEIRA, R. P. VEIGA, M. A. P. O bibliotecário e o mercado de trabalho: relações de classe e gênero. In: XVI ENCONTRO NACIONAL DOS GRUPOS DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL, 16., 2011, Goiânia. **Anais...** Goiânia, GO: UFG, 2011.

S6 - Olha. Você quer que eu te diga a minha opinião sincera, mas sem comprovação científica? A juventude hoje está com pouca opção de mercado. Os jovens hoje escolhem a profissão sem ter uma maturidade suficiente para dizer que “é aquela profissão que eu quero”. Entendeu? O perfil mesmo para aquela profissão. Então, muitos preferem a facilidade de ter um título universitário e fazer um vestibular para Biblioteconomia é muito mais fácil do que fazer um de Medicina, Direito, História, que possuem uma concorrência maior. Eu não consigo enxergar, talvez por meu pouco diálogo com a juventude na atualidade, que seja por prazer de trabalhar com a Biblioteconomia, ou por conhecer muito bem a área. Acho que é porque só querem um título universitário. Eu digo isso, com certa base, porque a Biblioteconomia não é uma profissão tão divulgada assim para aumentar a quantidade de pessoas cursando. Eu acho que pessoas do gênero masculino, escolheram a Biblioteconomia para, de repente, ter um ressaltado. Porque, socialmente, o homem sempre está acima da mulher. Ainda é uma realidade, apesar de estar havendo uma pequena mudança neste século. Então, o homem, cursando Biblioteconomia, mais uma vez estaria no topo e, dentro de uma profissão feminina, ele já estaria no topo com a justificativa que estaria aprimorando esse cenário, tornando uma profissão mais diversa. Quando, na verdade, são os primeiros a deixarem a Biblioteconomia de lado e partir para a Tecnologia da Informação. Mas, assim, para a profissão eu acho bom ter essa diversidade entre os gêneros.

Esse depoimento pode conduzir ao pensamento de Williams, (1995, p. 145), que em sua pesquisa sobre o comportamento de homens em profissões femininas detectou que apesar de exercerem um papel não tradicional, eles se esforçam em “manter uma imagem de si mesmos como diferentes e superiores às mulheres: ironicamente, eles apoiam a masculinidade hegemônica”. Durante a entrevista foi possível notar certo desconforto ao suscitar o tema de orientação sexual. Fato previsto por Walter (2008, p. 60) ao reconhecer que, “mesmo no século XXI, ainda é um tema controverso e sensível e não se fala sobre isso sem gerar desconfortos”. Isso porque “dizem que na Biblioteconomia só há mulheres e homossexuais. Os homens dizem que estão fartos de terem que justificar sua masculinidade, sua condição de macho [...] e mais ainda têm que conviver com a dúvida [...] aqueles que afirmam ser homens estariam mentindo, enrustindo suas reais convicções sexuais” (LIMA; ALMEIDA JUNIOR, 1998, p. 81). Associado a isso, notou-se novamente a presença dos estereótipos associados pelas características ditas masculinas, como demonstra o depoimento a seguir.

S4 - Acho ótimo. Que bom que aumentou, acho que informação, livros e cultura nunca é demais. Não acho que a gente tem que cercar o direito do outro, só porque é de outro sexo, independente. Eu tenho amigos bibliotecários e eu acho que por ser homem, independente da orientação sexual, porque dizem que tem muitos gays na nossa profissão, o homem por si só, porque ele carrega o seu sexo desde que nasceu, ele é mais racional do que a mulher. A gente é muito detalhista. A gente tá conversando aqui, elaborando, ele já te dá uma resposta mais exata. Eles são mais racionais. Aí a gente acaba

trocando figurinhas. O homem é mais direto. E é bom essa troca de experiências.

A pergunta 10, a qual se refere ao sentimento da bibliotecária no exercício da profissão e aos desafios que tem enfrentado, foi formulada a partir do pensamento que a formação individual de um profissional, capaz de pensar, decidir, planejar e executar as atividades informacionais em várias instâncias e níveis, é influenciada pelas novas demandas informacionais consequentes da virada do século XX para o XXI. O mais interessante deste cenário é que como a maioria das entrevistadas possui muito tempo no exercício da profissão, foi possível identificar diferentes desafios para cada uma, mesmo estando todas englobadas em Instituições públicas de pesquisa. Entre os mais citados, se destacam: a) a adaptação à prática informacional nos meios digitais; b) manuseio dos sistemas de informação; c) automação da biblioteca; d) a gestão da informação dentro da empresa; e) o gerenciamento da biblioteca; f) a falta de tempo para estudar e se capacitar; g) dificuldades de aposentadoria; h) atrair os pesquisadores para a biblioteca; i) falta de recursos direcionados a biblioteca e j) atendimento a usuários com deficiência.

A adaptação à prática informacional nos meios digitais, o manuseio de sistemas de informação e a automação da biblioteca, foi citada nos seguintes depoimentos:

S3 – O desafio é o meio digital e a gente ter que acompanhar essa situação. Como eu sou bibliotecária há 40 anos, foi difícil me adaptar porque não adianta você ser contra uma coisa que veio para ficar, para complementar, foi e é necessário embarcar nessa. Desde o início eu me identifiquei e eu gosto de ser responsável por essa biblioteca. Não me vejo gostando tanto de fazer uma coisa como eu gosto desse trabalho.

S7 – Eu me sinto muito feliz. E o que eu enfrento, não é bem desafio, eu diria, mas conforme o tempo foi passando, eu tinha que lidar com a fichinha e, do nada, eu comecei a lidar com computador e sistemas, pesquisando, e a gente vai se adaptando. Eu considero isso mais uma aprendizagem de novas tecnologias.

S5 - Comprar o sistema Pergammun foi um desafio, outro desafio foi aprender a mexer nele. Porque como eu sou de outra época, tive dificuldade com a automação da biblioteca e ainda tenho. Mas agora está mais tranquilo. O grande desafio é fazer os pesquisadores frequentarem a biblioteca. E, pela minha idade, eu já não tenho mais paciência para sentar ao lado do pesquisador e ensinar feito criança.

S6 – Olha, eu fui pegando o gosto desde o início. Para o meu perfil, é muito importante que eu me sinta útil. Eu não vou só desenvolver uma profissão para eu me auto desenvolver, o meu autodesenvolvimento tem que estar ligado ao que eu faço com aquilo que eu adquiri conhecimento. [...] É um esforço muito grande que a gente tem que fazer para que a nossa profissão acompanhe as necessidades do nosso mercado e se você não se auto realiza você nunca vai estar fazendo um trabalho completo para o seu cliente. Então, o desafio que enfrento é esse, é eu saber usar a informação com valor agregado para o meu usuário, isso demanda um meio de caminho, trabalhar

com o sistema, informática, redes sociais, metadados, como eu chamo meu cliente.

Uma das informantes (S1) atenta para a diferenciação de gestão do conhecimento e gestão da informação e que há um desconhecimento por parte de seus superiores entenderem que, para a gestão da informação, a biblioteca tem papel essencial. A falta de conhecimento sobre a função da biblioteca é alertada por diversos autores como justificativa para a redução de recursos financeiros. Fato este que se apresenta no relato S8.

S8 – Sinto-me realizada e muito feliz. Amo minha profissão. O maior desafio para mim é a falta de recursos para as Bibliotecas. Como falei antes, como, na grande maioria, não somos das áreas fins das instituições, a nossa fatia no orçamento e quase sempre a mais baixa.

S1 – Os desafios que hoje eu enfrento é fazer as pessoas entenderem a importância da gestão da informação dentro da empresa. Hoje se fala em gestão do conhecimento, mas, de uma certa maneira, ela depende da gestão da informação. Então, eu acho que hoje os meus desafios estão em fazer com que os superintendentes, a alta gestão, que ainda não conseguem saber a diferença entre uma área de informática e a informação, o conteúdo, tenham essa compreensão. Eles não conseguem entender ainda o que é gestão do conhecimento e que você precisa da gestão da informação organizada. Querem montar um centro de informação, mas não estão preocupados com o sistema e com a maneira que a informação é disponibilizada e sequer nos consultam.

Ao analisar os aspectos históricos dos cursos de Biblioteconomia, Castro (2000) resgata a evolução da área administrativa no âmbito biblioteconômico por meio de propostas curriculares. O autor aponta que mesmo tendo sido ministrada já no primeiro Curso de Biblioteconomia, na Biblioteca Nacional, uma matéria denominada “Administração de Bibliotecas”, denotou-se a necessidade de se incluir no arcabouço teórico-prático da Biblioteconomia, desde aquela época, questões administrativas mais enfaticamente. E, embora atualmente a Administração seja mais abordada e discutida na área, antigamente, a atuação prática permitida pelos estágios supervisionados não teve mudanças significativas, uma vez que o discente tendo passado por todos os setores da biblioteca onde realizou o estágio, a Administração nunca era experimentada ou se quer comentada (CASTRO, 2000). Essa falta de preparo para assumir funções gerenciais, hoje, é sentida por uma das bibliotecárias entrevistadas:

S2 – [...]As pessoas que trabalhavam aqui se aposentaram depois dos anos 2000 e foi todo mundo embora da biblioteca quando a demanda mais aumentava. Então eu tive que aprender mais sobre arquivologia, mais sobre conservação, preservação e restauração e, por isso, eu fiquei na coordenação por alguns anos e depois fui assessorar a direção por uns meses só, porque

não me adaptei a tal fato e voltei para a biblioteca. O meu maior desafio foi a parte de gerenciamento. Eu me formei em 1989 e isso foi muito pouco explorado. Foi um desafio enorme, ainda mais dentro do setor público, a legislação e tudo mais, eu não estava preparada para isso. Foi um desafio, mas foi muito bom, porque eu cresci muito, aprendi muito nessa interação. Por estar em uma instituição de Ciência e Tecnologia, fui pressionada a fazer um mestrado na área de divulgação científica e inclusão digital. E aí voltei para a biblioteca. Nessa linha do tempo, é que começaram mais algumas pesquisas aqui na biblioteca, independente de outros setores. Outro desafio é você, no meio das turbulências, ter tempo para parar, estudar, refletir.

Vê-se que a falta de tempo para as bibliotecárias-chefes é um dos fatores que mais as impede de se capacitarem atualmente, embora tenham vontade de se aprimorar e buscar atender as necessidades dos usuários de suas bibliotecas, como mostra o seguinte depoimento:

S4 – Eu me sinto muito realizada com o meu trabalho. Acho que estou no caminho certo. Pretendo fazer meu doutorado para melhor atender meu usuário. Hoje eu não consigo ter tempo, porque a gente faz essa atividade de gestão de uma área de informação despende muito tempo da gente. [...]Mas como a gente depende de muito planejamento, eu sinto falta e quero me capacitar nessas ferramentas. Por exemplo, um script lattes, uma ferramenta do CNPq que captura a produção científica dos pesquisadores cadastrados no Currículo Lattes e por meio dele é possível fazer várias pesquisas bibliométricas. Essas ferramentas que eu sinto necessidade de entender. Inclusive, a altmetria.

Vale salientar que algumas das bibliotecárias entrevistadas já estão a encerrar suas carreiras profissionais, aguardando somente o aval governamental para a aposentadoria. Estas, relataram na entrevista quase não possuir desafios atualmente, apesar de ter lidado com a falta de recursos, mudanças e adaptação de novas estruturas para a biblioteca. A falta de auxílio de pessoal por outros departamentos também foi citada.

S5 – Atualmente, o maior desafio é o governo, por não lançar uma nova tabela salarial, um bom plano de aposentadoria... [Risos]. Mas ao longo desses quarenta anos, foram muitos os desafios. Se adequar as estruturas da biblioteca, obras, mudanças de acervo. Se não tiver atitude, ninguém te ajuda.

Por fim, foi possível observar que embora os desafios das bibliotecárias sejam bastante particulares e específicos para as suas demandas, as bibliotecárias demonstram-se orgulhosas pela sua trajetória profissional, apesar de nem sempre serem reconhecidas como merecem pelo esforço que fazem. Uma das informantes (S9) cita o estereótipo como fator de mudança para o reconhecimento social da profissão e que este deve partir da autoimagem profissional e de sua apresentação à sociedade.

S9 – Eu faço questão de dizer que eu sou bibliotecária, seja na mesa do bar com os amigos, seja no jantar de casa com a família. Eu amo conversar sobre o que eu faço e eu sou apaixonada pela profissão. Eu acho que o reconhecimento social da profissão e a mudança do estereótipo de bibliotecária parte da imagem que a gente tem da gente mesma e como a gente se apresenta à sociedade. Tenho orgulho de ser bibliotecária. E, atualmente, os desafios que eu me deparo são em relação aos usuários deficientes. Um dia eu fiz uma apresentação sobre os serviços da biblioteca com projetor e tinha na palestra um deficiente visual na palestra. Eu perguntei se ele queria que eu ligasse o narrador do computador para descrever os slides, ele disse que não, que achava muito ruim o narrador. Mas eu o fiz prometer que ele iria me ensinar sobre as ferramentas que ele usava para pesquisar, ler, etc. Então, eu, no momento, estou buscando como eu posso atender esse público, seja fazendo um curso de libras, seja com recursos em braile.

5.2.2 Interferência de gênero no mercado de trabalho da mulher bibliotecária

Nesta categoria foi analisada a interferência de gênero por meio de três perguntas. São estas: 5) Você sente que tem ocorrido alguma mudança no mercado de trabalho e no reconhecimento social da profissão? Caso afirmativo, que mudanças são essas?; 9) Quais competências você julga fundamentais na profissão?

O potencial de atuação do profissional da Biblioteconomia no mercado de trabalho foi reconhecido há mais de trinta anos por Vieira (1983, p. 178), ao fazer a seguinte afirmação: “o campo potencial de trabalho da bibliotecária vai muito além dos limites da biblioteca, uma vez que esse profissional domina as metodologias de tratamento manual e mecânico da informação e de documentos de qualquer natureza [...]”. No entanto, apesar dos avanços significativos no campo da informação e da necessidade de profissionais voltados para a gestão dessa informação, constata-se a falta de reconhecimento do profissional da Biblioteconomia. Isso pode ser percebido pelos reduzidos salários²⁸ recebidos e pela falta de status social da profissão.

A pergunta 5 foi elaborada com o intuito de saber que leitura as bibliotecárias da RBP fazem a respeito do mercado de trabalho da bibliotecária, ou seja, se percebem alguma mudança nos últimos anos. Algumas observam um grande avanço nesse mercado e citam alguns elementos como motores dessa evolução. Primeiramente, pela visão delas, o uso das TICs deu uma maior dimensão ao campo da informação e abriu espaços de trabalho para a bibliotecária, inclusive, esse elemento foi citado como um dos fatores de atração masculina pela área e que, por isso, a profissão é mais bem reconhecida. Outro elemento citado foi a

²⁸ Informação retirada do site <http://www.sindibrj.org.br>. A média nacional de salário para iniciante é de R\$ 2.889,79 (dois mil, oitocentos e oitenta e nove reais e setenta e nove centavos) .

gestão eletrônica de documentação, a digitalização e a criação de repositórios digitais facilitou a melhor divulgação dos objetos centrais das bibliotecas. Além disso, as mídias e redes sociais, bem como o BigData também foram elencados como ferramentas essenciais que melhoraram o cenário de capacitação e divulgação da profissão. Para elas, a alternativa de trabalho fora da biblioteca, onde bibliotecários têm desenvolvido um bom trabalho, estão sendo reconhecidos pela sociedade, a exemplo das áreas jurídica e da própria Tecnologia da Informação. Aqui alguns depoimentos:

S1 - Houve. Houve uma mudança na nossa profissão em si, em relação até a estabilidade de novas ferramentas, tipo o Google que está fazendo com que a gente migre para um outro tipo de pesquisa, que é a pesquisa no ambiente web e que os homens sabem fazer também, mexer com essas ferramentas muito bem. Talvez isso tenha atraído até muito mais a área masculina, as demandas que surgiram a partir das tecnologias de informação e comunicação. Creio eu que isso faz com que o nosso reconhecimento cresça frente a essas demandas e frente a nossa sociedade atualmente.

S3 - Mudanças no trabalho tem ocorrido e muito. Com o efeito da digitalização de documentos, de bibliotecas digitais, repositórios, o trabalho melhorou muito. Ficou mais fácil para gente trabalhar. Agora, não vejo que isso mexa com a visão social sobre o nosso fazer, não somos reconhecidas por essas mudanças, é uma coisa muito técnica.

S4 - Ah, eu acho que sim. Principalmente, as redes sociais. Os bibliotecários agora têm que entender de temas e ferramentas que estão surgindo aí como o Big Data, não só com o volume de informações que se apresenta, não. É como tratar e perceber que através dessa temática de Big Data, a gente pode ter saltos de informações que a gente pode se valorizar mais ainda e ajudar mais ainda o nosso público geral. Porque as informações estão lá, basta que você pegue para si e analise essas informações, e, com isso, desenvolva novas ferramentas, mas, principalmente, serviços de informação. Hoje a gente já consegue saber, por exemplo, como estão os gastos dos nossos políticos e coisas que estão no nosso cotidiano. Então, eu acho que a gente como bibliotecária não pode mais ficar desatualizado.

S6 - Tem havido mudanças sim. Porque, querendo ou não, a gente é empurrada a mudar. E, quando entra a Tecnologia da Informação, o bibliotecário não tem escolha, ele é carregado pela enxurrada, porque as informações estão se multiplicando mais do que exponencialmente, em vários formatos. Então, o bibliotecário é obrigado a caminhar. Então, houve uma valorização? Houve. Mas não no caminhar de como o progresso da humanidade ocorreu. A Biblioteconomia não conseguiu acompanhar o status que poderia ter acompanhado com relação ao resultado do trabalho que pode oferecer ao seu público alvo. Falta muito. Mas houve evolução? Com certeza.

S8 - Sim. Com as novas formas de trabalho as atividades dos bibliotecários também estão mudando e novas oportunidades surgem fora das Bibliotecas. Hoje é comum você ver bibliotecários atuando em escritórios de advocacia, em empresas de TI, etc.

S9 - Sim. Acredito que bibliotecárias e demais profissionais da informação têm tido suas atividades mais reconhecidas e mais espaços para atuação. Por exemplo, uma das causas claramente que vejo e é sempre abordada na literatura científica é a explosão informacional e a disponibilização desses

conteúdos em vários formatos. Consequentemente, deve-se ter a maior atenção para a organização desses conteúdos para a disseminação e uso. Hoje, a informação é tida como insumo estratégico nas instituições (públicas e privadas) e que, portanto, devem ser bem tratadas para auxiliar na tomada de decisão, por exemplo. Ainda, vejo que a maior interação da nossa área com a de outros profissionais, como TI, desenvolvendo trabalhos colaborativos, impacta positivamente na mudança do mercado de trabalho, ampliando seus espaços de atuação, como dito anteriormente.

Uma das bibliotecárias, que também diz reconhecer essas mudanças no mercado de trabalho, relata isso pela convivência que teve com estagiários. Na opinião dela, houve mudança no mercado de trabalho e a postura dos profissionais da nova geração mudou, apesar da crise que dificulta as oportunidades de emprego nas áreas, eles procuravam se qualificar com mais cursos, seminários, etc.

S5 - Sim, eu acho que algumas coisas mudaram e melhorou. A gente observa isso pelos estagiários que tivemos. Hoje não temos mais nenhum. Mas ao longo desses trinta anos trabalhando aqui deu para perceber que a concorrência aumentou, por causa dos currículos que a gente recebia. Lógico que agora, com esse negócio da crise, de não ter emprego, etc. talvez tenha mais de dificuldade para a entrada no mercado de trabalho, mas ele ficou mais concorrido, exigindo cada vez mais qualificação.

Na opinião da bibliotecária, também representante do Conselho Regional de Biblioteconomia do Rio de Janeiro, não houve grandes mudanças no mercado de trabalho e nem no reconhecimento social da profissão. Pela sua experiência, vê a falta de reconhecimento em momentos específicos como na fiscalização de lugares que, por lei, deveriam ter um bibliotecário atuante na biblioteca, mas não acham necessária a ação desse profissional no ambiente da biblioteca.

S2 - Eu não consigo enxergar uma grande mudança. O que eu enxergo, no Conselho, com essa questão de fiscalização, é que tivemos algumas mudanças pontuais. Mas não há um reconhecimento. Pelos lugares que a gente fiscalizou e pelos resultados que obtivemos. Alguns lugares preferem pagar a multa do que contratar um bibliotecário. Em resposta a isso, a gente tem procurado divulgar muito o nosso trabalho, na internet, nas redes sociais, conversar com as pessoas. Mas a verdade é que encontramos muitos lugares sem bibliotecários e há um desinteresse em tê-lo ali. As pessoas não reconhecem tudo o que podemos fazer, a nossa capacidade e os lugares que podemos ocupar.

Ao analisar os depoimentos, é possível perceber a observação feita por Abbott (1988) sobre a tendência das pessoas em adotarem estereótipos, simplificando a diversidade de

papéis das profissões. Ademais, como admitiram as bibliotecárias da presente pesquisa, a opinião pública insiste em reduzir a tarefa profissional ao seu objeto de trabalho, ressaltando características objetivas e ignorando complexidades, por isso tampouco reconhecem seus desafios. Desse modo, “a conotação da palavra bibliotecária é tão forte que limita essa profissional ao ambiente da biblioteca e não ao ambiente da informação” (SOUTO, 2005, p. 51). E, apesar da categoria argumentar que o campo de atuação profissional ultrapassa os muros da biblioteca, no imaginário das pessoas este cenário ainda é fictício, uma vez que usualmente existe a associação da bibliotecária com os livros e com as bibliotecas, como exclusivo ambiente de trabalho.

As mudanças ocorridas nas últimas décadas em particular e a evolução tecnológica tiveram grande impacto nos serviços de informação. Fato que alterou de forma considerável as formas e os métodos de trabalho das bibliotecárias, desencadeando a necessidade de se desenvolver novas competências para a compreensão e inserção desses profissionais no mercado de trabalho (SOUSA, 2014). A partir desse contexto, a pergunta 9 foi elaborada com intuito de saber quais competências as informantes desta pesquisa consideraram necessárias para um exercício profissional satisfatório que atenda às exigências e às demandas do mercado de trabalho.

S1 - Eu acho que você tem que gostar de pesquisar, de ser investigativa, esse é o termo certo. Você tem que ter prazer nisso. Você tem que ter um perfil de organizadora, você tem que ter um perfil de saber lidar com as pessoas, você tem que ter um perfil de saber entender o que elas querem. Muitas vezes elas querem uma coisa, mas não sabem exprimir exatamente onde elas querem chegar. Essa parte de saber como tirar delas, o que realmente elas querem e precisam.

S2 – Acho que o bibliotecário necessariamente tem que pesquisar, ele tem que se manter atualizado, buscar outras competências que vão agregar valor, até mesmo o marketing pessoal. Tem que se mostrar, provar o que faz.

S3 - Precisa ter uma organização mental, para além da organização e guarda dos livros. A cabeça do bibliotecário precisa ser moldada para a organização mais ampla da coisa, estar atualizado.

S4 - Entender essas ferramentas de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) e acompanhar o desenvolvimento dessas ferramentas. Tem que saber. Não podemos deixar só na mão dos profissionais de TI.

S5 - Estar sempre buscando se qualificar, se aprimorar para saber o que de melhor você pode aplicar. Bibliotecária é uma profissão que você precisa sempre estar atualizado, como qualquer outra. [...]Por isso, a gente precisa se reinventar, entender a necessidade do seu público e estar atualizado.

S6 - Ah, são tantas. A competência maior que eu vejo é o bibliotecário saber o papel dele naquela Instituição, o que ele está promovendo, ter auto avaliação. O profissional da informação tem que sair do livro e dar maior importância à informação, que está vinculada aos meios eletrônicos. Então, o profissional tem que conhecer informática, tecnologias da informação, estar atualizado nos bancos e bases de dados, tem que saber montar uma estrutura

de pesquisa. Então, ele sai do armazém, que é o livro, e trata a informação na tecnologia, isso tudo direcionado aos objetivos dos clientes. Tem que ser capaz de oferecer um trabalho personalizado, tem que estar engajado ser proativo, procurando estar sempre alerta com o que acontece com as novidades da sua área, redes sociais, grupos de pesquisa para que ele tenha contatos com a comunidade científica. Se não for assim, a saída é difícil para o bibliotecário.

S7 - Ajudar as pessoas, porque informação é uma coisa muito difícil de você conseguir. Hoje as pessoas falam 'ah porque tem no Google', mas não é assim, o Google é uma pincelada pra você ter ideia de por onde você vai começar. Tem que ficar sempre atualizado. Ter pro atividade, né?

S8 - Atenção. Estar aberto para mudanças. Ser criativo e proativo. Comunicativo e atualizado.

S9 - Ser gestor(a); Pro atividade; Habilidade em trabalho em equipe e que esta seja multidisciplinar; Ser líder; Habilidade com uso de tecnologias de informação; Habilidade em capacitar; Manter-se em constante atualização e aprendizado contínuo; Saber analisar a informação gerenciada; Visão holística.

A Classificação Brasileira de Ocupações de 2002, nos seus dispositivos, listou algumas competências definidas como pessoais para que os profissionais da informação pudessem no exercício de sua profissão acompanhar as mudanças e participarem de forma mais efetiva do desenvolvimento da sociedade (BRASIL, 2002). Algumas dessas competências também foram elencadas pelas bibliotecárias-chefes da rede em seus depoimentos. Abaixo segue o quadro com as competências requeridas pela CBO, na versão de 2002, comparadas com as competências resultantes do somatório das respostas de acordo com o número de vezes que elas apareceram nos relatos.

Quadro 7 - Competências requeridas pelo mercado de trabalho

CBO (2002)	Competências na visão das Bibliotecárias	Frequência
a) manterem-se atualizados;	a) manter-se atualizado;	07
b) liderar equipes;	b) pro atividade;	05
c) trabalhar em equipe e em rede;	c) habilidade com uso de tecnologias de informação;	05
d) demonstrar capacidade de análise e síntese;	d) habilidade de comunicação;	03
e) demonstrar conhecimento de outros idiomas;	e) auxiliar o usuário;	03
f) demonstrar capacidade de comunicação;	f) capacidade investigativa;	02
g) demonstrar capacidade de negociação;	g) estruturar uma pesquisa;	02
h) agir com ética;	h) saber se relacionar com o público;	
i) demonstrar senso de organização;	i) capacidade de gestão;	02
j) demonstrar capacidade empreendedora;	j) trabalhar em equipe;	02
k) demonstrar raciocínio lógico;	k) liderança;	02
l) demonstrar capacidade de concentração;	l) senso de organização;	02
m) demonstrar pro atividade;	m) desenvolver projetos;	02
n) demonstrar criatividade.	n) buscar qualificação	01
	o) marketing pessoal;	01
	p) conhecimento da instituição em que trabalha;	01
	r) estar aberto para mudanças;	01
	s) participar de grupos de pesquisa e trabalhar em rede;	01
	t) saber analisar a informação gerenciada;	01
	u) ter visão holística;	01
	v) ser criativo.	01

Fonte: A autora.

Das competências elencadas pela CBO, não foram citadas pelas bibliotecárias “conhecimento de outros idiomas”; “capacidade de negociação”; “agir com ética”; “capacidade empreendedora”; “raciocínio lógico” e “capacidade de concentração”. Até o início do século, o conhecimento de outros idiomas era um grande diferencial para a contratação de profissionais no mercado de trabalho. No entanto, as transformações do mercado exigiram um novo perfil profissional, não bastando somente ter conhecimento em outras línguas. Talvez, por esse motivo, manter-se atualizado aparece, na visão das bibliotecárias, como competência mais frequente. Além disso, a questão da atualização profissional foi indicada por uma das depoentes como fator-chave para a quebra de um dos estereótipos das mulheres bibliotecárias.

S2 - Acho que o bibliotecário necessariamente tem que pesquisar, ele tem que se manter atualizado, porque não adianta, senão você para no tempo e aí sim reforça aquela imagem da velhinha de óculos. Porque você já não

consegue acompanhar tudo. Porque é um monte de coisa acontecendo, agora, você abraça uma área em que você vai desenvolver.

A crise citada no depoimento abaixo, a recessão, o fechamento de postos de trabalho, a queda de contratações via CLT, a globalização, o aumento do empreendedorismo (muitos por necessidade), tudo isso se apresentou, no século XXI, em um momento de transição fundamental não somente para o profissional de Biblioteconomia, mas como para todo trabalhador.

S5 - [...]Você precisa estar se atualizando sobre o que você pode fazer para chamar os usuários. Mas, é muito difícil por conta do quadro de pesquisadores que não se renovam, por consequência da falta de concurso público desta crise. Porque é uma coisa muito específica, dentro dos institutos de pesquisa, porque todos estão nessa situação. Entendeu? Uma bolsa de PCI você não pode pegar, porque não somos área fim, somos apoio, pode ser só de pesquisa, mesmo fazendo vieses de pesquisa, não dá certo na hora que vai ser avaliado. Então, a gente precisa estar apto a fazer projetos para comprar livros, para isso tem que saber divulgar o que você faz.

Mas, em vista da Biblioteconomia ser uma profissão predominantemente feminina e que trabalha diretamente com o público, se esperava que as competências interpessoais sobressaíssem das respostas, dada a interferência de gênero. Nesta direção, é possível observar alguns itens relacionados a valores emocionais, pessoais e morais, mas que não correspondem a valores indicados na literatura como “competência profissional” (SOUSA, 2014). A baixa frequência de competências gerenciais, sociais e políticas, apontadas por Valentim (2000), foi um outro fator que chamou a atenção nesta análise, uma vez que se referem a dirigir, administrar serviços e unidades de informação, planejar, ter compreensão de negócios e gestão, criar políticas, assessorar, etc., julgando pela habilidade de liderança que foi citada apenas duas vezes como competência necessária para o exercício da profissão. Tal fato pode estar supostamente relacionado à profissão feminina quando a mulher, inconscientemente, não se percebe exercendo cargos de gestão, mesmo no posto de bibliotecária-chefe ou responsável pela gestão da biblioteca.

Para Saffioti (1987), são valores adquiridos ao longo do processo de socialização que induzem até mesmo as mulheres a acreditarem na sua incapacidade de assumir determinados papéis. Fato este que retoma a fala da depoente (S2, p. 97) a respeito do desafio que foi estar em uma função gerencial na pergunta 6, a informante da pesquisa não comentou o motivo pelo qual não se adaptou ao cargo de assessora da direção. Mas, levando em conta que as ocupações relacionadas à gerência, administração e planejamento são atribuições compatíveis

com as características masculinas, juntamente com o despreparo nos Cursos de Biblioteconomia, não é surpresa que estas competências não sejam citadas pela maioria das mulheres bibliotecárias participantes desta pesquisa.

5.2.3 Hierarquia e divisão sexual do trabalho na Biblioteconomia

Nesta categoria foi analisada a hierarquização e a divisão sexual do trabalho na Biblioteconomia por meio de três perguntas. São estas: 7) Há diferenças no desenvolvimento das atividades na biblioteconomia entre homens e mulheres? Se sim, quais você identifica?; 4) Estudos de gênero realizados com bibliotecários demonstram que as mulheres bibliotecárias estão direcionadas a setores tradicionais menos valorizados como a biblioteca escolar e a infantil e a desenvolverem atividades de menor prestígio como organização do ambiente, recreação, práticas culturais, entre outras que supostamente requerem uma menor qualificação. Pela sua experiência profissional e como bibliotecária-chefe, você percebe isso no dia a dia? Em caso afirmativo, na sua avaliação, o que acha que isso causa?; 8) O que você considera que define a progressão funcional dentro de uma biblioteca? Em sua opinião, as promoções tem relação com o sexo da pessoa?; 11) De todas as instituições das bibliotecas ligadas à Rede de Bibliotecas de Pesquisa (RBP) apenas duas têm em sua diretoria/presidência mulheres ocupando este espaço. Em sua opinião, a que motivos você atribui essa informação? Em sua opinião, isso influencia as decisões a serem tomadas na biblioteca?

Os estudos de Bruschini (1997) acerca da inserção das mulheres no mundo do trabalho identificam as várias formas de discriminação por elas sofridas nesse processo. Tal inserção passa pela colocação em determinados setores ou profissões consideradas inferiores, no exercício de funções menos qualificadas, nos salários percebidos que sempre são menores do que os pagos para os colegas homens e, principalmente, quando hierarquicamente são mantidas em posição inferior à dos homens (SOUSA, 2014).

O “trabalho chato”, miúdo, picado e contínuo, invisível, de organização, de contatos, de registros é preferencialmente desenvolvido por elas porque a maioria dos homens não o assumia de imediato e elas se antecipavam em aceitá-los (LOMBARDI, 2011).

O trabalho descrito por Lombardi (2011) muito se assemelha ao que é desenvolvido nas bibliotecas. Segundo Sousa (2014), a bibliotecária ainda é reconhecida pelo domínio das

técnicas de processamento e organização da documentação, taxada de burocrática, confinada nos minuciosos e áridos processos técnicos (carimba, registra, classifica, cataloga e organiza), trabalho criterioso bem sugestivo para ser desenvolvido por mulheres. Isso se verifica no depoimento de uma bibliotecária:

S2 - Sim. Existem atividades e habilidades que melhor desenvolve a mulher e outras que melhor desenvolve o homem. Digo isso porque convivendo com meu marido, convivendo com as pessoas aqui no trabalho, dá para perceber certas coisas. A maioria dos homens não se prende ao detalhe. [...]Então eu acho que, devido a isso, devem existir coisas que são mais cômodas para as mulheres fazerem do que para o homem e vice-versa. Por isso você vê que tem muitas mulheres no processamento técnico e o homem mais na parte da pesquisa.

Percebe-se que mesmo com os processos de automação e uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), intensificados na virada do século XX para o XXI, que acarretaram mudanças significativas no desenvolvimento dos serviços da biblioteca, ainda assim, algumas atividades na biblioteca continuam a se equiparar com as atividades do lar (OLINTO, 1997). Fato que pode ser demonstrado pela associação mental da bibliotecária sobre a convivência com o marido e a convivência no trabalho.

Para Gomes (2005) essa situação mostra que habilidades tradicionalmente aprendidas pelas mulheres na esfera reprodutiva, que se consagraram como habilidades femininas, servem para indicar a inserção das mulheres no trabalho produtivo. O que não significa de fato que essas habilidades agora requeridas pelos novos modelos de produção e de serviços possam alterar o valor das mesmas e, assim, contribuir de modo significativo para a colocação das mulheres em espaços de trabalho privilegiado. O que se tem observado são as mulheres concentradas em setores menos valorizados, em ocupações mal pagas e de menor nível de qualificação (GOMES, 2005).

Por meio da literatura consultada para a elaboração da pesquisa bibliográfica, foi possível identificar que a hierarquia e a divisão sexual do trabalho esteve presentes em diversos estudos sobre a relação de mulher, sociedade e mercado de trabalho²⁹. Nesse sentido, a pergunta 7 foi elaborada a fim de verificar a consonância entre a literatura e a opinião das informantes da presente pesquisa retratada nos depoimentos acerca das diferenças no desenvolvimento das atividades na biblioteconomia entre homens e mulheres.

²⁹ Ver. HIRATA, H. **Nova Divisão Sexual do Trabalho?**: um olhar voltado para a empresa e a sociedade. São Paulo: ISBN, 2002. e KERGOAT, Danièle. La division du travail entre lês sexes. In: KERGOAT, Jacques et al (orgs.). **Le monde du travail**. Paris: La Découverte, 1998.

S1- Eu acho que sim. Na gestão de pessoas, ainda existe um pouquinho da mulher, quando precisa lidar com os usuários principalmente, é mais cautelosa. No caso da Biblioteconomia, em como lidar com os funcionários que trabalham para essa área e não são bibliotecários, os homens são mais práticos. Mas também acho que está tendo uma mudança nesse aspecto.

S2 - Sim. Existem atividades e habilidades que melhor desenvolve a mulher e outras que melhor desenvolve o homem. Digo isso porque convivendo com meu marido, convivendo com as pessoas aqui no trabalho, dá para perceber certas coisas. A maioria dos homens não se prende ao detalhe. Falam: “mas não sei por que você fica cismando com nanana...”. Então eu acho que, devido a isso, devem existir coisas que são mais cômodas para as mulheres fazerem do que para o homem e vice-versa. Por isso você vê que tem muitas mulheres no processamento técnico e o homem mais na parte de pesquisa.

S3 - Eu identifico sim. Eu acho que o homem é sempre mais voltado para a Tecnologia da Informação (TI). Ele pode fazer Biblioteconomia, mas depois ele quer largar um pouquinho e já partir para a TI. Enquanto as mulheres às vezes se contentam em ficar como bibliotecárias só.

S6 - Acho que sim. Sempre há diferenças. Porque o perfil comportamental do homem é diferente do da mulher. Apesar de hoje em dia se falar na ideologia de gênero, isso são problemas desvirtuados. Dizer que o homem decide o sexo depois... Isso aí são falhas biológicas. Mas, na normalidade, de cromossomas e genes, da criação do ser humano, você tem características masculinas e características femininas. Isso independe de você, já nasce contigo se você está no padrão da normalidade. As características dos homens estão ligadas à objetividade, racionalidade. A mulher é mais falante que o homem. Na hora de tomar decisão, o homem é mais preciso, eles são socialmente mais procurados pelos clientes do que a mulher. A mulher é mais cativante, mais acolhedora. O homem é mais direto, mais propositivo. Então aqui, quando eu tenho profissionais trabalhando comigo, eu procuro separar os trabalhos, mais ou menos, conforme essas características. Eu percebo que o gênero interfere no desenvolvimento das atividades sim, interfere. Não é uma diferença gritante. Mas quem gere, quem lida gerencia pessoas dentro da Biblioteconomia, tem que saber que existe essa diferença. Esse é o meu ponto de vista criado durante o meu exercício profissional de 40 anos. Em termos da Biblioteconomia, a mulher é mais meticulosa, normativa, ela vê o detalhe, ela é mais analítica e, para o trabalho de catalogação, de construir indexadores, metadados, a bibliotecária costuma ser mais eficiente. O homem dentro de uma área de biblioteca, ele é bom na administração, ele é mais arrojado para analisar interfaces, para verificar a eficiência de um banco de dados, ele é melhor para o diálogo com a Tecnologia da Informação que a mulher.

S7 - Eu acredito que sim. Mas não saberia te dizer com precisão porque aqui nós éramos só mulheres, nunca teve um homem como bibliotecário. Tinham rapazes, mas que não eram bibliotecários, faziam outros serviços, então não sei. Eu nunca tive contato com bibliotecários, assim pra trabalhar. Mas como as características de homens são diferentes das mulheres, isso deve influenciar no trabalho sim.

Analisando as respostas é possível verificar que 55,56% das informantes identificam diferenças no desenvolvimento das atividades na biblioteconomia por homens e mulheres. Pelos relatos das bibliotecárias que acreditam haver diferenças, vê-se que a profissão não só é

marcada pelas questões de gênero, ficam claras as diferenças nos trabalhos designados como de homens e os considerados de mulheres, o que confirma presença da divisão sexual do trabalho inserida na prática da Biblioteconomia. Pois, como afirma Lobo (1992), a divisão sexual do trabalho não se resume apenas em uma distribuição de trabalho por setores ou atividades. Trata-se do princípio organizador da desigualdade no trabalho e é isso que percebe-se nessas narrativas. Em algumas concepções, entendem que há separação de atividades e as nomeiam essas levando em consideração características ideologicamente construídas como sendo femininas ou masculinas; ou seja, as atividades são separadas como sendo determinadas pela essência biológica da mulher ou do homem.

As tarefas tradicionais da biblioteca ligadas ao processamento técnico e a organização dos acervos ou no atendimento ao público que, de certa forma, são ligadas aos comportamentos e características ditas “femininas” tem sido fixadas as mulheres. Esses predicados devem ser da mulher independente de sua formação intelectual. Já os homens estão mais propensos às atividades ligadas à informática, à Internet, trabalhar com sistemas de armazenamento de dados, etc.; esses setores, como se sabe, são mais valorizados tanto socialmente quanto pelo mercado de trabalho, bem como demonstra o Quadro 8.

Quadro 8 - Atividades da Biblioteconomia realizadas de acordo com o sexo do profissional

Sexo	Atividades
Feminino	a) processamento técnico; b) auxílio ao usuário; c) cativar e acolher o usuário na biblioteca; d) meticulosidade na normalização; e) mais analítica para o trabalho de catalogação; f) criação de indexadores e metadados;
Masculino	a) praticidade para lidar com funcionários; b) pesquisa; c) uso das tecnologias de informação; d) racionalidade e objetividade na tomada de decisão; e) mais procurados pelos usuários; f) administração da biblioteca; g) análise de interfaces na web;

Fonte: A autora.

Das entrevistadas, 44,44% têm asseverado que não existe separação de atividades relacionadas ao sexo do profissional que a exerce, conforme depoimentos:

S4 - Não. Eu não consigo identificar nada não.

S5 - Não, acho que o desenvolvimento das atividades são iguais. Muito capazes, profissionais, meninas e meninos, ninguém levava isso aqui na brincadeira. Era muito gostoso trabalhar com eles. Em nenhum momento demonstraram insatisfação.

S8 - Não trabalho diretamente com bibliotecários, mas acho que, como em qualquer profissão, há diferenças no desenvolvimento das atividades quando estas são desenvolvidas por sexos diferentes. Os sexos têm características diferentes e formas diferentes de agir. Aliás, isto ocorre até mesmo entre pessoas do mesmo gênero.

S9 - Acredito que essa diferença não deve existir no desenvolvimento das atividades na profissão. Recebemos a mesma informação e formação durante o curso na Universidade/Faculdade e devemos desempenhar nossas funções independentemente de gênero.

Ao final, os resultados confirmam a divisão sexual do trabalho sendo a maioria concordante com a separação das atividades por sexo. Supõe-se que este fato possa estar associado a pouca convivência dessas informantes com colegas do sexo masculino, haja vista que a presença masculina na profissão é bem recente e a variável de “tempo de serviço” é mais extensa. Nesse sentido, é compreensível que as profissionais que têm mais tempo de profissão não percebam essa divisão de tarefas, e, ainda, reafirmem as concepções construídas culturalmente sobre as características ditas como “de mulher”.

Sobre esta questão, Sousa (2014) constatou que a unidade de informação considerada ideal para as mulheres é a biblioteca escolar, relacionando a figura feminina com aptidão para trabalhar com o público infantil. Além disso, verificou que na opinião de alguns bibliotecários, “enfeitar, organizar o ambiente, atividade recreativa, dedicação, gentileza, paciência” são demandas pertinentes a uma biblioteca escolar e que requerem menos qualificação e também, as práticas culturais e atendimento ao público são atividades pouco valorizadas se comparadas àquelas que envolvem a pesquisa, a tecnologia, a informática, a aquisição de materiais e a liderança, que foram as atividades mencionadas como atribuições dos homens. Nesse sentido, pareceu viável questionar as bibliotecárias-chefes sobre a opinião delas acerca desta afirmativa na pergunta 4 desta pesquisa, uma vez que pertencem às unidades de pesquisa ligadas ao Ministério de Ciência, Tecnologia, Informação e Inovação, e, se encontram no lugar de “privilégio” da Biblioteconomia.

Pode-se observar pelos discursos que é quase consensual que a área da biblioteca escolar é sim desvalorizada e continua sendo um espaço majoritariamente feminino. Mas tal como é o status da Biblioteconomia, de modo geral, na percepção das bibliotecárias essa desvalorização não se deve pelo fato de ter mais mulheres ocupando-a, mas sim porque está inserida em uma área que, nacionalmente, não é valorizada. No entanto, é notório como o discurso de gênero reaparece com as características ao que compete ao homem e a mulher bibliotecária nas atividades da biblioteca, e, novamente, a ideia de que a inserção de homens na área altera a imagem estereotipada da profissão, como é possível visualizar a partir dos seguintes depoimentos:

S1 - Pelo tempo que eu tenho exercendo a profissão, 38 anos, eu acho que houve uma mudança considerável. Antigamente, havia essa tendência da bibliotecária ter aquela imagem de durona, que só arrumava os livros na estante e pedia silêncio o tempo todo e a ideia que se tinha é que qualquer um podia fazer esse trabalho. Isso desqualificava muito o nosso trabalho. Mas acredito que hoje, na área de Biblioteconomia, a quantidade de homens que já atuam e atuam muito bem fazendo trabalho de pesquisa alterou um pouco desse cenário. Eu acho que isso já melhorou muito.

S2 - Olha, eu estou aqui há 31 anos. Dentro das bibliotecas do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicação, a RBP, a maioria são mulheres, nas reuniões da Rede só mulheres estão presentes. Acho que com bibliotecas escolares deve ser a mesma coisa. O ambiente em que eu milito é muito na área de pesquisa, pela instituição estar dentro do MCTIC, não conheço muito dessa realidade, passei a conhecer mais depois das questões do Conselho Regional aqui do Rio de Janeiro, das leis, da fiscalização... No que eu pude conferir, a maioria é mulher, isso é verdade. Mas em outros âmbitos também. Percebo que os homens bibliotecários estão mais envolvidos com as bases de dados, no desenvolvimento de repositórios, mas aqui nós estamos caminhando junto com os pesquisadores, participando dos eventos e nos atualizando. A gente aqui tem várias coleções especiais, a gente tá com a biblioteca da Academia Brasileira de Ciências aqui, a gente tem eventos muito integrados. Aí vem a pergunta: é a realidade de todas as bibliotecas? Não. A gente vê que integração entre a biblioteca e os pesquisadores (que acontece aqui), não acontece da mesma forma que o bibliotecário escolar e os professores. Por quê? Eu não sei te dizer. Mas vale dizer que a maioria das bibliotecas escolares não tem um bibliotecário, das que tem, sim são mulheres.

S6 - Eu concordo que é uma coisa que ocorre sim, mas não ocorre pelo papel de ser escolar. O bibliotecário escolar, para o país que nós vivemos... O valor da educação é o que faz com que as profissões não atinjam um patamar de qualificação maior, como no do exterior. O bibliotecário escolar precisa ter uma formação que, de repente, exigiria muito mais do que um bibliotecário especializado. Porque precisa ter conhecimentos de psicologia, tem que saber ter condições de comportamento, compatíveis com o nível infantil.

Então eu não concordo que o bibliotecário escolar tenha menos que qualquer outro profissional. O problema é que no o país torna irrelevante a educação. Então, o bibliotecário escolar tem um reconhecimento inferior aos outros bibliotecários, como o bibliotecário especializado que gera um produto mais próximo do mercado. A pesquisa em si não leva direto ao mercado, leva à produção que vai para a indústria, que gera produtos comerciais. Mas a pesquisa já é uma coisa que é mais valorizada que a educação básica.

O resultado desses depoimentos confirma os dois princípios organizadores da divisão sexual do trabalho ditados por Kergoat (2003): “separação e hierarquia”. Separação (o que é trabalho de homens e o que é trabalho de mulheres). Hierarquia (o trabalho dos homens valem mais do que o das mulheres). Complementando, Hirata e Kergoat (2003) aduzem que a divisão sexual do trabalho decorre das relações sociais entre os sexos e são formas moldadas histórica e socialmente para designar aos homens funções com maior valor social. Uma das bibliotecárias confirma a existência desse estereótipo. Contudo, alerta que é pela falta de conhecimento e reconhecimento do profissional bibliotecário na sociedade.

S8 - Na verdade, eu consigo perceber que existe esse estereótipo. Mas, por outro lado, eu acho que é por parte de pessoas que não conhecem a profissão e não conhecem o profissional de Biblioteconomia. Quem conhece o profissional de Biblioteconomia, sabe das atividades que ele desenvolve e desconstrói tudo isso.

Por sempre terem trabalhado em bibliotecas especializadas, as outras informantes relatam não saber informar, por nunca terem estado inseridas nesta realidade.

S3 - Não sei informar porque sempre trabalhei em biblioteca especializada. Então essa área de biblioteca infantil, escolar, nunca foi da minha vivência enquanto bibliotecária.

S4 - Eu não consigo perceber isso no dia a dia porque como eu sou uma bibliotecária com esse tempo de experiência, trabalhando sempre dentro de uma instituição pública federal em Ciência, Tecnologia e Inovação, no meu caso isso não é verdadeiro. Eu não posso concordar, porque eu me sinto privilegiada de trabalhar em uma instituição centenária de renome e em uma biblioteca especializada em química. [...] Eu acho que quanto mais tiver profissionais bibliotecários que puxem pelo usuário seja ele infantil ou um aluno de graduação, ou até mesmo um pesquisador, melhor.

S5 - Olha, eu não percebo isso porque eu sempre trabalhei aqui que é uma Biblioteca Super Especializada na área de Astronomia e Geofísica. Aqui, sempre fui respeitada como bibliotecária. Tanto que é quando a gente fala que vai aposentar, o povo fica de cabelo em pé. Tá certo que há uma preocupação de ficar um espaço vazio. Mas acredito que eles saibam que a gente é importante apesar disso. Não sei. Mas estamos aqui para atender os

alunos... O que não desqualifica quem gosta de trabalhar com criança, é um outro universo. Que, infelizmente é desvalorizado, mas não menos importante.

S7 - Eu nunca trabalhei com biblioteca escolar, então não tenho propriedade para falar. Mas uma bibliotecária que trabalha com crianças e que faz recreação não é lá embaixo, muito pelo contrário. Ela tem que ter muito jogo de cintura pra lidar com criança e entreter. E aqui, numa biblioteca, você acaba fazendo tudo também. Não vejo desprezo nenhum nisso, você entendeu? Acho que a própria pessoa se coloca nessa posição.

S9 - Pela pergunta, acredito que não posso opinar por não trabalhar nesse contexto de bibliotecas. No entanto, gostaria de dizer que desaprovo qualquer atitude que menospreza o rico e importante trabalho realizado nesses ambientes.

A pergunta 8 foi elaborada a partir da afirmação de Kergoat (1998), a qual aponta que mesmo com a elevação progressiva das mulheres no espaço público no contexto de flexibilização do trabalho, a estrutura da divisão sexual permanece inalterada encobrendo as relações de poder considerando que a ideia da naturalidade da distinção entre as atividades que cabem aos homens e às mulheres na vida social, por exemplo, prevalecem no século XXI. Observa-se que embora os ambientes da pesquisa tenham em seus quadros, quantitativamente, mais mulheres bibliotecárias nas atividades das bibliotecas, nos demais setores que as coordenam, estatisticamente, o número de homens exercendo funções nas Coordenações de Informação é maior. Coordenações estas que poderiam ser facilmente ocupadas por mulheres. No entanto, este fato passa despercebido das entrevistadas, pois, de acordo com seus depoimentos, desconhecem a razão desta ocorrência. Para além disso, na opinião delas, os critérios que definem a progressão funcional na instituição não tem relação com questões de gênero, apesar de terem elencado: a) competência; b) experiência; c) perfil de liderança; d) cultura institucional e e) gestão, como indicadores de avaliação de funcionários. Eis os depoimentos:

S1 - Não, eu acho que tem mais a ver com a competência e com a experiência.

S2 - Eu sei que em muitas bibliotecas de empresas privadas a progressão funcional é meio duvidosa. Mas na minha vivência institucional, dentro dessa área de biblioteca especializada, da RBP, não pude observar preferência pelo sexo.

S3 - Eu acho que é definida pela cultura institucional, depende da gestão da direção. Mas não sei, nunca trabalhei com homem aqui. Os homens só vieram para me substituir quando eu estou de férias.

S4 - Não. Eu, pelo menos, não faço essa diferença. Eu como não faço, aqui eu faço a avaliação do meu grupo, por acaso aqui só temos um homem, mas

não faço essa diferenciação não. Acho que você tem que separar o profissional do pessoal.

S5 - Aqui, não. Talvez em bibliotecas de empresas privadas. Mas como as bibliotecas vinculadas à RBP são públicas. Em geral, é por meio de concurso e dentro da biblioteca, aqui, é por meio da avaliação de funcionários e dos diretores. Eu tinha chefia, tinha que prestar contas a essa chefia. Essa chefia é um cargo de confiança. Mas como eu já estava há muito mais tempo aqui, eu fui ficando como bibliotecária-chefe. Não tem relação direta com salário. O que tem é bonificação por titulação.

S6 - Não considero o sexo para progressão funcional. Acho que tem haver com o perfil de liderança, com a sua responsabilidade, com seu desempenho, com o reconhecimento desse profissional pelos clientes, então isso tem que ser avaliado.

S7 - Não, acho que não tem. Porque é isso que tô te falando, nós éramos muitas mulheres aqui, e a gente era promovida dentro da biblioteca, mas também não tinha opção porque eram só mulheres, não tem como. [Risos]. Os homens que assumiram as referentes funções devem ter mais experiência e conhecimento para gestão.

S8 - Acho que acontece na Biblioteca como em qualquer outra profissão. Isto irá depender da política da empresa, de quem é responsável pelo processo de promoções, etc. Não vejo como uma questão individual de nossa profissão.

S9 - Não. Isso é outra coisa também que eu não consigo perceber para a Biblioteconomia, talvez seja por desconhecimento meu, ou a nossa área não passa por essa questão, mas toda vez que eu vejo uma reportagem ou uma manchete dessas por aí dizendo que homens e mulheres tem salários diferenciados por conta do sexo, eu fico tentando entender o motivo. Porque para quem é concursado o salário deveria ser igual. Mas não sei se em cargos de gerência ou por indicação não haja preferência por homens, aí sim pode surgir essa distinção. Mas na progressão da biblioteca, não sei se ocorre.

Como se pode perceber por esses depoimentos, há um desconhecimento acerca das desigualdades de gênero em cargos de confiança ou de liderança. Entende-se, portanto, que há interferência de gênero, apesar de haver certa resistência das bibliotecárias em assumir tal fato. Por esta razão, com intuito de enriquecer ainda mais o debate sobre a temática e promover uma maior reflexão acerca do assunto, a pergunta 11 foi elaborada objetivando informar um levantamento preliminar da presente pesquisa. Neste, constata-se que de todas as instituições das bibliotecas vinculadas à Rede de Bibliotecas das Unidades de Pesquisa do Ministério de Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, neste período de 2017, apenas duas possui em sua diretoria geral/presidência mulheres ocupando este espaço. As bibliotecárias foram questionadas sobre os motivos a que elas atribuem essa informação e se isto influencia as decisões a serem tomadas em suas bibliotecas. Prosseguem os depoimentos:

S1 - Bom, aí é quando você vê de Instituição pública, né? Quando você fala de Instituição Pública, pode ter uma influência política, de necessidade de alocação de aliados políticos, cargos de indicação em determinadas funções. Nesse caso, não tem a ver com a competência. Então, aquela função

encaminhada para uma pessoa que está ali para outros propósitos não está interessada na gestão da informação, conseqüentemente, em alguma medida isso vai refletir nas decisões gerenciais sim.

S2 - Dento das Instituições, existem lugares que o responsável pela biblioteca é um pesquisador. Já teve até processo por isso, mas entra naquela história... É um cargo de confiança, de indicação. Na minha cabeça, não é o fato de ser ou não ser mulher que está nesse comando. Porque sim, existe quase uma tradição em determinados lugares de que quem vai ser o chefe é o pesquisador, o DAS é do pesquisador. Em geral, o pesquisador é aquele que se importa com a biblioteca, que gosta de dar as orientações. Eu acredito que, em alguns lugares, a bibliotecária estar subordinada a um pesquisador que coordena o setor de bibliotecas pode influenciar nas decisões a serem tomadas se ela não tiver autonomia e espaço para falar das necessidades da biblioteca, se não houver essa troca. Como esse pesquisador é indicado pelo diretor, e não necessariamente é da área de informação, então de maneira indireta acaba influenciando, inevitavelmente. Mas, nas reuniões da RBP, as bibliotecárias não costumam reclamar disso, não. O que eu não sei te dizer é porque na maioria dos institutos de pesquisa esse cargo é de um pesquisador e não de uma pesquisadora, poderia ser de uma pesquisadora, mas a gente não encontra quase mulheres pesquisadoras nesses cargos, a razão disso eu não sei te dizer.

S3 - Olha, o que acontece é que todas as bibliotecas da RBP são vinculadas ao Ministério de Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, mas cada instituição tem seu organograma próprio. Então, por exemplo, aqui nunca teve função de bonificação dentro da biblioteca, outros setores têm, os indicados pela direção têm, entende? Caso a biblioteca tivesse uma posição em uma hierarquia maior, talvez a gente recebesse essa bonificação, mas não é o caso. Nesse sentido, influencia na biblioteca. Para outras coisas, a chefia atual entende a nossa problemática e tenta resolver.

S6 - De serem mulheres, querendo ou não, são as especializadas das Ciências Sociais, a do MAST e do IBICT, de resto é tudo homem. Acredito que isso ocorre pelas áreas afins da Instituição, por conta da indicação. O sexo não influencia, a influência vai depender do vínculo que o gestor da biblioteca tem com a direção geral e com as ações da Instituição. Tem diretores que nunca usaram a biblioteca. Depende da experiência do gestor com relação ao uso da biblioteca.

S8 - A desigualdade de gênero em cargos de direção não é uma prerrogativa das Instituições da RBP. Acredito que em todas as empresas cargos de direção sejam de homens. Isso decorre de uma série de fatores históricos. Os homens saíram na frente no mercado de trabalho e talvez por isso haja essa disparidade, até salarial. Se quem está na diretoria geral desconhece as necessidades da Biblioteca, influencia. Como no orçamento dispendido para mais recursos da biblioteca. É a cultura organizacional.

É perceptível como o discurso muda de uma questão para outra. Nesta, uma bibliotecária admite que existem interesses por detrás das políticas de alocações de cargos por indicação e, para tal, a competência não é critério de escolha para progressão. Outra informante, assume que em algumas bibliotecas o responsável pelo setor não é a bibliotecária, mas sim um pesquisador indicado. Embora, não admitam que há intervenção do sexo, reconhece que esta é uma realidade existente. Uma das respondentes cita o fator “bonificação” para essa disputa de poder. 66,7% das entrevistadas consentem que a direção

geral, independente do sexo, influencia, em certa medida, as decisões a serem tomadas na biblioteca, sobretudo, os que desconhecem as suas necessidades. 22,2% das depoentes não acredita que o sexo possa ter influência em decisões tomadas na biblioteca e 11,1% não soube se posicionar a respeito da questão, pois em virtude de só ter experiência de trabalho com coordenadoras mulheres revelou não ter parâmetro para fazer essa avaliação.

Nos depoimentos a seguir, as bibliotecárias comentam as dificuldades para as duas únicas mulheres que ocupam estes cargos de direção nas instituições e que estas são exceções por estarem em um grau elevado de qualificação nas áreas afins das instituições a qual pertencem.

S5 - Interessante esse dado. Eu acho que deve ser só porque elas são altamente qualificadas nas áreas afins da instituição. Elas devem ter passado perrengue para chegar lá em cima. Aqui eu nunca vi uma mulher ocupando a direção, para ser diretor geral dessa instituição tem que ser pesquisador de Astronomia e Geofísica, ou área afim. Mas para as mulheres entrarem nessas áreas é muito difícil. Agora está tendo comitês de busca, tem só quatro candidatos, dois geofísicos e dois de metrologia. Então, foi a lista tríplice lá para o Ministério. Eles vão escolher. É o governo que escolhe os cargos de indicação, tem sempre uma panelinha. Tem interesses envolvidos nisso. Entendeu? No IBICT, apesar de ter muita bibliotecária, pessoas de computação e informática, com certeza vão abocanhando esse espaço que elas poderiam estar ocupando. A pessoa responsável por esse lugar vai determinar os coordenadores que, por sua vez, vão determinar os recursos da gestão de outros setores, então, atinge sim, influência nas coisas que acontecem na Biblioteca.

S4 - Eu acho que pelo fato de ter sido apenas duas mulheres foi uma escolha. Elas são uma exceção, mas não acredito terem sido indicadas pelo sexo, mas pela competência. Porque a gente passa por uma escolha de colegiado dessas unidades de pesquisa, daí quem passa é quem tem melhor competência no seu currículo, mais experiência de vida e de profissão, independente de ser mulher. Por acaso, essas duas são.

S7 - Engraçado, porque, por exemplo, minha chefia é mulher, a superior da minha chefia também é uma mulher, que toma conta de uma área muito grande, então é difícil de responder, porque eu sempre vivi nesse mundo onde as mulheres tavam muito em coordenações que incluem a área de informática e informação. Isso facilitou muito as coisas, apesar dos diretores, em sua maioria, serem homens.

Uma das bibliotecárias, apesar de não achar que tenha influência nas decisões tomadas na biblioteca, concorda que a Ciência continua a ser, majoritariamente, dirigida por homens.

S9 - Não acho que possa ter influência em decisões tomadas na Biblioteca. Acho que a Ciência, em um modo geral e que, portanto, não se restringe aqui aos espaços indicados na questão, ainda é, de certa forma, em maior parte dirigida pelo gênero masculino.

Por estes depoimentos, constata-se que a desigualdade de poder não está direta e somente relacionada às posições subalternas que as mulheres assumem, como também à sua formação e áreas de atuação. O enfrentamento das dificuldades na Ciência é sentida pela interferência de gênero. Não à toa, a pressão social, cultural e ideológica presente na sociedade incide fortemente no que diz respeito à inferiorização da mulher que, inconscientemente, não projetam maiores expectativas nesse cenário por se definirem incapazes. Assim sendo, embora haja um deslocamento entre as fronteiras entre o masculino e o feminino, a hierarquia social que confere superioridade ao primeiro não foi superada.

5.2.4 O impacto do estereótipo de gênero sobre a mulher bibliotecária

Nesta categoria foi analisado o impacto do estereótipo de gênero sobre a mulher bibliotecária sob a ótica de suas próprias experiências por meio de 4 perguntas. São estas: 12) Diversos estudos da Biblioteconomia apontam que os poucos lugares de poder da área são direcionados aos homens. Ao verificar o cenário atual em algumas principais instituições da área essa premissa se confirma. Pode-se dizer que os cargos de liderança de topo ou de chefia na Biblioteconomia são, em uma visão estereotipada, cargos masculinos. Ao longo do seu percurso profissional você tem sentido o impacto desse estereótipo? Caso tenha, sofreu algum caso de discriminação por exercer essa profissão?; 13) De acordo com a recuperação de imagens de bibliotecárias feita por usuários da Web, a maioria continha efeitos de dois estereótipos. Em primeiro lugar, o estereótipo da bibliotecária jovem, sexy e provocativa; e em segundo lugar, o estereótipo da bibliotecária velha, ranzinza e carrancuda. Em algum momento da sua vida, você sentiu que esses estereótipos tiveram certo impacto? Se sim, como isso te afetou?; 14) Por que, em sua opinião, ainda ocorre preconceito relacionado à mulher bibliotecária?; 15) Na sua opinião, que alternativas poderiam ajudar na modificação do estereótipo de gênero sobre a mulher bibliotecária atualmente?

Diversos foram os estudos realizados no âmbito do conceito e formação dos estereótipos. Contudo, vários autores reconhecem a intensidade na abordagem à discriminação inerente aos estereótipos nas relações interpessoais, colocando de parte a discriminação nas relações intergrupais e institucionais (AMÂNCIO, 2004).

A pergunta 12, referente à opinião das bibliotecárias sobre a visão estereotipada dos cargos de topo serem masculinos e se elas já sofreram discriminação por exercer a profissão, foi elaborada a partir dos levantamentos realizados na presente pesquisa, dos quais demonstram atualmente a maioria das presidências dos Conselhos Regionais de

Biblioteconomia do Brasil são ocupações masculinas. E, embora desde 2000 o Conselho Federal tenha 3 gestões de mulheres e 3 gestões de homens, a próxima gestão é cogitada por um homem. A partir dos depoimentos, observamos que apesar de 88,9% das bibliotecárias relatarem não sofrer discriminação por exercer a profissão, a mesma porcentagem considera presenciar esse estereótipo e admitem as limitações pelas quais o ambiente em que trabalham não as permite sentir discriminação, a ver pelas respostas:

S2 - Bom, aqui eu nunca sofri discriminação. Mas se for parar pra pensar em um âmbito maior, é notório, né? A gente vê em tudo que é lugar os homens como maioria em cargos de direção, mesmo tendo mulheres em diversas equipes, os responsáveis são sempre homens. Sempre que eu fui representar o Conselho, a biblioteca, nunca foi feito um comentário que me causasse algum constrangimento por eu ser bibliotecária e ser mulher. Mas assim, o mundo que eu vivo é muito pequenininho, há de convir que essa área de Ciência e Tecnologia é um grupo pequeno de bibliotecas especializadas que lida com pessoas que precisam da pesquisa e, não só conhecem como reconhecem o papel da biblioteca, já trabalham há muito tempo juntas. Mas, certamente, se houver um viés da sua pesquisa com outra realidade de bibliotecárias escolares, por exemplo, com certeza vai encontrar muitos relatos de discriminação. Eu tenho uma amiga bibliotecária de escola pública que já foi discriminada pela direção do colégio. A direção queria cortar a verba para a compra de livros e tentou desqualificar o trabalho dessa minha amiga. Então, assim, apesar de eu não ter sofrido, eu acredito que algumas bibliotecárias sofram com isso sim.

S3 - Na Biblioteconomia eu não senti. Mas logo assim que me formei em Administração, percebi que havia um direcionamento de mulheres para a área de Recursos Humanos e para os cargos de liderança de topo os homens sempre estavam em maior número. Como eu gostava de estatística, sempre se surpreendiam com esse fato.

S5 - Eu sempre fui a chefia aqui durante 20 anos, nunca sofri discriminação. Antes existia uma comissão de bibliotecas, com pesquisadores de cada área coordenando, dizendo o que precisava ser comprado, eu nunca percebi que eles me menosprezavam por eu saber “menos” que eles. Tanto que depois essa comissão foi extinta, porque nós absorvemos tudo. Nos tornamos capacitadas a fazer esse serviço sem eles. Mas claro que essa situação depende do Instituto, aqui fomos valorizadas, em outros pode ser que não aconteça. Tem instituto que o diretor não apoia, não participa e não busca saber a importância da Biblioteca. Nesse caso, o primeiro corte de gastos é na Biblioteca. Aqui foi uma sorte. Esse diretor agora, gosta da Biblioteca, só não gosta de papel, quer transformar tudo em digital, quando se fala em compra de livro físico é um custo. [Risos]. Depende muito da política, ia ser bom se a gente se inserisse nesse meio. Ia ajudar muito nos projetos. Porque os problemas que a gente tem aqui, e acho que em todas as instituições da Rede, são reflexo das decisões tomadas em Brasília.

S6 - Olha, de saber que existe esse estereótipo, isso ocorre há milênios. A gente tá inserida em uma cultura latina, nós fomos colonizados por portugueses altamente tradicionalistas, isso é a raiz, por mais que você se modifique com o tempo, você não consegue apagar a raiz. Então, existe esse estereótipo dos cargos de poder serem masculinos e ainda que a gente não perceba acabamos sofrendo com isso. Até há uma mudança nesse estereótipo, mas o índice de mulheres em chefia demonstra que é muito

pouca, chutando aqui, acho que não chega a nem 10% de mulheres no poder, de uma maneira geral no país. Na Biblioteconomia também realmente é o mínimo dos mínimos, não é o homem que faz a gestão da informação na biblioteca, o homem é quem fica em cima com aquele que gere, aquele que manda os recursos, aquele que assina os papéis, que na realidade não opera. Então, na maioria das vezes, a mulher faz tudo e o homem só fica com o status. Posso dizer pra você que ao longo da minha vida, nos órgãos de pesquisa especializada, eu já fui chefe de muitas bibliotecas, eu nunca sofri discriminação, mas eu percebo esse estereótipo como uma verdade que não me agrada, porque a profissão deveria estar desvinculada disso, no meu ideal. Mas assim como a parte racial influi muito e é subliminar, a parte de gênero também influi, mas já é evidente.

S4 - Eu não consigo perceber isso porque a maioria da minha vivência profissional foi com bibliotecárias. Mas que bom que você tá colocando isso, porque agora a gente passa a olhar mais detalhadamente esses lugares. Eu não tinha dados sobre isso.

S8 - Acho que estou desatualizada. A percepção que eu tinha, ao frequentar encontros e congressos da nossa área, era que a grande maioria das diretoras das unidades de informação eram mulheres. Eu nunca senti, mas também nunca procurei ocupar lugares de poder na Biblioteconomia.

S9 - Até o presente estágio da minha experiência profissional, não sofri essa discriminação.

O estereótipo aparece novamente quando apontadas características atribuídas aos homens como: a) maior envolvimento político; b) nível de conhecimento mais avançado do que de mulheres nestas ocupações; c) mais interesse historicamente construído pelas áreas. Eis o depoimento:

S1 - O que eu acho e reafirmo é que talvez pelos homens serem mais envolvidos politicamente, ou talvez pelo conhecimento ou interesse vindo de uma profissão, de uma história, em que os homens tiveram mais interesse pela parte da informática, de novas ferramentas, talvez por isso eles estejam ocupando esses lugares. Mas não sei, nunca parei para analisar isso para dizer se sofri discriminação. Eu nunca olhei nessa perspectiva como bibliotecária-chefe.

Pelos testemunhos capturados, observa-se, de forma muito acentuada, a importância que o fator histórico tem no acesso das mulheres aos cargos de liderança de topo e como estereótipo torna-se uma problemática que embarreira as mulheres, mesmo que involuntariamente, a ocuparem os mesmos. A maioria das entrevistadas considera a tradição na escolha de homens para cargos considerados mais relevantes, de maior importância, que, por natureza, não serão atribuídos às mulheres. Uma delas refere-se às origens para explicar tal fato: “a gente tá inserida em uma cultura latina, nós fomos colonizados por portugueses altamente tradicionalistas, isso é a raiz, por mais que você se modifique com o tempo, você não consegue apagar a raiz”. Ou seja, tais cargos estão tão arraigados à figura masculina que

difícilmente mudará. Essas opiniões expressam o pensamento de Amorim (2009) que considera que pelo fato de vivermos em uma sociedade ainda demasiadamente conservadora, as mulheres têm que se dedicar ainda mais para mostrar que podem ser boas líderes e tão competentes quanto os homens.

É possível verificar, tanto pela literatura quanto pela ótica de usuários da web, que a imagem da bibliotecária ainda é assinalada e veiculada por preconceitos que permanecem, mesmo que de forma velada, inferioriza a profissão especialmente quando associa-se ao reconhecimento profissional à oportunidade de trabalho, aos salários recebidos e às disputas de mercado, como fora pontuado por Walter (2008).

Para Tajfel (1983) os estereótipos servem para criar distinções entre o grupo de pertença, ideologizam os comportamentos e ações de grupos de pessoas, estratificam-se segundo critérios sociais valorizados/desvalorizados, isto é, caracterizam e definem papéis de gênero. A exemplo disto, Sousa (2014) afirma que a imagem de uma mulher que, supostamente difere do homem pela sua emocionalidade, condiciona o seu comportamento e torna-se uma espécie de protótipo de temperamento que se espera da mulher em qualquer situação. Do homem se espera, por exemplo, personalidade forte e agressividade. Isso são atitudes recorrentes que, por vários fatores, perduram até os dias atuais como foi representado nas categorias anteriores.

A partir disso, a pergunta 13 foi formulada com a pretensão de ver respondida a questão dos estereótipos de gênero pela percepção das bibliotecárias. Ou seja, saber se as entrevistadas têm sentido impacto do estereótipo de gênero ao longo do seu percurso profissional e, em caso afirmativo, como esse estereótipo condicionou a sua atuação enquanto bibliotecária. Constatou-se que 55,6% das informantes sentiram o impacto do estereótipo de gênero em suas trajetórias profissionais.

S1 - É, eu senti. Como eu tenho 38 anos de profissão, eu ainda peguei o iníciozinho daquela imagem daquela bibliotecária antiga e daquele espaço da biblioteca antiga. Então quando eu falava que era bibliotecária, algumas pessoas já me olhavam meio torto e batia aquela estranheza, né? Mas acho que isso mudou muito. A imagem do bibliotecário como um profissional competente, que sabe lidar com ferramentas informacionais, que tem conhecimento está crescendo aos pouquinhos. Essa imagem ao longo dos anos tem sido modificada.

S4 - O pessoal tem visto isso na web? É? Caramba. Que horror! Olha, sim. Eu já passei por algumas experiências, como eu te falei, quando eu fui coordenadora do Catálogo Coletivo Regional da cidade do Rio de Janeiro, [...]eu senti. Realmente, na época eu senti, porque eu era muito nova, mas entendia muito do catálogo e fazia essa coordenação. Nesse cargo, eu pegava várias listas de folha contínua, uma listagem gigantesca que se destacava cada um dos periódicos por título que eu tinha que olhar e revisar por vez.

[...]. Toda semana que eu chegava lá, a chefe da biblioteca na época me olhava e virava o rosto, falando “eu não sei por que essa instituição pegou a coordenação Catálogo Coletivo”. Por eu ser jovem, eu acho que ela julgava minha capacidade pela imagem que eu aparentava. Então, isso me incomodava um pouco, porque toda terça-feira eu escutava a mesma coisa. Quer dizer... Pra ela, a experiência estava vinculada a idade e a tudo que ela atribuía ser uma bibliotecária. Mas eu respeitava porque ela era uma senhora, exatamente como esse estereótipo. [Risos]. O estereótipo da bibliotecária jovem, sexy e provocativa não deveria ter em nenhuma instituição, primeiro porque você tem que ter uma ética e postura profissional. Então, ser jovem não é problema, porque como eu disse, não está ligada à competência. Sexy pode ser, sem ser vulgar no ambiente de trabalho. Provocativa muito menos, porque você tem os espaços para isso, não dentro da biblioteca. Em segundo lugar, a bibliotecária velha, ranzinza e carrancuda, pode ter tido no passado como aquela chefe da biblioteca do Museu Nacional, que realmente eram pessoas que, talvez, tiveram aqueles ensinamentos de professores de biblioteconomia mais carrancudos mesmo, pode ser que eles se espelhavam neles. Mas realmente, ficou esse estereótipo que os bibliotecários são sempre mulheres, velhas, com aqueles oclinhos pendurados, tais a ver com as próprias bonequinhas bibliotecárias.

S2 - Esse estereótipo da jovem, sexy e provocativa, eu até já vi algumas imagens, mas não achava que era tão forte não. O estereótipo da bibliotecária velhinha, com coque, de óculos, o colar de pérolas... Não me afeta só porque eu sou uma pessoa muito simples, muito tranquila com o que eu aparento. Agora, em determinado momento, que em vários lugares que você ia, você encontrava aquela coisa da pessoa acomodada e tal... De um tempo para cá, teve uma sacudida, eu sinto isso, não sei se é porque eu convivo com muitos bolsistas de iniciação científica, esse pessoal que está mais diferente mudou um pouco o segundo estereótipo. Já veio gente falar “ah, porque você não pinta esse cabelo branco?”, eu respondi “porque eu cansei de pintar”, eu não me esquento com isso, mas tem gente que entra até em depressão, né? Mas eu mesmo não me estresso, a gente tem que ter a consciência tranquila de que tá fazendo as coisas. Essas coisas são imposições sociais que levam a lugar nenhum, esses estereótipos só denigrem a imagem da profissional competente e só.

S6 - São os dois, né? Os opostos. Na minha vida, sempre teve impacto o primeiro estereótipo. Porque na minha profissão, não que eu seja tão bonita assim, eu sempre fui muito cordata, sempre lidei muito bem com as pessoas. Então, isso influencia nas pessoas irem mais à biblioteca, quando sabe que tem uma bibliotecária bonita ali, atenciosa... Quando a antiga bibliotecária se aposentou aqui, eu vim trabalhar, era mais nova, ouvi muitos comentários, do tipo: “agora fizeram um upgrade na biblioteca”. Nós vivemos em uma sociedade agora do século XX/XXI, que dá muito valor à estética, à aparência, então até com isso a gente tem que se preocupar, tem que atender esse requisito para chamar sua clientela, e vinculado a isso, a mídia, a indústria promove uma imagem muito sexualizada da bibliotecária. Então, por existir esse estereótipo, existe o assédio também. E, como os chefes geralmente são homens, as mulheres muitas vezes são assediadas, ainda que de forma velada. O que eu percebo é que isso é fomentado pela indústria e altamente consumido, nas próprias séries de TV a gente percebe a biblioteca como espaço de fetiche dos jovens para namorar, já viu? Comigo o assédio ocorria, mas era mais suave porque eu sabia me impor, me colocar. Isso a mulher bibliotecária tem que estar sempre atenta, saber se fazer profissional. Por sempre trabalhar com homens, o que que eu procurava fazer, eu dava tanta importância ao trabalho de utilidade que eu fazia para eles que não

gerava espaço para assédio. Eu criava o meu status de relacionamento que era respeitado. Eu tive realmente um problema com assédio de um superior da área de gestão da Instituição que tentou me prejudicar, me tirar do meu cargo de confiança, de diminuir meu salário e conseguiu. Mas acontece que quando a gente age certo na vida as coisas fluem para o bem. Porque o superior dele se indignou e falou: “Que? Como? Essa profissional? De jeito algum”. E me alocou novamente no cargo de gestão. Eu acho que a atração é uma coisa, é natural e pode acontecer quando você se relaciona, agora o assédio é quando você passa a interferir na liberdade do outro e isso é uma coisa muito séria. A bibliotecária precisa estar preparada para se relacionar, mas mais preparada ainda para as situações geradas pelas relações com as quais ela vai ter que enfrentar na trajetória profissional em cada comportamento, porque a cada momento você vai estar lidando com um usuário diferente, com necessidades diferentes, com problemas diferentes, porque você querendo ou não quando você vai dialogar a parte profissional, vai ter alguma coisa da vida pessoal. Então é muito importante que o profissional saiba ocupar bem o seu espaço, saiba dizer, além de tudo, “eu sou competente”, eu garanto o que eu estou fazendo para o usuário.

S7 - Sim, teve impacto. Porque a imagem que as pessoas têm da gente influência na nossa vida pessoal e também tem impacto para o conhecimento da profissão, não tanto a senhora de óculos, a segunda parte é que me assustou tremendamente, porque eu nunca imaginei. E quem costuma achar uma mulher sensual, acha também que ela é burra. Desqualifica o trabalho dessa profissional, né? Mas é engraçado que outro dia eu vi esse estereótipo da velha carrancuda, que dificulta o acesso aos livros, acha que a biblioteca é dela. Fui almoçar ali no Restaurante Universitário aqui do lado, lembrei que tinha um livro que um funcionário pediu, mas não tinha aqui. Daí eu aproveitei para dar uma passadinha ali na biblioteca central para tentar pegar esse livro emprestado através do COMUT, tava com toda minha identificação certinha. Fui conversar com essa bibliotecária e ela: não vou pegar não, sinto muito, tem que mandar e-mail primeiro. E ela não estava fazendo nada, não custava fazer essa gentileza. Então, você imagina, se eu não conheço o trabalho do bibliotecário, acabo reduzindo tudo a essa experiência ruim e generalizando para outros profissionais. Quer dizer... A gente precisa ter cuidado com isso.

Apesar dos 44,4% restante das bibliotecárias terem relatado não sentir o impacto desse estereótipo, observa-se, a partir de dois depoimentos, que houve situações nas quais o estereótipo e a falta de reconhecimento profissional caminharam juntos desde a escolha do Curso. Uma delas supõe que a caracterização da mulher bibliotecária adveio da representação midiática estadunidense das profissionais, confirmando a inferência de Sousa e Freire (2015) sobre os signos dessa imagem não representa uma coisa, mas a ideia dessa coisa.

S3 - Eu nunca senti o impacto desses estereótipos porque eu nunca fui jovem, sexy e provocativa e quanto a bibliotecária mais velha, como eu não sou ranzinza e nem carrancuda, eu acho que eu não sofri. Também não faço ideia da imagem que os usuários tem de mim, vou passar a reparar. [Risos]. Mas quando eu tinha dezoito anos, eu tinha uma amiga que quando eu fui escolher a carreira, eu fui escolher, mas não tinha nenhum conhecimento do que era realmente o trabalho da bibliotecária. Ela olhou para mim e falou:

Mas Biblioteconomia???. Aí como ela muito amiga, eu desanimei e por isso a minha primeira faculdade foi Administração. Como ela é ligada à exatas, acho que o que causou estranheza foi ela ter pensado que era só atendimento ao público. Não via a parte técnica, a gerencial da coisa.

S5 - Eu tive professoras que eram esse estereótipo das velhas, bem o que você descreveu aí. Mas até que umas eram simpáticas. Minhas chefes também. Acho que isso vem muito da imagem criada nos Estados Unidos da América, nos filmes americanos, na tv, sempre a gordinha e velhinha, atrás de um balcão cheio de livros. Essa imagem se perpetuou por um tempo, por isso que deve ser difícil as pessoas verem a bibliotecária como pesquisadora, estando ali no mesmo nível de um pesquisador sendo essencial no processo de pesquisa dele. Mas no meu percurso profissional, eu já trabalhei com bibliotecárias jovens e com as velhinhas também, aqui dentro acho que não teve impacto pelo meio que a gente está inserida. Mas popularmente, é mais difícil fazer as pessoas entenderem o que a gente faz. Eu nunca percebi esses estereótipos terem impacto no meu meio, mas pra divulgação da profissão deve ter sim.

Ao complementar a questão, a respondente 5 relata em tom de brincadeira: “a da jovem sexy nunca aconteceu, quando estamos só eu e a outra bibliotecária não aparece ninguém, mas quando tem estagiária a biblioteca lota [Risos].” Esta situação denota que possivelmente a imagem vertida da bibliotecária de idade mais avançada é um dos fatores que repelem os usuários, afetando diretamente, deste modo, a frequência da biblioteca.

A referida “imagem criada nos EUA”, faz parte de uma grande maioria de estratégias manipuladoras da informação pictorial, principalmente nos meios de comunicação, das quais não são falsificações diretas da realidade expressas de modo assertivo, mas, manipulações por meio de uma pluralidade de formas indiretas de disseminar significações sobre o profissional (SOARES; FREIRE, 2005). É possível verificar, assim, como as representações sociais imaginam a profissão e veiculam essas ideias nos meios de difusão de informação. Mesmo sem aprofundar a análise, entende-se que essas arguições importantes para a conscientização das bibliotecárias, de que as discriminações existem e que esses veículos são formadores de opinião. Assim, não se pode desconsiderar o quanto isso pode significar em termos negativos para o reconhecimento dessa categoria perante a sociedade (WALTER, 2008).

Como exposto no referencial teórico, os preconceitos atribuídos à profissão continuam e têm colocado a mesma em patamares inferiores no mercado de trabalho confirmados pelo pouco reconhecimento expresso nos baixos salários. E, apesar da comprovação de melhoria no mercado de trabalho também tem se constatado que as vagas abertas não atendem as demandas da área (SOUSA, 2014). Diante disso, os autores consultados apresentam uma imagem pessimista que tem se perpetuado, ao longo dos anos, sobre a profissão e, em

particular, sobre as bibliotecárias que na maioria das vezes são consideradas as culpadas por essa situação, conforme descrito por Souto (2005, p. 34):

As bibliotecárias são extremamente passivas, apáticas com pouca capacidade de articulação política e de organização com seus pares em entidades de classe. Sua imagem também é associada àquela pessoa mal humorada e antipática, que impõe normas e sanções aos usuários, se relacionando com eles de maneira autoritária em vez de carismática.

Nessa ordem, a pergunta 14 tem a finalidade de verificar as razões da permanência de determinados preconceitos relacionados à mulher bibliotecária, na opinião das bibliotecárias. As causas para esse fenômeno, na percepção delas, podem ser elencadas como: a) pela veiculação da imagem estereotipada da profissional na mídia e na indústria; b) pelos discursos perpetuados na sociedade sobre o bibliotecário; c) pelo desinteresse em conhecer as ações dessa categoria profissional; d) pela desvalorização da profissão; e) por culpa da própria bibliotecária; f) pela desatualização da bibliotecária; g) pela postura profissional da bibliotecária; h) por causa do estereótipo; i) por causa da não atuação em áreas afins das instituições.

S1 - Acho que é pela história, pelo que é mostrado nos filmes, na mídia... Esse estereótipo de bibliotecária que era durona, mandava falar baixo, influencia as pessoas... Mas a realidade é que hoje não é isso. As bibliotecas estão on-line, estão digitais. Então acho que isso contribui pra uma mudança no pensamento.

S2 - Porque existem coisas que elas vem e ficam de uma maneira que pra você fazer um outro desenho, isso vai levar muito tempo. O que é que eu observo? Mesmo a profissão tentando se renovar, existem discursos que estão ali presentes e pra você tirar aquilo dali é complicado, pois eles só reforçam a imagem deturpada que a sociedade tem da profissão e da mulher que está ali representando ela, como a do Conselho, por exemplo. Tem aquele discurso “ah, o Conselho não faz nada”, mas há um desinteresse em conhecer, de fato, as ações do Conselho. Daí, acaba que se uma mulher está a frente do Conselho, ela acaba sofrendo mais ainda só por ser mulher. Tá me entendendo? Porque tem aquele outro discurso preconceituoso do “tinha que ser mulher...” que já coloca a culpa nela de maneira generalizada. Então, tudo vem de um desconhecimento das ações que são feitas. É fácil falar que uma biblioteca está entregue às traças, porque a responsabilidade não é só da pessoa. A gente está vivendo em um momento que é corte, corte, corte... E a gente vê que.. Você vai comprar livros para a biblioteca, vai comprar base de dados ou vai manter o prédio limpo para as pessoas poderem entrar? Você vai estar vivendo escolhas de ofício sucessivas, essas escolhas que começam a desestimular e tal. A gente vive uma conjuntura que ela favorece isso, favorece o desânimo e esse preconceito. Porque esses discursos já foram solidificados de uma tal maneira que nem assim o indivíduo consegue enxergar aquele outro desenho.

S3 - Eu acho que é porque como a Biblioteconomia é desvalorizada e é uma área predominantemente feminina acaba sendo associada como culpada. Assim como a profissão de professora, de enfermeira... Valorizados são os médicos, engenheiros e advogados. São os tops de linha, né?

S4 - Na minha opinião, eu acho que se ainda existe é porque a própria profissional não se mostra como deveria se mostrar. Então, se a gente tem um estereótipo de velha e carrancuda, não é o meu, porque eu quero envelhecer, mas não quero ser a chata, a carrancuda. Pelo contrário, eu batalho e procuro me capacitar. Portanto, para mim, o profissional tem que se mostrar profissional, ter limites entre ele e o usuário para não abrir brecha para esse tipo de estereótipo. Tem que ter postura, em qualquer lugar que você se mostre, a primeira impressão é a que fica. Se você vai fazer uma apresentação, você tem que se vestir de acordo com aquela ocasião. E se manter ao longo do tempo, eu acho que o que você é e como você reage, é como você passa.

S5 - Eu nunca enfrentei preconceito por exercer a profissão, porque meu único emprego foi aqui. Então tudo que tinha que fazer eu fiz, já me conheciam. Então eu não sei porque ocorre isso, deve ser pela imagem que criaram da gente na TV e que fica na cabeça das pessoas.

S6 - Por culpa dela. A mulher bibliotecária pouco se atualiza (estou te falando o que eu vivencio, pode ser que a turma nova agora seja diferente, tenha uma nova visão). Eu sinto que o bibliotecário empobrece a profissão, ele não busca progredir, não abre o campo. O bibliotecário hoje pode ser um historiador, pode ser um arquiteto, mas não busca explorar novos desafios, não procura consolidar a função da informação, conhecer a inter e multidisciplinaridade da profissão. A bibliotecária precisa ser proativa, não pode se focar em uma linha de conduta senão ela fecha o campo dela e não pula fora desses estereótipos. No meu caso, eu já to no fim de carreira, mas se eu fosse mais nova, eu ia buscar outra especialização, em teoria da física. Porque se eu conhecesse mais física, eu ia ser muito melhor para o meu usuário. Eu ia fazer cursos, ia encher a minha cabeça de coisas que me fizessem melhor para quem eu tô trabalhando. Por exemplo, na Europa, Biblioteconomia é a especialização, então você busca uma área do conhecimento para depois fazer Biblioteconomia. Aqui como Biblioteconomia é um curso de graduação, os profissionais ficam acomodados e não procuram outras profissões e áreas distintas para se especializar. A bibliotecária precisa mostrar o seu fazer e seu papel, promover eventos, buscar lá fora o que ela pode fazer para a área de informação dela, que seja importante para ela e que gere resultado para a comunidade que usa aquele espaço.

S7 - Como eu trabalho aqui há tanto tempo só com mulheres, eu não sinto esse tipo de coisa, talvez vocês, mais novinhas, entrando no mercado sintam esse preconceito. Mas acho que pode ser a postura que algumas bibliotecárias já tiveram ao longo da história, a maneira que elas tratavam o usuário, a maneira de ajudar ou não ajudar a procurar a informação.

S8 - Atribuo isto ao fato de não atuarmos nas áreas fins das instituições.

S9 - Acredito que por causa do estereótipo que, infelizmente, ainda é enraizado na sociedade. E esse estereótipo não é somente da profissional, mas também do que se considera o espaço da biblioteca.

A percepção das entrevistadas acerca das razões do preconceito sobre a mulher bibliotecária pode demonstrar que a visão da profissão é, ainda, radicada impreterivelmente

pela figura feminina e pelo significado do espaço da Biblioteca no país. Embora, as respondentes não tenham expressamente se manifestado no sentido de sofrerem tal preconceito ou discriminação no exercício da profissão, os seus testemunhos transparecem a existência destes e a imagem estereotipada das profissionais de Biblioteconomia. Algumas informantes atribuíram a culpa destes fenômenos à própria bibliotecária, este fato não difere da teoria avalizada por Castro (2000, p. 154-155) que julga os profissionais como responsáveis pelos problemas da profissão:

a) ausência de postura profissional: geralmente o bibliotecário mantém uma posição subalterna diante dos companheiros de outras áreas, quer seja no modo como os atendem, geralmente de maneira paterna, quer seja na forma como se posiciona diante do mundo social, político, educacional e cultural. [...]; b) baixa criatividade para adaptar as técnicas e tecnologias às necessidades da clientela a quem empresta sua força de trabalho, e em alguns casos rejeição à incorporação dos elementos não humanos nas suas bibliotecas. [...]; c) rejeição às mudanças, às críticas e à absorção de novos saberes à área, e d) desqualificação profissional: acreditamos que seja esta a causa dos demais problemas.

A última pergunta, 15, foi elaborada de modo, a saber, que alternativas poderiam ajudar na modificação do estereótipo de gênero sobre a mulher bibliotecária atualmente segundo a opinião das bibliotecárias. Sob a ótica das entrevistadas, as possíveis alternativas que se destacam para essa mudança são: a) o trabalho contínuo sobre as competências do profissional bibliotecário; b) a conscientização do trabalho biblioteconômico para a alta gestão; c) a motivação da nova geração de graduandos em Biblioteconomia para os diversos perfis da profissão; d) o incentivo de enfrentamento de preconceitos para meninas; e) o engajamento político das bibliotecárias; f) o estímulo da prática biblioteconômica no ambiente escolar; g) o comportamento ético profissional; h) postura discreta; i) a atualização profissional sobre as ferramentas tecnológicas; j) a proatividade das bibliotecárias para com os seus usuários e k) o combate direto da caracterização pela atuação em outras áreas.

S1 - Eu acho que tem que trabalhar mais as competências do profissional de Biblioteconomia, que são essenciais para exercermos a profissão. E, a gente precisa acreditar mais na gente. Acreditar que a gente é capaz. Precisa fazer um trabalho imenso e cansativo de conscientização para alta gestão. A gente precisa saber qual é o papel da informação dentro da organização, pois ela é matéria prima para todas as atividades da empresa. Isso pode começar nos cursos de graduação, motivando as pessoas mais novas para o perfil de bibliotecário gestor, incentivando as meninas a enfrentarem os preconceitos. Enfim... Já é um começo.

S2 - Eu acho que qualquer mudança passa muito pela questão política e, assim, a gente tem que lutar por um engajamento político maior da área para

que possamos fazer com que a profissão seja mais divulgada e que se possa olhar para esse profissional, mas olhar de verdade, e enxergar nele que profissional é esse, qual a sua função social, ter uma outra opinião fora desses estereótipos. Porque olha, a gente se aproximou do Secretário de Estado de Cultura, André Lazaroni, aquele que confundiu o Bertolt Brecht com Bertoldo Brecha em uma audiência pública, no dia da reinauguração da Biblioteca Parque de Niterói. Estávamos eu e as representantes do Sindicato e da Redarte, nós queríamos falar com ele para marcar um horário e tal. Mas quando nós falamos que éramos do Conselho de Biblioteconomia. Ele nos olhou de cima a baixo e perguntou: Biblioteconomia? O que é Biblioteconomia?. Daí, outra respondeu: a sua mãe era bibliotecária. Aí ele ficou assim, espiando, grosso... Mas ele era canal, então a gente foi atrás. A gente tinha um problema seríssimo na prefeitura, que a gerência do Livro e Leitura, ficava acima da gerência de Bibliotecas. Ou seja, os gerentes do Livro e Leitura diziam o que ia ficar na biblioteca. Daí a gente lutou e mudou esse cenário no início desse ano, agora as duas gerências estão conversando no mesmo nível. Então eu vejo que caminho é o engajamento político, não tem outro jeito. Tem que entrar no gabinetes dos vereadores para conseguir mais lugares da biblioteca na esfera pública. Ou você cola nesses caras e mostra a sua importância, ou então você vai para o limbo, porque é de lá que vai sair o dinheiro, é de lá que vai ser desviado... [Risos].

S3 - As pessoas acham que é uma função típica feminina, mas é o gosto por uma atividade. Essas visões erradas sobre a imagem da bibliotecária vem da base, o dia que tiver uma escola bem preparada, que as pessoas saibam fazer uma boa pesquisa dentro da escola, essa visão vai mudar. Entendeu? Muita gente não sabe, estudou em escola que não tinha biblioteca, que a biblioteca simplesmente emprestava o livro que tem, não fazia busca, que a bibliotecária só pedia silêncio e cobrava multa. E, por isso, essa é a visão que eles têm para o resto da vida. Então, a gente tem que estimular as práticas principalmente na biblioteca escolar. Tudo nesse país tá na base. Enquanto não tiver uma boa educação, boas escolas, a gente não caminha em nada.

S4 - Tendo ética. Se você é de uma postura discreta, tem que mostrar seu potencial através do comportamento. Acho que qualquer profissional deveria ter, principalmente na nossa área que é marcada por esses estereótipos sobre as mulheres e sobre os homens, que a maioria é gay. Acho que não temos que ter esse estereótipo e nem esse padrão rotulado, porque, independente da opção sexual do homem ou da mulher, o profissional está ali. E é tudo uma questão de postura, como você mostra o seu trabalho e impõe esse respeito.

S5 - Eu acho que a bibliotecária, com toda essa modernidade, eu acho que as pessoas veem a profissão de outra forma, ou deveriam, né? A modernização, as tecnologias, já ajudam a romper esse estereótipo, por isso que a gente tem que se atualizar e usar essas ferramentas.

S6 - Vou falar só uma coisa. A bibliotecária estar agindo junto ao produto final do usuário. Aqui, por exemplo, a bibliotecária tem que estar dentro da sala de laboratório. Tem que criar um banco de dados experimentais. Falar: “você está precisando disso? Caramba! Deixa eu levantar seus dados. Oh! Tem erro aí.”. Saber observar, organizar e dar suporte ao pesquisador. Porque a bibliotecária tem que se empoderar, porque ela pode estar em tudo, basta buscar isso, ser proativa.

S7 - A postura. A postura é o que define mesmo, como fazer, o usuário gosta de ser bem tratado, de atenção, todo mundo gosta né?! Por exemplo, o usuário pede uma norma, eu já imprimo, já peço para encadernar, para entregar. Não tô bajulando, tô prestando um serviço, até porque de repente pra ele vir aqui, ele ta deixando de fazer uma coisa importante na mesa dele.

S8 - Difícil dizer, porque não acho que me enquadre nestes estereótipos. Talvez possa começar pela juventude, nos cursos de Biblioteconomia, cada vez mais mostrando as áreas que podem se inserir como bibliotecários.

S9 - Devemos combater constantemente essa caracterização. Como dito anteriormente, a medida que ganhamos novos espaços e somos requisitados a ocupar essas novas atividades, a comunidade tem uma nova percepção do profissional, das atividades que desempenhamos, de como podemos contribuir em várias outras áreas, bem como a Biblioteca vem se moldando a essa nova realidade e aos novos usuários.

Pode-se, pois, detectar por essas alternativas que o processo de naturalização de uma discriminação é exclusivamente sociocultural e afeta diretamente o comportamento individual, como é possível ver pelo relato “a gente precisa acreditar mais na gente, acreditar que a gente é capaz”. As contingências do estereótipo de gênero inferem na capacidade (sub)consciente das bibliotecárias. E, a compreensão deste processo poderá promover enormes avanços na caminhada da conscientização quer de mulheres, quer de homens, a fim de que se possa desmistificar o pretense caráter natural das discriminações praticadas contra os elementos femininos (SAFFIOTI, 1987).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Biblioteconomia, regulamentada como profissão no Brasil há pouco mais de cinquenta anos e institucionalizada como área do conhecimento há mais de cem, continua a apresentar algumas lacunas de pesquisa, uma delas é a questão do gênero e a sua relação com o campo científico e identidade profissional. Como demonstrado pela literatura, a profissão bibliotecária está ainda associada a uma imagem estereotipada, resultante de determinadas representações sociais. O estereótipo de gênero, no caso da Biblioteconomia, além de atuar como marcador social contributivo para a desvalorização da profissão, também influencia a hierarquia de gênero na divisão sexual do trabalho por estar diretamente ligado à atribuição de papéis sexuais.

Este exercício de pesquisa permitiu verificar as transformações do mercado de trabalho e as mudanças na atuação das mulheres bibliotecárias nesse mercado, por conquistarem, desde então, novos espaços laborais. Em contrapartida, apesar dos significativos avanços, constatou-se que, por causa dos estereótipos, no imaginário das pessoas ainda existem profissões “apropriadas para homens e outras para mulheres” e que existem preconceitos e discriminações relacionados às profissões ditas femininas e, conseqüentemente, pouca valorização das mesmas no mercado de trabalho.

Ainda que as bibliotecárias entrevistadas, em sua maioria, não percebessem claramente as interferências de gênero na Biblioteconomia, observou-se a partir de seus depoimentos que não só o gênero interfere no exercício da profissão, como também representa uma das causas da falta de reconhecimento profissional. Inclusive, nas narrativas foram encontradas evidências da hierarquia de gênero, quando nas respostas (conscientemente ou não) foram manifestadas ideias de superioridade dos homens, confirmando a divisão sexual do trabalho, demarcando “atividades femininas” e “atividades masculinas” a partir da remodelagem da profissão no século XXI. Para os determinados regimes de gênero que se repetem podem ser considerados uma reiteração das hierarquias deste, as quais bloqueiam o próprio ideal de igualdade de gênero percebido pelas informantes.

Não obstante, foi possível constatar que há interferência de gênero desde o que toca a escolha da profissão, uma vez que um dos principais motivos para tal escolha foi a influência de terceiros e/ou obrigação de cursar uma faculdade de meio período para conciliar com as tarefas domésticas. A dupla/tripla jornada de trabalho foi apontada como um dos fatores principais para a descontinuidade da qualificação profissional e como uma barreira para o engajamento das mulheres bibliotecárias nos órgãos políticos da profissão.

Apesar de alguns estereótipos citados na literatura não estarem presentes nos depoimentos das entrevistadas, tais como: antipatia, mau humor, passividade, entre outros. Identificou-se que estes atravessam o caminho dessas profissionais quando são mencionadas outras expressões pejorativas dentre as quais a definição de bibliotecária se interliga a uma profissional sem ambições, com uma postura tradicional resistente a mudanças ou até que se portam vulgarmente diante do seu usuário.

Espera-se e cobra-se da mulher bibliotecária uma postura e comportamento firmes. E, muito embora a maior parte desses comportamentos ditos femininos não faça parte do perfil atual das bibliotecárias, ainda assim seus posicionamentos não são suficientes para refutar essa imagem negativa preconizada pela sociedade, haja vista que alguns estereótipos se mantêm e junto a eles a visão de uma profissão inferiorizada, pouco ou quase nada valorizada.

De tudo isso, compreende-se que a imagem negativa preconcebida com relação às bibliotecárias, atestada teoricamente, existe e foi reconhecida pelas informantes da pesquisa, embora com a surpresa de nova percepção. Melhor dizendo, descrições estereotipadas, discriminatórias que demarcam características de gênero, atribuídas às bibliotecárias ao longo dos tempos e se adaptando aos novos tempos, permanecendo a influenciar os indivíduos na construção da imagem dessa profissional e da sua profissão.

Por fim, pode-se considerar que o estereótipo de gênero não só existe, como persiste, persiste e permeia a vida das mulheres bibliotecárias, até mesmo as que ocupam cargos de chefia e foram observadas em todas as questões estudadas sob o prisma de todas as variáveis da pesquisa (formação acadêmica, faixa etária, tempo de profissão, cargo ocupado), embora, nem sempre fora por elas percebido. Compreende-se, ao final, que apesar de se suscitar alternativas para interromper as causas desse estereótipo e alterar o cenário atual, não se pôde encontrar respostas para solucionar ou, pelo menos, equalizar as questões de gênero na profissão, mas procurou-se problematizar estas questões com este trabalho. Por essa razão, buscou-se aprofundar o debate, partindo do princípio que somente com a comprovação dos conhecimentos científicos seria viável aferir como essas questões funcionam e como podem ser modificadas.

Como constatado pela literatura, poucos são os estudos direcionados as práticas intervencionistas sobre este fenômeno, sobretudo, a de cunho científico. Admite-se, portanto, que apesar de todo aparato teórico metodológico utilizado neste trabalho, não foi possível atender a todas as demandas acerca do tema abordado, até porque não foi esta a pretensão. Espera-se que este trabalho contribua para estudos futuros voltados para a temática de Gênero na área das Ciências Sociais Aplicadas e que promova debates e reflexões sobre o assunto,

possibilitando, ainda, ampliar as abordagens teóricas dessa discussão e sustentar pesquisas e ações fortalecedoras sobre o papel social tanto de bibliotecários como de todos os profissionais da informação.

Destarte, os resultados deste trabalho indicam a necessidade de incluir a discussão de gênero de forma contínua na Biblioteconomia. Em vista disso, sugere-se que os cursos de Biblioteconomia insiram disciplinas sobre esta temática em seus currículos, no sentido de fazer com que, a partir da graduação, sejam levantadas e debatidas questões relacionadas a fatores que interferem na desvalorização da profissão. Considerando, ainda, que estes estudos possam ser importantes para uma revisão de papéis da bibliotecária como sujeito. Crê-se que são nessas discussões que emergem elementos impulsionadores às mudanças: as inquietações e os incômodos.

REFERÊNCIAS

- ABATE, M.; BERRIEN, F. Validation of stereotypes: japanese versus american students. **Journal of Personality and Social Psychology**, Washington, DC, v. 7, n. 1, p. 435-438.
- ABBOTT, A. **The system of professions**: an essay on the division of expert labor. Chicago: The University of Chicago Press, 1988.
- ABRAMO, L. Introdução. In: IGUALDADE de gênero e raça no trabalho: avanços e desafios. Brasília, DF: Organização Internacional do Trabalho - OIT, 2010. 216 p. p. 17-47.
- ALBERTI, V. **História oral a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: FGV, 1990.
- ALMEIDA, N. B. F.; BAPTISTA, S. G. **Breve histórico da Biblioteconomia brasileira: formação do profissional**. Florianópolis, 2013.
- AMÂNCIO, L. Gênero: representações e identidades. In: **Sociologia – Problemas e Práticas**, Porto, v. 1, n. 14, p. 127-140, 1993. Disponível em: <<http://sociologiapp.iscte-iul.pt/pdfs/26/261.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2016.
- AMORIM, R. **O homem certo para gerir uma empresa é uma mulher**. Lisboa: Prime Books, 2009.
- ANDRÉ, B. **Eu só tenho olhos para você**. São Paulo: Novo Conceito, 2013.
- ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo, Boitempo, 6 ed., 2002.
- ARENDT, H. **A Condição Humana**. 8 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- ASHMORE, R. D.; DEL BOCA, F. K. **The social psychology of female-male retaliations**: a critical analysis of central concepts. New York: Academic Press, 1986.
- AVELAR, H.; DUMONT, L. M. M. **Biblioteconomia e as relações de gênero**: razões de ingresso e percepções de bibliotecários. Minas Gerais: UFMG, 2015.
- BACCEGA, M. A. **O estereótipo e as diversidades**. São Paulo: Comunicação & Educação, 1998.
- BADINTER, E. **Rumo equivocado**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- BARRIOS DE CHUNGARA, Domitila. **Si me permiten hablar**: testimonio de Domitila, una mujer de las minas de Bolívia con Moema Viezzer. México: Siglo XXI, 1977.
- BARROS, A. M. Cidadania, relações de gênero e relações de trabalho. **Revista de direito do trabalho**, São Paulo, v. 32, n. 121, p.9-28, jan./mar. 2006.
- BEAUVOIR, S. **Force of Circumstances**. Tradução de: Richard Howard. Londres: Penguin, 1968. 688 p. Título original: La force des choses.

_____. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BELLE, L. **A bibliotecária**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

BEVERIDGE, A. A.; WEBER, S.; BEVERIDGE, S. Librarians in the United States from 1880-2009. **OUPblog**, Oxford University, Oxford, United Kingdom, 2011.

BONELLI, M. G. Profissionalismo e diferença de gênero na magistratura paulista. **Civitas**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 270-292, maio-ago, 2010.

BORGES, E. P. **Gênero, ciência e contexto regional**: analisando diferenças entre os docentes da pós-graduação de duas universidades brasileiras. 2015. 104 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

BOTASSI, M. Bibliotecária (o): a profissão no feminino e o mercado. **Palavra-Chave**, São Paulo, n. 4, p. 3-4, maio 1984.

BOTTI, M. M. V. Fotografia e fetiche: um olhar sobre a imagem da mulher. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 21, p. 103-131, 2003.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BRASIL. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. **As pioneiras da Ciência do Brasil**. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <<http://cnpq.br/pioneiras-da-ciencia-do-brasil>>. Acesso em: 12 set. 2017.

BRASIL. Lei nº 4.084/1962, de 30 de Junho de 1962. Dispõe sobre a profissão de bibliotecário e regula seu exercício. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 2 Jul. 1962. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/1950-1969/L4084.htm>. Acesso em: 21 set. 2016.

BRUSCHINI, M. C. Mudanças e persistências no trabalho feminino Brasil, 1985 a 1995. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL CIDADANIA, TRABALHO FEMININO E GLOBALIZAÇÃO, 1997, São Paulo. **Anais...** São Paulo: CEDHAL/USP, Consulado Americano, Folha de São Paulo. 1997.

BRUSCHINI, M. C.; LOMBARDI, M. R. Trabalho, educação e rendimentos das mulheres no Brasil em anos recentes. In: HIRATA, H. (Org.). **Organização, trabalho e gênero**. São Paulo: SENAC, 2007.

BRUSCHINI, M. C.; PUPPIN, A. B. Trabalho das mulheres executivas no Brasil no final do século XX. **Cadernos de Pesquisa**, Campinas, no. 121, v.34, jan/abr 2004, pp. 105-138. Disponível em: <http://www.spm.gov.br/assuntos/poder-e-participacao-politica/referencias/genero-e-mercado-de-trabalho-pr/trabalho_de_mulheres_execut.pdf>. Acesso em: 25 set. 2017.

BURKE, P. Entre buscar e pesquisar: destaca os desafios dos bibliotecários em contextos acadêmicos. Entrevistadoras: Maria Aparecida Moura e Carla Pedrosa. Entrevista concedida em 17 novembro 2014. **Bibl. Univ.**, Belo Horizonte, v. 2, número especial, p. 80-90, fev. 2015.

CARVALHO, M. G. de; TORTATO, C. S. B. Gênero: considerações sobre o conceito. In: LUZ, N. S. da; CARVALHO, M. G. de; CASAGRANDE, L. S. (Orgs.). **Construindo a igualdade na diversidade: gênero e sexualidade na escola**. Curitiba, PR: UTFPR, 2009. 283p. p. 21-32.

CASSAB, L. A.; RUSCHEINSKY, A. Indivíduo e ambiente: a metodologia de pesquisa da história oral. **Biblos**, Porto Alegre, RS, v. 16, p. 7-24, 2004. Disponível em: <www.seer.furg.br/biblos/article/download/125/115>. Acesso em: 05 set. 2017.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, C. A. **História da biblioteconomia brasileira: perspectiva histórica**. Brasília: Thesaurus, 2000.

CRIPPA, G. **O pensamento da diferença e a mediação da informação institucional em bibliotecas públicas: considerações teóricas sobre mediação de gênero**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 12., 2011, Brasília. Anais... Brasília: UNB, 2011.

_____. **Poéticas da Informação: representações artísticas e literárias de livros, bibliotecas e de seus protagonistas**. 1. ed. São Paulo: Todas as Musas, 2014.

COAN, E. **O processo de expansão da participação feminina no mercado de trabalho catarinense**. 2008. 89 f. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas) - Curso de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

COELHO, A. F. M. S. **Liderança feminina: o impacto dos estereótipos de gênero no acesso das mulheres aos cargos de liderança de topo**. 2014. 101 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Católica Portuguesa, Porto, 2014.

CÔRTE, A. R. e et al. **Bibliotecário: 50 anos de regulamentação da profissão no Brasil - 1965-2015**. Brasília: Conselho Federal de Biblioteconomia, 2015. 352p

COSTA, P. da. **Bem profundo**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2012.

COUTINHO, L. R. S. **Diversidade nas organizações brasileiras: um exercício de crítica do conceito e da prática através da desconstrução**. 2006. Dissertação (Mestrado em Administração) - Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração e Economia, Faculdade de Economia e Finanças IBMEC, 2006.

CUNHA, M. de F. Mulher e historiografia: da visibilidade à diferença. **História e Ensino**. Revista do laboratório de Ensino de História, v. 6, p. 141-161, 2000.

D'AMORIM, M. A. Estereótipos de gênero e atitudes acerca da sexualidade: estudos sobre jovens brasileiros. **Temas em psicologia**, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 1-14, 1997.

_____. Estereótipos de gênero em universitários. **Psicologia, Reflexão e Pesquisa**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 89-98, 1985.

_____. Papel de gênero e atitudes acerca da sexualidade. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 71-83, 1989.

DEAUX, K.; LAFRANCE, M. Gender. In: LINDZEY, G.; GILBERT, D. T.; FISKE, S. T. (Eds.) **The Handbook of Social Psychology**. Boston: McGraw Hill, v.1, n. 1, p. 788-827, 1998.

DEYRUP, M. M. Is the revolution over? Gender, economic, and professional parity in academic library leadership positions. **College & Research Libraries**, v. 65, n. 3, p. 242-250, May 2004. Disponível em: <<http://crl.acrl.org/content/65/3/242.full.pdf+html>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

DIDION, J. **The Year of Magical Thinking**. New York: Harper Perennial, 2005.

DILEVKO, J.; HARRIS, R. Relations information technology and social: Portraits of gender roles in advertisements of high technology products. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 48, n. 8, p. 718-727, Aug. 1997.

DOMINGUES, F. **Um mundo liderado por mulheres**. Lisboa: Esfera do Caos Editores, 2010.

DUNNE, J. E. Information seeking and use by battered women: a “person-progressive-situations” approach. **Library & Information Science Research**, Norwood, NJ, v. 24, n. 4, p. 343-355, 2002.

DURAN, C. V. et al. Qual é a representatividade da mulher no Brasil?. **CartaCapital**, São Paulo, [s.v], [s.n], 08 mar. 2015. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/qual-e-a-representatividade-da-mulher-no-brasil-8635.html>>. Acesso em: 05 out. 2015.

ESCALANTE, I. C; PEREIRA, P. M. S.; COUTINHO, L. R. S. **Estereótipo de gênero da mulher bibliotecária: hierarquia e estigmatização no reconhecimento social da profissão**. 2017. Trabalho apresentado no 13º Congresso Mundos de Mulheres e Seminário Internacional Fazendo Gênero 11, na Universidade Federal de Santa Catarina em forma de pôster, Florianópolis, 2017.

FARIA, N.; NOBRE, M. O que é ser mulher? O que é ser homem? In: **Gênero e desigualdade**, São Paulo, p. 11-14, 1997 (Cadernos Sempreviva).

FERREIRA, M. M. **As caetanas vão à luta: feminismo e políticas públicas do Maranhão**. São Luís: EDUFMA, 2007.

_____. O profissional da informação no mundo do trabalho e as relações de gênero. **Transinformação**, Campinas, v.15, n.2, p. 189-201, maio/ago. 2003. Disponível em:

<<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/1486/1460>>. Acesso em: 12 jun. 2016.

_____. Profissões femininas e Profissões masculinas: o que é ser bibliotecário no universo de uma profissão "feminina"?. In: VIII Congresso Luso- Brasileiro de História da Educação, 2010, São Luís. **Infância, Juventude e Relações de Gênero a História da Educação**. São Luís: EDUFMA, 2010.

FERREIRA, M. M.; BORGES, E. P.; BORGES, L. C. Mercado de trabalho e a desigualdade de gênero na profissão da/o bibliotecária/o. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, GESTÃO, E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 33., 2010, João Pessoa. **Anais eletrônicos...** João Pessoa: UFPB, 2010. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/biblio/article/viewFile/9637/5227>>. Acesso em: 4 abr. 2017.

FERREIRA, M. M. TEIXEIRA, R. P. VEIGA, M. A. P. O bibliotecário e o mercado de trabalho: relações de classe e gênero. In: XVI ENCONTRO NACIONAL DOS GRUPOS DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL, 16., 2011, Goiânia. **Anais...** Goiânia, GO: UFG, 2011.

FERREIRA, M. M. ; VEIGA, M. A. P. Bibliotecário, Trabalho e Salário: o profissional da informação na sociedade de mercado. In: VI JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS: O DESENVOLVIMENTO DA CRISE CAPITALISTA E A ATUALIZAÇÃO DAS LUTAS CONTRA A EXPLORAÇÃO, A DOMINAÇÃO E A HUMILHAÇÃO, n. 6., 2013, São Luís. **Anais...** São Luís: UFMA, 2013.

FORREST, N. P. R. **Gênero e relações de poder na Biblioteconomia: FCI e BCE. 1966 – 2014.** 2014. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, 2014.

FREITAS, L.; COUTINHO, L. A percepção de trabalhadoras da área de saúde quanto às relações de poder e gênero no ambiente laboral: um estudo de caso de duas turmas de MBA da UFRJ. In: CONGRESSO NACIONAL DE ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE, 6., 2015, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ADCONT, 2015. p. 2-3.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <<https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-etc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2016.

GAUCHE, S.; VERDINELLI, M. A.; SILVEIRA, A. composição das equipes de gestão nas universidades públicas brasileiras: segregação de gênero horizontal e/ou vertical e presença de homosociabilidade. In: ENCONTRO NACIONAL DE GESTÃO DE PESSOAS E RELAÇÕES DE TRABALHO, 4., 2013, Brasília, DF. **Anais....** Brasília, DF, 2013. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnGPR/engpr_2013/2013_EnGPR87.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2017.

GOLUB, E. M. Gender divide in librarianship: past, present, and future Library. **Student Journal**, San Jose State University, Oct. 2009. Disponível em:

<<http://www.librarystudentjournal.org/index.php/ljsj/article/view/129/230>>. Acesso em: 10 out. 2017.

GOMES, A. F. O outro no trabalho: mulher e gestão. São Paulo: **Revista de Gestão**, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 1-9, jul./set. 2005.

HAHNER, J. E. **Emancipação do sexo feminino**: luta pelos direitos da mulher no Brasil. 1850-1940. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2003

HARAWAY, D. Um manifesto para os cyborgs: ciência, tecnologia e feminismo socialista na década de 80. In: HOLLANDA, H. B. **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 243- 288.

HILDENBRAND, S. A historical perspective on gender issues in American librarianship. **Journal of Information Science**, v. 17, n. 3, p.18-28, Sep, 1992.

<<http://www.librarystudentjournal.org/index.php/ljsj/article/view/129/230>>. Acesso em: 10 out. 2017.

HIRATA, H. **Nova Divisão Sexual do Trabalho?**: um olhar voltado para a empresa e a sociedade. São Paulo: ISBN, 2002.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Divisão sexual do trabalho revisitada. In: HIRATA, H.; MARUANI, M. (Orgs.). **As novas fronteiras no Mercado de trabalho**. São Paulo: SENAC, 2003. 364 p. p.11-123.

HOFFMANN, R.; LEONE, E.T. **Participação da mulher no mercado de trabalho e desigualdade de renda domiciliar per capita no Brasil: 1981 – 2002**. Disponível em :<<http://www.face.ufmg.br/novaeconomia/sumarios/v14n2/140202.pdf>>. Acesso em: 25 set. de 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO E ESTATÍSTICA (IBGE). **Atlas do censo demográfico 2010**. Rio de Janeiro, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo demográfico 2010**: trabalho e rendimento: resultados da amostra. Rio de Janeiro, 2010.

KELLER, E. F. Gender and science: origin, history, and politics. **Osiris**, v. 10, p. 26- 38, 1995.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. Sobre o IBICT. **Estrutura Organizacional**. Disponível em: <<http://www.ibict.br/sobre-o-ibict/regimento-interno>>. Acesso em: 12 set. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. Sobre o IBICT. **Quem é quem**. Disponível em: <<http://www.ibict.br/sobre-o-ibict/quem-e-quem>>. Acesso em: 12 set. 2017.

JAMES, J. Librarian. Intérprete: Jim James. In: MY MORNING JACKET. **Evil Urges**. Canadá: [s. n.], 2008. 1 CD. Faixa 8. Disponível em: All Music. Acesso em: 12 set. 2017.

JOB, I.; OLIVEIRA, D. A. Marcos históricos e legais do desenvolvimento da profissão de bibliotecário no Brasil. **Revista ACB**, [S.l.], v. 11, n. 2, p. 259-272, 2006. ISSN 1414-0594. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/449/565>>. Acesso em: 24 set. 2016.

KERGOAT, D. La division du travail entre lês sexes. In: KERGOAT, J. et al. (Orgs.). **Le monde du travail**. Paris: La Découverte, 1998.

_____. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. EMÍLIO, M. et al. (Orgs.). **Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as políticas públicas**. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003. p. 55-65.

LEONE, E. T.; BALTAR, P. A mulher na recuperação recente do mercado de trabalho brasileiro. **Revista Brasileira de Estudos Populacional**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 233-249, jul./dez., 2008.

LETA, J. et al. **Equilíbrios nas tarefas docentes-pesquisadores no Brasil: uma questão de gênero?** Rio de Janeiro, 2012. (Projeto de pesquisa).

LETA, J. et al. Gender and academic roles in Graduate programs: analyses of Brazilian government data. In: INTERNACIONAL SOCIETY OF SCIENTOMETRICS AND INFORMETRICS CONFERENCE, 14., 2013, Viena. **Anais Eletrônicos...** Viena: Facultas Verlags - undBuchhandels AG, 2013. p. 796-810. Disponível em:<http://www.issi2013.org/Images/ISSI_Proceedings_Volume_I.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2017.

LETA, J.; MARTINS, F. Docentes pesquisadores na UFRJ: o capital científico de mulheres e homens. In: INSTITUTO NACIONAL DE ESTUTOS E PESQUISAS ANÍSIO TEIXEIRA; SECRETARIA ESPECIAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA AS MULHERES (Org.). **Simpósio Gênero e indicadores da educação superior brasileira**. Brasília, DF: INEP, 2008. v. 1, p. 85-101. Disponível em:<http://www.publicacoes.inep.gov.br/arquivos/%7B154C8962-910A-447B-847E-BB1914C0D501%7D_SimposioGeneroeInd.Educ.Superior.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2017.

LETA, J.; GLANZEL, W.; THUIS, B. Science in Brazil. Part 2: Sectoral and institutional research profiles. **Scientometrics**, v. 67, n.1, p. 87-105, 2006.

LIMA, J. A.; ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. **Bibliotecas e Bibliotecários: situações insólitas ou crônicas bem-humoradas da Biblioteconomia aplicadas a outras profissões desprestigiadas**. São Paulo: Polis/APB, 1998.

LIMA, C. C.; LIMA, K. **A auto-imagem do bibliotecário versus a visão social: uma análise da valorização profissional**. 2009. 83 f. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia) - Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2009.

LISTA DE MINISTROS DA CULTURA DO BRASIL. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Lista_de_ministros_da_Cultura_do_Brasil&oldid=49400406>. Acesso em: 25 jul. 2017.

LIVRARIA DA FOLHA. Danilo Gentili chama Dilma de tia solteirona em “Politicamente Incorreto”. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 14 dez. 2010. Disponível em: <<http://folha.com/no844869>>. Acesso em: 28 nov. 2016.

LOBO, E. S. O trabalho como linguagem: o gênero do trabalho. In: COSTA, A. O.; BRUSCHINI, M. C. A. (Orgs.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992. p. 252-265.

LOMBARDI, M. R. Engenheira e gerente: desafios enfrentados por mulheres em posições de comando na área tecnológica. In: COSTA, A. O. et al. (Org.). **Mercado de trabalho e gênero: comparações internacionais**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008. cap. 21, p. 387- 402.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MADALOZZO, R.; MARTINS, S. R.; SHIRATORI, L. **Participação no mercado de trabalho e no trabalho doméstico: homens e mulheres têm condições iguais? Estudos Feministas**, Florianópolis, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2009000200010/11348>> . Acesso em: 21 nov. 2016.

MACÊDO, G. N. S. **A construção da relação de gênero no discurso de homens e mulheres dentro do contexto organizacional**. 2003. 161 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2003. Disponível em: <http://www.ucg.br/ucg/katiamacedo/dissertacoes/pdf/Goiacira_ConstrucaoRelacaoGeneroHomemMulher.pdf>. Acesso em: 29 set. 2017.

MARCONDES, M. M. O cuidado na perspectiva da divisão sexual do trabalho: contribuições para os estudos sobre a feminização do mundo do trabalho. In: YANNOULAS, Silvia C. (Coord.). **Trabalhadoras: análise da feminização das profissões e ocupações**. Brasília: Abaré, 2013. p. 251-279.

MARCONDES, W.; ROTEMBERG, L.; PORTELA, L.; MORENO, C.. O peso do trabalho “leve” feminino à saúde. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 17, n. 2, abr./jun., 2003.

MARTUCCI, E. M. A feminização e a profissionalização do magistério e da biblioteconomia: uma aproximação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.1, n.2, p.225-244, jul./dez. 1996. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/viewFile/642/430>> Acesso em: 11 jun. 2016.

MELO, H. P. **O serviço doméstico remunerado no Brasil: de criadas a trabalhadoras**. Rio de Janeiro: IPEA, 1998.

MIRACEMA, T. **Maria Alice Barroso: uma miracemense de coração**. Blogspot, Rio de Janeiro, 12 out. 2012. Disponível em: <<http://blogdotadeumiracema.blogspot.com.br/2016/10/maria-alice-barroso-uma-miracemense-de.html>>. Acesso em: 12 set. 2017.

MONTE-MÓR, J. Reforma da Biblioteca Nacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 15-23, 1972.

MORENO, J.; BASTOS, L. **O estereótipo do bibliotecário no cinema**. 2013. Trabalho apresentado ao 15. Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documento e Ciência da Informação, Florianópolis, SC, 2013.

MOSCOVICI, S. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In: JODELET, D. (Org.). **Representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 45-66.

_____. **Representações sociais da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MURAL INTERATIVO DO BIBLIOTECÁRIO. **Estereótipo dos bibliotecários**. Facebook, 12 set. 2017. Disponível em: <<https://www.facebook.com/MuralInterativoDoBibliotecario/photos/a.374886482630887.1073741828.372009032918632/1461563983963126/?type=3>>. Acesso em: 10 out. 2017.

NOGUEIRA, C. M. **A feminização no mundo do trabalho: entre a emancipação e a precarização**. Campinas: Autores Associados, 2004.

NOGUEIRA, C; SAAVEDRA, L. **Estereótipos de gênero: conhecer para os transformar**, s.l., Cadernos Sacauf III, p. 10-30, 2007. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/7635144-Estereotipos-de-genero-conhecer-para-os-transformar.html>>. Acesso em: 15 out. 2016.

NOTICIÁRIO – Associações. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 17, n. 1/2, p. 115-129, jan./jul. 1984.

NOVAES, E. D. Entre o público e o privado: o papel da mulher nos movimentos sociais e a conquista de direitos no decorrer da história. **História e Cultura**, São Paulo, v. 4, n. 3, 2015. Disponível em: <<https://ojs.franca.unesp.br/index.php/historiaecultura/article/view/1691>>. Acesso em: 12 set. 2017.

O'BRIEN, N. The recruitment of men into librarianship, following World War II. In: HEIM, K. **The status of women in librarianship: Historical, sociological, and economic issues**. New York: NealSchuman Publishers, Inc. 1983. p. 51- 66.

ODDONE, N. **Ciência da informação em perspectiva histórica: Lydia de Queiroz Sambaquy e o aporte da Documentação (Brasil, 1930-1970)**. Rio de Janeiro, 2004. 157 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – IBCT/ UFRJ, 2004. Disponível em: <<http://biblioteca.ibict.br/phl8.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2017.

ODDONE, N. O profissional da informação e a mediação de processos cognitivos: a nova face de um antigo personagem. **Revista Informação & Sociedade: estudos**, João Pessoa, PB, v. 8, n. 1, 1998. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb>>. Acesso em: 13 set. 2017

OLINTO, G. Biblioteconomia como profissão feminina. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 18., 1997, São Luís. **Anais...** São Luis: CBBD, 1997.

_____. Indicadores de gênero para a sociedade do conhecimento. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - ENANCIB, 7., 2006, Marília. [**Anais eletrônicos...**]. Marília: Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da UNESP, 2006. 1 CD-ROM.

_____. Mulheres e jovens na liderança da pesquisa no Brasil: análise das bolsas de pesquisador do CNPq. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - ENANCIB, 5., 2003, Belo Horizonte. [**Anais eletrônicos...**]. Belo Horizonte: Programa de Pósgraduação da Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2003. 1 CD-ROM.

OSLON, H. A. Sameness and difference. A cultural foundation of classification. **Library Resources & Technical Services**, Iowa, v. 45, n. 3, p. 115-122, 2001. Disponível em: <http://polaris.gseis.ucla.edu/gleazer/462_readings/olson_2001.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2016.

PATEMAN, C. **O contrato sexual**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PAUL, P. **Pornified**: How pornography is transforming our lives, our relationships and our families. New York: Times Books, 2005.

PERROT, M. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. **Cadernos Pagu**, n 4. Núcleo de estudos de gênero, IFCH-UNICAMP, 1995.

_____. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **Mulheres públicas**. São Paulo: UNESP, 1998.

PIERUCCI, A . F. **Ciladas da Diferença**. São Paulo: 34 Ltda, 2000.

PINSKY, C. B. **Nova história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012.

PROBST, E. R. **A evolução da mulher no mercado de trabalho**. Instituto Catarinense de Pós-Graduação – ICPG, Santa Catarina, [s.n.], p. 01-08, 2003. Disponível em: <<http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev02-05.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2016.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. **Corpo Docente**. Disponível em: <<http://www.ppgci.ufjf.br/pt/>>. Acesso em: 12 set. 2017.

PUPPIN, A. B. **Do lugar das mulheres e das mulheres fora de lugar**: um estudo das relações de gênero na empresa. Niterói: EdUFF, 2001.

RADICE, J. Papéis sexuais no nordeste do Brasil, sua desejabilidade e possíveis consequências para a auto-realização da mulher. **Revista de Psicologia**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 93-103.

RAISER, E. V. **Estereótipos sexuais em favelados**. 1985. 109 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 1985.

RESENDE, E. S. **Representações sociais de bibliotecário: quando o antigo e o novo se confrontam**. 2005. 114 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2005.

RIDENTI, M. S. **As mulheres na política brasileira: os anos de chumbo**. São Paulo: Tempo Social, 1990.

ROCHA, C. T. C. R. **Gênero em ação? Rompendo o ‘teto de vidro’?: novos contextos da tecnociência**. Santa Catarina: UFSC, 2006.

ROCHO, R. M. **O estereótipo do bibliotecário no cinema**. 2007. 97 f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

RODRIGUES, M. E. F. [et al.]. A biblioteca e o bibliotecário no imaginário popular. **Biblionline**, João Pessoa, v. 9, n. 1, p. 82-95, 2013. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/biblio/article/viewFile/15097/9599>> . Acesso em 16 mar. 2016.

ROESCH, S. M. A. **Projetos de estágio e de pesquisa em administração: guias para estágios, trabalhos de conclusão, dissertações e estudos de casos**. São Paulo: Atlas, 1999.

ROGGAU, Z. **Los bibliotecarios, el estereotipo y la comunidad**. Información, Cultura y Sociedad, Buenos Aires, n. 15, p. 13-34, 2006.

SÁ, B. M. **Tem mulher no pedaço**. Apucarana: Serviço de Comunicação Social, 1985.

SAFFIOTI, H. I. B. **Estudos sobre mulher no Brasil: avaliação e perspectivas**. São Roque. SP: Fundação Carlos Chagas, 1990.

_____. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

_____. **A mulher na sociedade de classe: mito e realidade**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. **O Poder do Macho**. São Paulo: Editora Moderna, 1987. p. 12-16.

SALEH, N. **Preconceito: pesquisa comprova que a mídia reforça estereótipos de gênero para crianças**. Revista Crescer, São Paulo, 2017. Disponível em: <<http://revistacrescer.globo.com/Crianças/Comportamento/noticia/2017/07/preconceito-pesquisa-comprova-que-midia-reforca-estereotipos-de-genero-para-criancas.html>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

SANTO, P. E. Os estudos de gênero na Ciência da Informação. **Em questão**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 1-9, 2008.

SANTOS, M. N. dos. **A sociedade da informação no século XXI: o cotidiano na cultura digital e a leitura como prática cultural**. 2016. 197 f. Dissertação (Mestrado em Ciências

Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/3707>>. Acesso em: 15 set. 2017.

SARDENBERG, C. M. B. Da crítica feminista à ciência a uma ciência feminista? In: COSTA, A. A.; SARDENBERG, C. M. B. (Org.). **Feminismo, ciência e tecnologia**. Salvador: REDOR/NEIM-FFCH/ UFBA, 2002. p. 89-120.

SCHIEBINGER, L. **O feminismo mudou a ciência?**. Bauru: EDUSC, 2001.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Recife: SOS Corpo, 1991.

SILVA, A. L.; CORREIA, P. Categoria de gênero na enfermagem. **Rev. Bras. Enferm.**, v. 52, n. 1, p. 22-36, jan./ mar. 1999.

SILVA, A. L. **A auto-imagem do profissional bibliotecário na sociedade contemporânea: um estudo de caso do Município de Salvador (BA)**. 2009. 112 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

SILVA, E. B. Des-construindo gênero em ciência e tecnologia. **Cadernos pagu**, n. 10, 1998.

SILVA, I. F. A inserção da mulher no mercado de trabalho brasileiro. In: ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 8., Presidente Prudente, SP, 2012. **Anais...** Presidente Prudente: Unitoledo, 2012. Disponível em: <<http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/ETIC/article/view/3512/3267>>. Acesso em: 15 out. 2016.

SILVA, M. K. Uma introdução à história oral. **Caderno de Sociologia do Programa de Pós-Graduação em Sociologia**, Porto Alegre, RS, v. 9, n. 4, p. 115-141, 1998.

SIMÕES, A. Estereótipos relacionados com os idosos. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, v. 19, n.1, p. 207-234, 1985.

SLAUGHTER, A. M. Why women still can't have it all. **The Atlantic**, Boston, [s.v], [s.n], p. 85-102, jul/ago 2012.

SOARES, M. F.; FREIRE, B. M. J. Imagem bibliotecária(o): uma análise em películas cinematográficas. **Biblionline**, João Pessoa, PB, v. 1, n. 1, 2005. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/561/405>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

SOBOTA, G. MinC quer potencializar Sistema de Bibliotecas. **Estadão**, São Paulo, jan. 2017. Disponível em: < <http://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,minc-quer-potencializar-sistema-de-bibliotecas,10000098621>>. Acesso em: 10 out. 2017.

SOUTO, L. F. Biblioteconomia em reflexão: cenários, práticas e perspectivas. In: _____ (Org.). **O profissional da informação em tempo de mudanças**. Campinas, SP: Alínea, 2005. p. 29-53.

SOUSA, B. A. de. **O Gênero na Biblioteconomia**: percepção de bibliotecárias/os. 2014. 270 p. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

SOUSA, B. A. de; PEDRO, J. M. **Questões de gênero na Biblioteconomia**: percepção dos bibliotecários do IFPB e da Biblioteca Central da UFPB. Trabalho apresentado do Fórum — Desafios Interdisciplinares de Ciências Humanas, Florianópolis, SC: UFSC. 19 a 23 mar. 2012b.

_____. Trajetória das mulheres brasileiras na carreira das letras: ensaio bibliográfico a partir de autores contemporâneos. **Caderno Espaço Feminino**, v. 25, p. 79-95, 2012a.

SOUZA, F. C. de. A ABEED e o currículo de bacharelado em Biblioteconomia no Brasil, de 1967 a 2000. **Revista Informação & Sociedade**: estudos, João Pessoa, PB, v. 21, n.1, p. 203-212, jan./abr. 2011. Disponível em: <<http://www.informacaoesociedade.ufpb.br/issuel>>. Acesso em: 11 out. 2017.

_____. **O ensino da biblioteconomia no contexto brasileiro**: século XX. Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009, 189p.

_____. A formação acadêmica de bibliotecários e cientistas da informação e sua visibilidade, identidade e reconhecimento social no Brasil. **Revista Informação & Sociedade**: estudos, João Pessoa, PB, v. 16, n. 1, p. 23-34, jan./jun., 2006. Disponível em: <<http://www.informacaoesociedade.ufpb.br/issuel>>. Acesso em: 11 out. 2017.

_____. O nome profissional bibliotecário no Brasil: efeito das mudanças sociais e econômicas dos últimos anos do século XX. **Encontros Bibli**, Florianópolis, SC, v. 9, n.18, p. 90-106, 2004. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2004v9n18p90>>. Acesso em: 08 jul. 2017.

SPARKS, N. **À primeira vista**: será que de fato é possível amar alguém a primeira vista?. São Paulo: Arqueiro, 2012.

_____. **O milagre**. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

STEFANOV, V. L. Carta enviada a Revista Veja. **Portal SinBiesp**, São Paulo, 07 out. 2010. Disponível em: <<http://www.sinbiesp.org.br/index.php/sinbiesp/presidencia/presidente-na-imprensa/54-carta-enviada-a-revista-veja>>. Acesso em: 28 nov. 2016.

STEIL, A. V. Organizações, gênero e posição hierárquica: compreendendo o fenômeno do teto de vidro. **Revista de Administração da USP**. São Paulo, v.32, n. 3, p. 62-69, jul/set. 1997.

STEINES, G.; LIBBY, P. Men and women in role relationships. In: ASHMORE, R. D.; DEL BOCA, F. K (Orgs). **The social psychology of female-male retaliations**: a critical analysis of central concepts. New York: Academic Press, 1986. pp. 211-288.

TABAK, F. **O laboratório de pandora**: estudos sobre a ciência no feminino. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

TAJFEL, H. **Grupos humanos e categorias sociais**. Lisboa: Livros Horizonte. 1983.

TAPIAS, J. A. P. **Internet e náufragos**: a busca do sentido na cultura digital. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

TEIXEIRA, Z. A. **As mulheres e o mercado de trabalho**. Disponível em: <<http://www.universia.com.br/universitario/materia.jsp?materia=3010>>. Acesso em: 21 out. 2016.

TOKARNIA, M. **Mulheres com mestrado ganham menos do que homens com a mesma titulação**. 2013. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/cultura/2013/04/homens-com-mestrado-ganham-mais-do-que-mulheres-com-mesma-titulacao>>. Acesso em: 12 set. 2017.

TREVISOL NETO, O. **Gênero na Biblioteconomia**: precisamos discutir. In: SEMANA DE INTERATIVIDADE DA BIBLIOTECONOMIA, 5, 2016. V **Semana...** Santa Catarina: FAED/UDESC, 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/1USX3i>>. Acesso em: 15 set. 2017.

VALENTIM, M. L. P. (Org.). **Profissionais da Informação**: formação, perfil e atuação profissional. São Paulo: Polis, 2000.

VAZ, D. V. O teto de vidro nas organizações públicas: evidências para o Brasil. **Econ. soc.**, Campinas, v. 22, n. 3, p. 765-790, Dez. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-06182013000300007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 out. 2017.

VELHO, L.; LEÓN, E. A construção social da produção científica por mulheres. **Cadernos Pagu**, v. 10, p. 309-344, 1998.

VIEIRA, A. S. Mercado de informação: do tradicional ao inexplorado. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, DF, v.11, n. 2, p.177-192, jul./dez. 1983.

WALTER, M. T. M. T. **Bibliotecários no Brasil representações da profissão**. 2008. 101 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Departamento de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

WALTER, M. T. M. T.; BAPTISTA, S. G. A força dos estereótipos na construção da imagem profissional dos bibliotecários. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 17, n. 3, p. 27-38, set./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/962/1583>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

WANG, M. **Os últimos românticos?**: um estudo sobre masculinidade e expressão do sentimento amoroso. 2004. 155 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

WEIHS, J. Authors depict the library profession. **Technicalities**, v. 25, n. 5, p. 5-8, set/out. 2005.

YANNOULAS, S. C. Acerca de cómo las mujeres llegaron a ser maestras. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 73, p. 497- 521, 1992. Disponível em: <<http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/370/376>>. Acesso em: 22 out. 2017.

_____. Feminização ou feminilização? Apontamentos em torno de uma categoria. **Temporalis**, Brasília, DF, v. 11, n. 22, p. 271-292, jul./dez., 2011. Disponível em: <dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4054571.pdf>. Acesso em: 12 set. 2016.

APÊNDICE A – CONTATO VIA E-MAIL COM USUÁRIOS DA WEB

Prezado(a),

me chamo Isadora Escalante, sou aluna do Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação (CBG) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Estou desenvolvendo uma pesquisa intitulada “Estereótipo de gênero da mulher bibliotecária: hierarquia e estigmatização no reconhecimento social da profissão” com o grupo de pesquisa “Gênero, Ciência, Tecnologia e Sociedade” vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), a ser apresentada no Seminário Internacional Fazendo Gênero. Esta pesquisa objetiva analisar o estereótipo de gênero da mulher bibliotecária por meio da identificação de imagens pesquisadas por usuários da Web. Por esse motivo, a coleta de dados conta com a participação de pessoas de diferentes regiões brasileiras, a fim de identificar os resultados de uma busca específica e compará-los nas pesquisas realizadas em dois buscadores de imagens distintos.

Sendo assim, solicito a participação para a execução da pesquisa e informo que o respondente não será identificado. Para isso,

a) peço que retorne este e-mail com o texto abaixo, em itálico, substituindo devidamente os campos “xxxxx”:

Me chamo xxxxx, CPF xxxxx, e fui convidado(a) a participar da pesquisa para o Seminário Internacional Fazendo Gênero, do trabalho intitulado “Estereótipo de gênero da mulher bibliotecária: hierarquia e estigmatização no reconhecimento social da profissão”, a ser apresentado, posteriormente, no Seminário Internacional Fazendo Gênero.

Responderei uma coleta de dados e é do meu conhecimento que poderei recusar, interromper ou me retirar a qualquer momento, sem que explicações me sejam solicitadas ou venha a sofrer qualquer tipo de dano e prejuízo. Esta pesquisa não representa riscos diretos para minha saúde ou bem-estar e os benefícios serão a ampliação do conhecimento sobre a temática de Gênero.

Tenho que ciência que caso queira tirar alguma outra dúvida ou solicitar algum esclarecimento, poderei entrar em contato com a pesquisadora responsável a qualquer momento. Não terei custo ao participar deste estudo e fui informado(a) que estão garantidos

e assegurados o sigilo e o anonimato, que os dados serão usados apenas para fins do estudo, que a guarda dos mesmos é de responsabilidade da aluna e que a divulgação dos resultados ocorrerá sob a forma de publicações científicas.

Concordo em participar voluntariamente neste estudo e declaro que todas as minhas dúvidas foram respondidas. Ressalto que embora esteja concordando em participar, não estou desistindo de nenhum direito.

b) realize as buscas conforme instruções abaixo:

Primeira busca

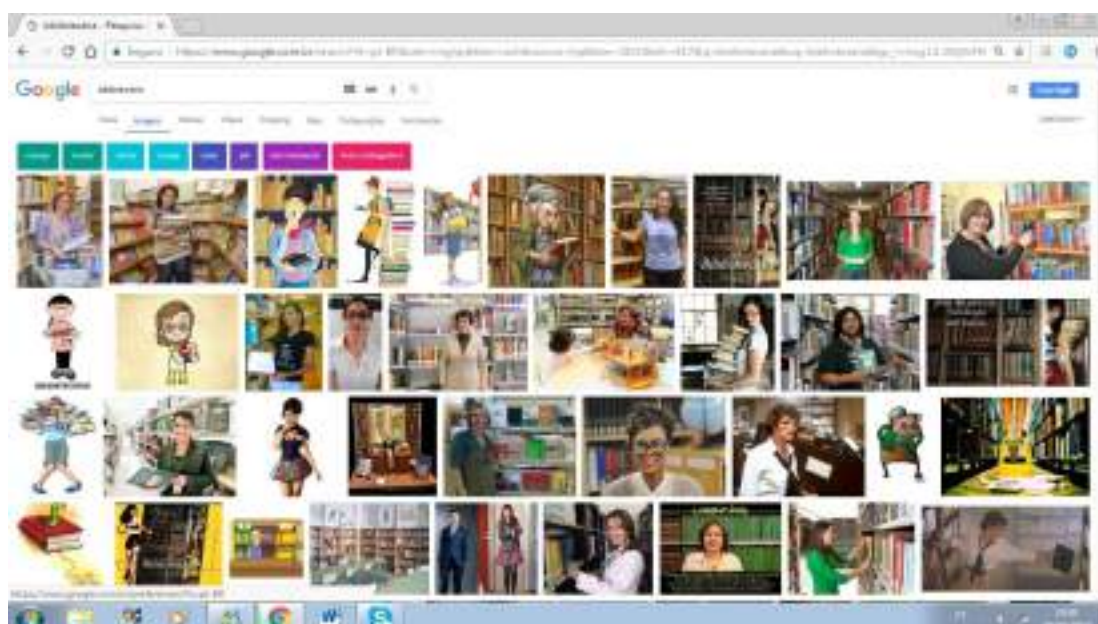
- a) utilizar para a busca a expressão "bibliotecária" sem aspas;
- b) pesquisar no Google Imagens (<https://www.google.com.br/imghp?hl=pt-BR>) sem login na conta pessoal do Gmail (se tiver);
- c) desativar o filtro "SafeSearch", que filtra conteúdo adulto no buscador;
- d) salvar a primeira página dos resultados em formato de pdf. com o título "Busca 1".

Segunda busca

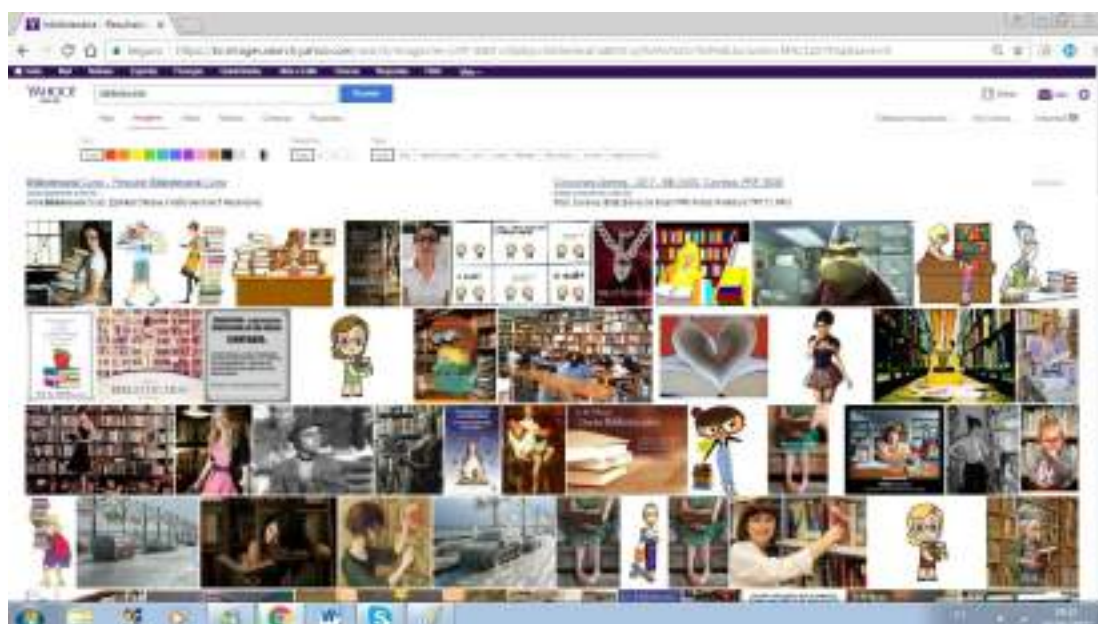
- a) utilizar para a busca a expressão "bibliotecária" sem aspas;
- b) pesquisar no Yahoo Imagens (<https://br.images.search.yahoo.com/>) sem login na conta pessoal do Yahoo (se tiver);
- c) desativar o filtro "SafeSearch", que filtra conteúdo adulto, no buscador;
- d) salvar a primeira página dos resultados em formato de pdf com o título "Busca 2".

SUL - 20/06/2017

Resultado da Busca 1 – Google Imagens

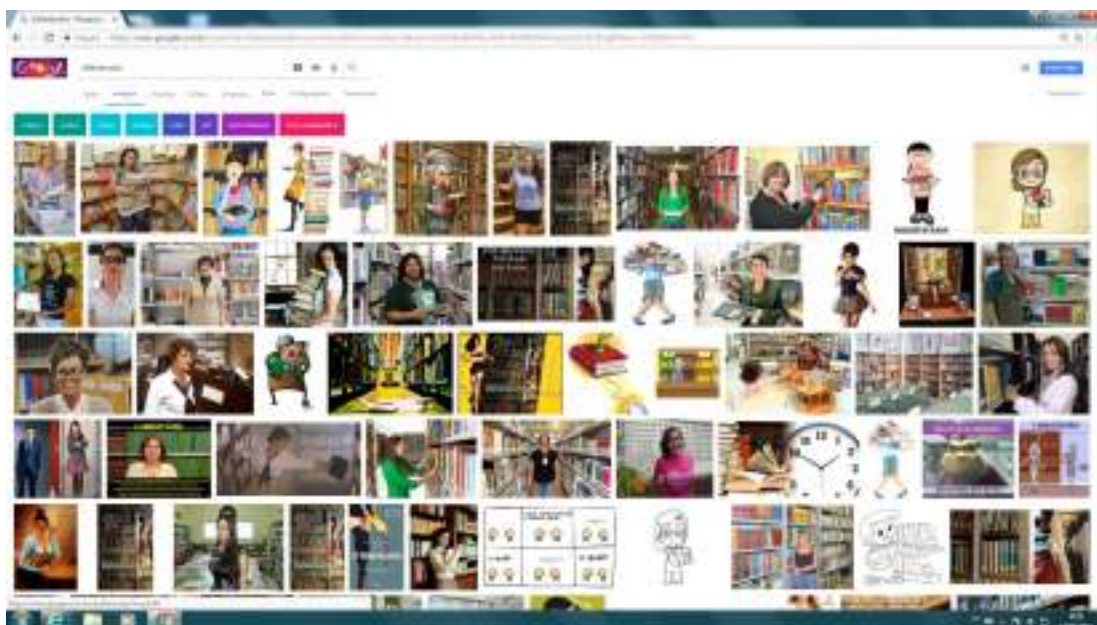


Resultado Busca 2 – Yahoo Imagens

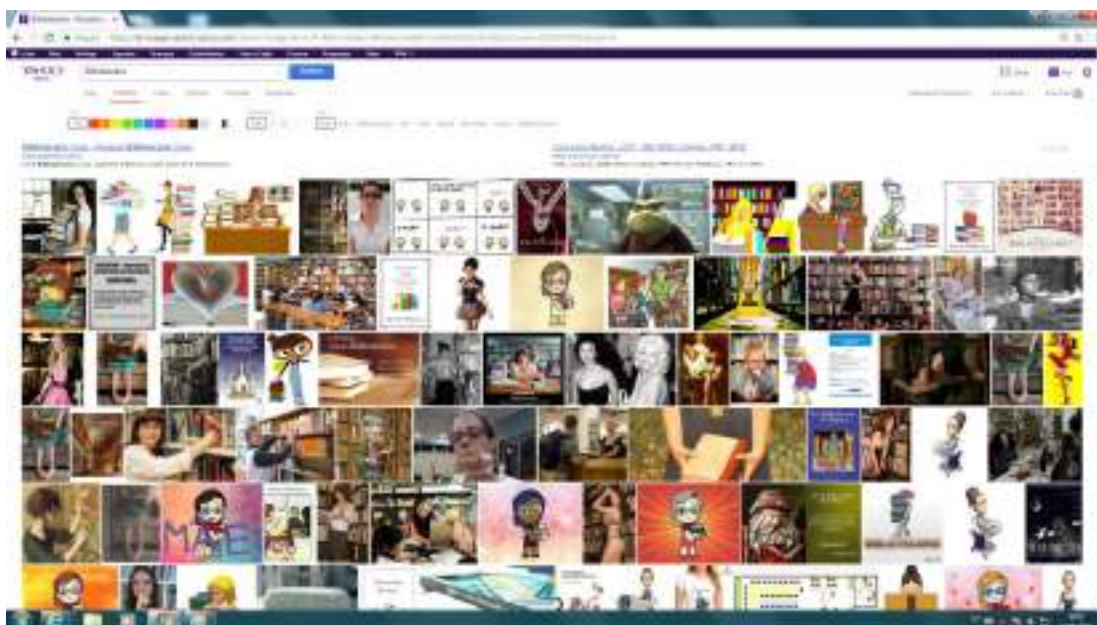


SUDESTE – 22/06/2017

Resultado da Busca 1 – Google Imagens

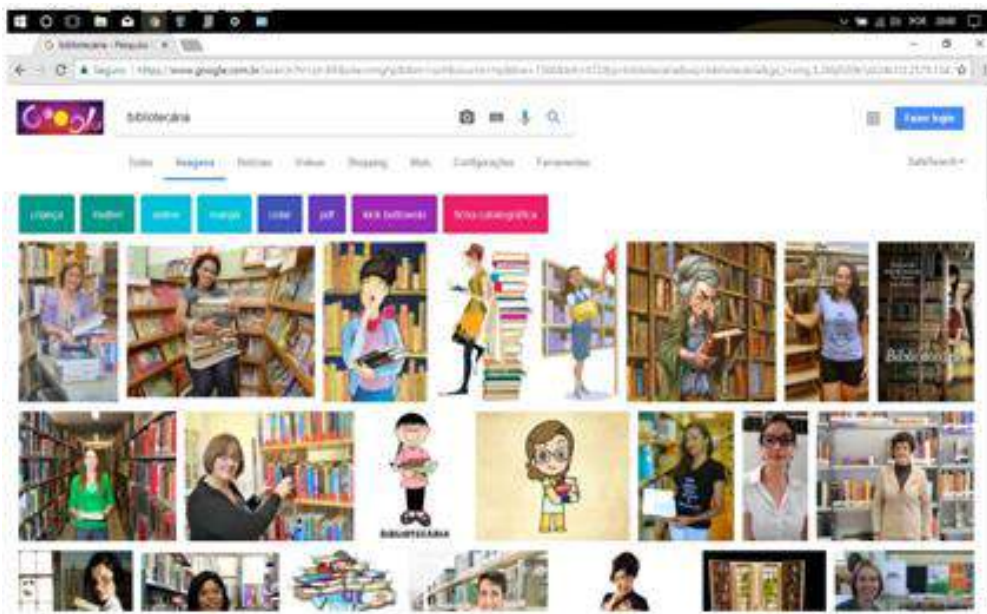


Resultado Busca 2 – Yahoo Imagens

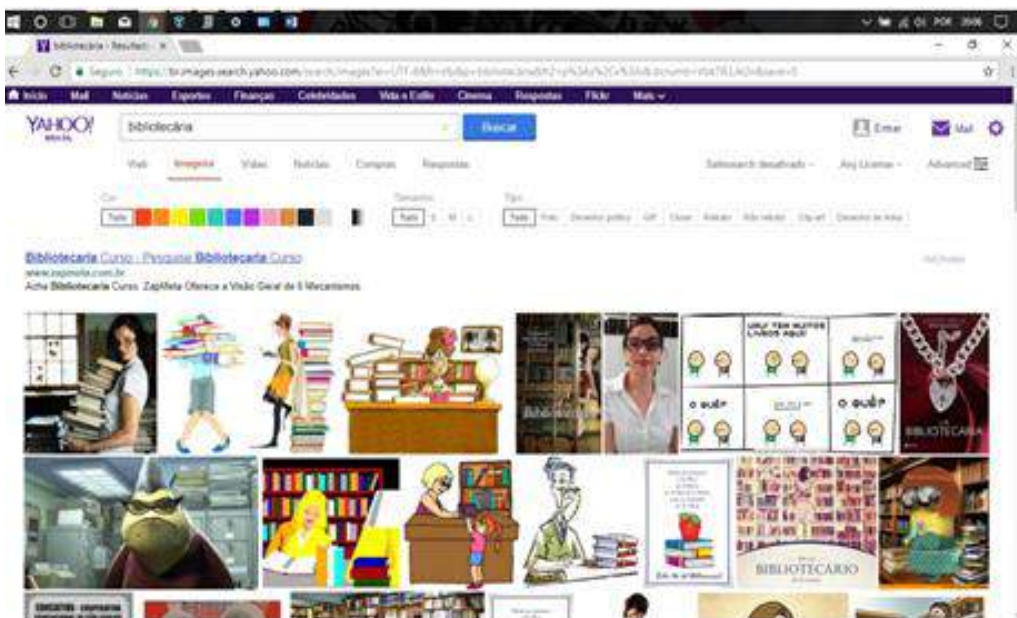


CENTROESTE – 22/06/2017

Resultado da Busca 1 – Google Imagens



Resultado Busca 2 – Yahoo Imagens



APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Cara bibliotecária, em primeiro lugar, agradeço o seu interesse em responder essa entrevista que compõe o trabalho de conclusão de curso intitulado “O impacto causado pelo estereótipo de gênero sobre a mulher bibliotecária do século XXI no Brasil”, realizado no Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob orientação da Professora Doutora Patrícia Mallmann Pereira Souto e coorientação do Professor Doutor Luciano Rodrigues de Souza Coutinho.

O objetivo da pesquisa é analisar o impacto causado pelo estereótipo de gênero na mulher bibliotecária do século XXI no Brasil durante o exercício de sua atividade biblioteconômica e cotidiana em bibliotecas vinculadas à Rede de Bibliotecas das Unidades de Pesquisa (RBP). Para tanto os sujeitos escolhidos para a pesquisa foram bibliotecárias-chefes que estejam no exercício da profissão, vinculadas à RBP, tendo como finalidade saber a opinião dessas profissionais a respeito da temática proposta. Assim sendo, sua participação nesta pesquisa consistirá em elemento fundamental para o alcance do êxito desejado.

Se você tiver alguma dúvida, por favor, entre em contato pelo e-mail isadoracristal@ufrj.br ou pelo telefone (21) 975[...].

Cordialmente,

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Fui convidada a participar da pesquisa para o trabalho de conclusão de curso intitulado “O impacto do estereótipo de gênero sobre a mulher bibliotecária do século XXI no Brasil”, realizado no Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob orientação da Professora Doutora Patrícia Mallmann Pereira Souto e coorientação do Professor Doutor Luciano Rodrigues de Souza Coutinho.

Estou ciente que este trabalho objetiva analisar a inferência do estereótipo de gênero no exercício da profissão da mulher bibliotecária. E que, nesta pesquisa, o será aplicado o método da Análise de Conteúdo, que se apropria da entrevista como técnica para coleta dos dados, dos testemunhos dos sujeitos da pesquisa. Sendo assim, é do meu conhecimento que

responderei a entrevista por pautas, podendo recusar responder qualquer pergunta, assim como interromper ou me retirar a qualquer momento, sem que explicações me sejam solicitadas ou venha a sofrer qualquer tipo de dano ou prejuízo. Esta pesquisa não representa riscos diretos para minha saúde ou bem-estar e os benefícios serão a ampliação do conhecimento sobre a pesquisa científica em Biblioteconomia e Gênero.

Caso eu queira tirar alguma outra dúvida ou solicitar algum esclarecimento, poderei entrar em contato com a pesquisadora responsável a qualquer momento. Não terei custo ao participar deste estudo.

Fui informada de que estão garantidos e assegurados o sigilo e o anonimato, que os dados serão gravados e usados apenas para fins do estudo, que a guarda dos mesmos é de responsabilidade da graduanda e que a divulgação dos resultados ocorrerá sob a forma de publicações científicas.

Concordo em participar voluntariamente neste estudo e declaro que todas as minhas dúvidas foram respondidas. Ressalto que embora esteja concordando em participar, não estou desistindo de nenhum direito.

Li e concordo com o termo de consentimento livre e esclarecido: () sim () não

Nome completo: _____

CPF: _____

Assinatura: _____

Local da entrevista: _____

Dia, mês e ano da entrevista: _____

Organização/instituição em que trabalha: _____

Esse termo foi elaborado em duas vias, depois de devidamente assinadas uma será entregue ao participante da pesquisa.

Assinatura do pesquisador

Assinatura do participante da pesquisa

APÊNDICE D – ROTEIRO DE ENTREVISTA*Identificação da entrevistada*

1 - Formação Acadêmica

- Graduação
- Especialização
- Mestrado
- Doutorado
- Pós-Doutorado

2 - Faixa etária

- Menos de 30 anos
- de trinta a 45 anos
- mais de 45 anos

3 – Tem filhos?

- Sim
- Não

4 - Há quanto tempo você é bibliotecária?

5 – Atualmente, é bibliotecária-chefe?

- Sim
- Não

Sobre a profissão

1 - Por que você escolheu essa profissão?

2 - A literatura mostra que o exercício da profissão requer algumas características, ainda, definidas como de mulher: zelo, dedicação, gentileza, entre outras. Você concorda ou discorda disso? Por quê?

3 – Teoricamente, os baixos status e prestígio na Biblioteconomia têm sido atribuídos à predominância de mulheres na profissão. O que você acha dessa afirmativa?

4 - Estudos de gênero realizados com bibliotecários demonstram que as mulheres bibliotecárias estão direcionadas a setores tradicionais menos valorizados como a biblioteca escolar e a infantil e a desenvolverem atividades de menor prestígio como organização do ambiente, recreação, práticas culturais, entre outras que supostamente requerem uma menor qualificação. Pela sua experiência profissional e como bibliotecária-chefe, você percebe isso no dia a dia? Em caso afirmativo, na sua avaliação, o que acha que isso causa?

5 - Você sente que tem ocorrido alguma mudança no mercado de trabalho e no reconhecimento social da profissão? Caso afirmativo, que mudanças são essas?

6 – Nos últimos tempos, pôde-se perceber um aumento de homens ingressando na Biblioteconomia. Em sua opinião, por que isso tem ocorrido e como você vê isso para profissão?

7 - Há diferenças no desenvolvimento das atividades na biblioteconomia entre homens e mulheres? Se sim, quais você identifica?

8 - O que você considera que define a progressão funcional dentro de uma biblioteca? Em sua opinião, as promoções tem relação com o sexo da pessoa?

9 - Quais competências você julga fundamentais na profissão?

10 - Como você se sente exercendo a profissão? Que desafios você tem enfrentado por exercer a profissão de bibliotecária?

11 – De todas as instituições das bibliotecas ligadas à Rede de Bibliotecas de Pesquisa (RBP) apenas duas têm em sua diretoria/presidência mulheres ocupando este espaço. Em sua opinião, a que motivos você atribui essa informação? Em sua opinião, isso influencia as decisões a serem tomadas na biblioteca?

12 - Diversos estudos da Biblioteconomia apontam que os poucos lugares de poder da área são direcionados aos homens. Ao verificar o cenário atual em algumas principais instituições da área essa premissa se confirma. Pode-se dizer que os cargos de liderança de topo ou de chefia na Biblioteconomia são, em uma visão estereotipada, cargos masculinos. Ao longo do seu percurso profissional você tem sentido o impacto desse estereótipo? Caso tenha, sofreu algum caso de discriminação de gênero por exercer essa profissão?

13 – De acordo com a recuperação de imagens de bibliotecárias feita por usuários da Web, a maioria continha efeitos de dois estereótipos. Em primeiro lugar, o estereótipo da bibliotecária jovem, sexy e provocativa; e em segundo lugar, o estereótipo da bibliotecária velha, ranzinza e carrancuda. Em algum momento da sua vida, você sentiu que esses estereótipos tiveram certo impacto? Se sim, como isso te afetou?

14 - Por que, em sua opinião, ainda ocorre preconceito relacionado à mulher bibliotecária?

15 – Na sua opinião, que alternativas poderiam ajudar na modificação do estereótipo de gênero sobre a mulher bibliotecária atualmente?